

REVISTA DA SEMANA

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL

Nº 46 ★ 18-11-50





NO TEXTO: **EROS VOLUSIA EM FAMILIA**

S. Excia. O VEREADOR PIMPINELA

MAIS SABOR... MELHOR APETITE!...



De manhã!
No almôço!
No lanche!
No jantar!









As boas cozinheiras e donas de casa experientes sabem que o Chocolate, Fermento, Canela, Pimenta e Môlho Bhering são os melhores "ajudantes de cozinha", porque lhes permitem preparar, a cada momento, as mais deliciosas iguarias: um chocolate delicioso, com o puríssimo Chocolate Bhering... mingáus polvilhados com a Canela Bhering... bolos mais macios, fôfos saborosos com o Fermento Bhering... e, nos assados e outros pratos das refeições principais, uma nova riqueza de sabor, com Pimenta em Pó e o Môlho Bhering! Facilite, portanto, à sua cozinheira, o preparo dessa alimentação saborosa e nutritiva. Jamais deixe faltar em sua despensa o Chocolate, Fermento, Canela, Pimenta e Môlho Bhering!

Bhering, Cia. S.A.

RUA ORESTES, 28 — RIO DE JANEIRO



Flagrante obtido já depois da tentativa de morte contra o presidente Truman, diante da Blair House, deixando vêr o cordão de isolamento para maior proteção do chefe da nação norte-americana, e um oficial motociclista dando novas instruções a um guarda ali posto para reforçar a vigilância. Nêsse mesmo local verificou-se o assalto de dois nacionalistas de Porto Rico, um dos quais foi morto durante a luta e o outro preso.

ÊLES QUISERAM ASSASSINAR TRUMAN

O QUE FOI A TENTATIVA DE MORTE NA PESSOA DO CHEFE DA NAÇÃO NORTE-AMERICANA --- EM BLAIR HOUSE, FOI HOSPEDADO O PRESIDENTE DUTRA QUANDO VISITOU OS ESTADOS UNIDOS --- FLAGRANTES DO EPISODIO QUE PRETENDIA ABALAR O MUNDO

(Serviço fotográfico Keystone, especial para a REVISTA DA SEMANA).

O ATENTADO contra o presidente Truman, ocorrido num dos primeiros dias do mês, foi o sexto realizado contra um presidente norte-americano, desde a fundação da República.

O presidente Abrahão Lincoln foi assassinado em 14 de abril de 1865, no teatro de Washington, pelo ator Edwin Booth. O presidente James Garfield foi ferido, na mesma cidade, em 19 de setembro de 1881, por Charles Giteau. Morreu no mesmo dia. O presidente William Mac Kinley foi ferido em Buffalo no Estado de Nova-York, em 6 de setembro de 1901, por um demente achamado Leon Czoigozz. Morreu em 14 de setembro. O presidente Theodore Roosevelt foi vítima de uma tentativa de assassinato, em Mitwaukee, no Visconsin, em 14 de outubro de 1912, durante a campanha eleitoral. Theodore Roosevelt foi apenas ligeiramente ferido, e pôde prosseguir em sua campanha. No dia 15 de fevereiro de 1933, Franklin Roosevelt, que assumiu a presidência em março do mesmo ano, escapou a um atentado perpetrado pelo anarquista Giuseppe Zangara, em Miami, na Florida. O tiro de revolver de Zangara atingiu o sr. Anton Cermak, prefeito de Chicago, que era hóspede de Roosevelt. Cormak morreu em 6 de março e Zangara foi eletrocutado. Finalmente, agora, Henry Truman foi também protagonista de ocorrência análoga, da qual saiu ilêso. Êle se encontrava na Blair House, em Washington, por motivo de obras no edificio em que reside o chefe da nação, White House. Dois fanáticos indivíduos de Porto Rico, Oscar Collazo e Griselio Torresola, ao que parece participantes de um complot cuja extensão as autoridades policiais procuram agora esclarecer, atacaram os guardas incumbidos do policiamento da Blair House muito bem armados e com o propósito de penetrar no edifício, onde, uma vêz lá dentro, exterminariam Mr. Truman. Duas são as hipóteses mais aventadas pelos que conduzem as investigações sôbre o rumoroso episódio. A primeira é a de que êle faça parte de uma conspiração terrorista, com o objetivo de atrair a atenção, com uma morte sensacional, sôbre o problema do Estatuto de Porto Rico. A segunda, mais sutil, é a de que seja, na realidade, um ato de inspiração comunista mascarado de terrorismo nacionalista.

Essa segunda hipótese é adotada por muitos anti-comunistas ferrenhos na América. Entretanto, é repelida pelos líderes vermelhos norte-americanos, que, recordando que a doutrina marxista reprova o terrorismo individual, declaram que o atentado deve ter sido precisamente inspirado por anti-comunistas, como uma provocação. O incidente fez re-



Quarenta e cinco minutos depois da tentativa de morte, o presidente Truman aparece no Arlington National Cemetery, em Washington, junto ao monumento recém-inaugurado do Field Marshall Sir John Dill.



Griselio Torresola, um dos assaltantes da Blair House, morto, no necrotério de Washington. Êle foi alvejado pelos vigilantes secretos da Guarda da Casa Branca, tendo um destes também perdido a vida.



Oscar Collazo, o outro atacante, também ferido, no Hospital de Emergência, depois de ter baleado mortalmente um dos guardas da residência temporária de Truman durante as obras da Casa Branca.

cordar, porém, que também os norte-americanos, sempre anti-colonialistas, em suas intervenções no mundo inteiro, tem seus problemas coloniais. A ilha de Porto Rico, cuja importância estratégica explica a presença americana, possui, na União americana, o Estatuto de «território». Trata-se apenas vagamente da questão de lhe ser concedida a posição de Estado e existe em sua população uma minoria nacionalista, que deseja sua independência imediata. Essa reivindicação é também apoiada pelo partido comunista local.

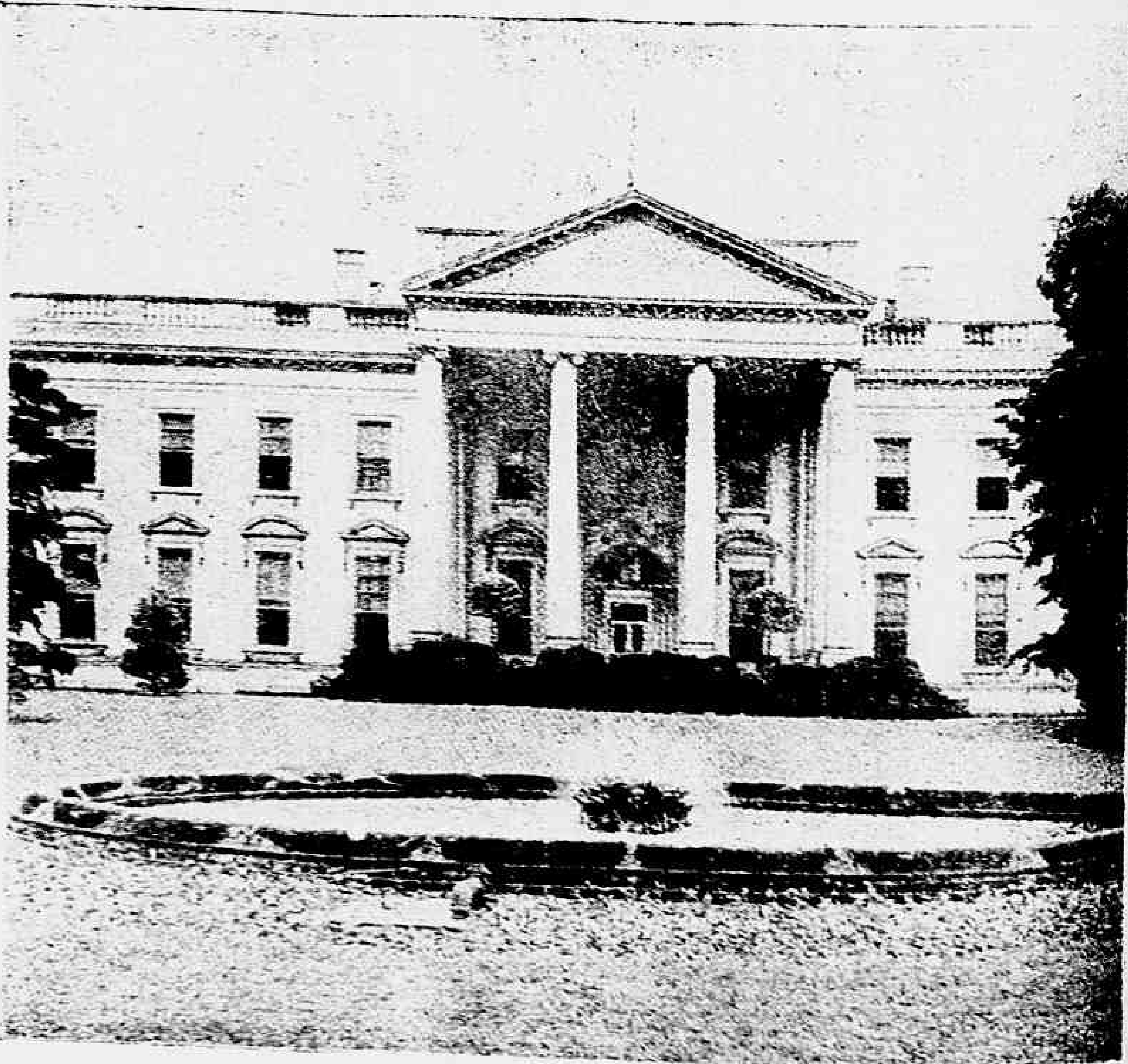
A questão do Estatuto político resulta, entretanto, secundária. A maioria dos portorriquenhos não é partidária da separação e serão brèvemente realizadas eleições para uma Assembléia Constituinte, que decidirá seu destino. São notadamente os problemas econômicos que se apresentam com crueza. Os recursos próprios da ilha, todos o sabem, são insuficientes para sustentar sua população, que emigra em massa para os Estados Unidos, o que significa apenas um adiamento do problema. E essa pobreza gera um descontentamento fácil de explorar com fins políticos ou nacionalistas. E', entretanto, lamentável que se tivesse pensado na eliminação de Truman, justamente um dos estadistas americanos que mais se tem preocupado com as reivindicações portorriquenhas.

—o—

Não deixa de ser curioso e oportuno recordar que na Blair House esteve hospedado o atual presidente da República do Brasil, general Eurico Gaspar Dutra, por ocasião de sua visita à grande nação amiga.



Carmen Dolores Matteo Torresola, espôsa de Grisello Torresola, considerada cúmplice da tentativa de morte de Truman, também de Porto Rico e cuja fiança foi arbitrada em 50 mil dólares.



Casa Branca, residência oficial do Presidente da República dos Estados Unidos, que nêste momento sofre várias reformas. Por essa razão Truman provisòriamente transferiu-se para Blair House.



TRUMAN NA VARANDA da Blair House, por onde tentaram entrar os assaltantes. Nessa mesma casa foi hospedado o presidente Dutra por ocasião de sua visita aos Estados Unidos.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ 46 ★ 18-11-1950

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição nº 58, 1º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

O LEITE QUE BEBEMOS



NOTA de sensação, a que a imprensa divulgou a 3 de Novembro corrente acerca da espécie de leite que o carioca bebe. O caso chega às raias do inacreditavel, tão escandaloso é. Ninguém ignora que o leite vem perfeito lá das fazendas e sai das usinas beneficiadoras, com o seu valor integral. Mas, ao cair nas mãos dos distribuidores e revendedores, é imediatamente batizado. Quando êsse leite, que já não é mais que água leitosa chega a pensões, hotéis e cafés, novamente recebe outro batismo, a confirmação da mais descarada contravenção. As autoridades sanitárias levam anos e anos a perseguir os fraudadores. Prendem-nos em flagrantes, lavram-se autos, há processos penais, e o leite do Rio é isso que todos nós vemos e sentimos: uma água apenas leitosa... Mas, o episódio sensacional da semana última foi fornecido pelos dirigentes da Comissão Central dos Produtos do Leite, organização privada, sem nenhum cunho oficial. Analisando as estatísticas sôbre o consumo do leite nesta capital, chegaram à conclusão de que, no mínimo, o leite que o carioca ingere, diàriamente, recebe um reforço de cem mil litros de água! O Distrito Federal, em 1930 consumia trezentos mil litros de leite. Hoje, com uma população de quase 2.500.000 habitantes, ou sejam mais oitocentos mil pessoas, continua a beber a mesma quantidade de leite. Enquanto isso, lá nos centros produtores, os fornecedores de leite deitam nos rios e no mato mais de cem mil litros de bom leite puro, porque não encontram mercado... E' que a água passa a ser «mistura fina» e barata... A C.C.P.L. muniu-se de Laboratórios portáteis e, com auxiliares técnicos e médicos, começou a campanha contra os negociantes inescrupulosos que fazem de um litro dágua três de leite...

LEI SÊCA NO BRASIL



O deputado Sr. Guaraci Silveira, do P R T, apresentou um projeto de lei que faz lembrar o «dry low» dos Estados Unidos há muitos anos, isto é a lei sêca, a lei que proibia a venda de bebidas alcoólicas no território daquêle país. Todos conhecem o que resultou da lei sêca norte-americana. Foi justamente quando mais se bebeu em todo o território da grende República, e quando maiores foram os lucros dos que se especializaram em venda e fabrico de bebidas proibidas. Os processos de contravenção chegaram à perfeição. Muitas vezes os viciados serviam seu «brandy» às vistas das autoridades repressoras... O cinema nos mostrou o que foi a luta entre bandos contrabandistas de bebidas alcoólicas, e o nome do famoso Al Capone se tornou universalmente conhecido. O Brasil não tem o grau de cultura dos Estados Unidos. Uma lei sêca, evidentemente, redundará inoperante, não sòmente lá como aqui. E' verdade que a do projeto Guaraci é parcial, permitindo o uso de cerveja, vinho e outras espécies de menor teôr alcoólico; mas como poderão privar as próprias elites sem os chamados «coocktais»? Como poderão almoçar uma feijoada completa os nossos operários e trabalhadores em geral, sem um «oleozinho de Ipioca»? E a indústria da aguardente, uma das mais vigorosas por todo êste imenso Brasil? A intenção do eminente deputado é das mais louváveis. Entretanto, é absolutamente inocua, se convertida em lei. O jogo do bicho é prova provada de que tais progressos sociais não se conseguem através de decretos. Depende do grau de cultura do povo. O assunto é mais pedagógico do que legal. No dia em que, toda a população escolar do país estiver orientada contra o alcoolismo, as geraçes futuras repelirão as bebidas fortes.

OS QUATRO DIGNOS



CONTINUA a ser motivo de comentários a decisão da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, criando novos cargos de quinze a vinte mil cruzeiros mensais, para empregar vereadores que não foram eleitos no pleito de 3 de outubro. Todos sabem que as chamadas Secretarias do nosso legislativo municipal constituem o mais custoso aparelhamento burocrtico de que se tem memória na vida politico-administrativa do Brasil, e os empregos são constantemente aumentados, não pela necessidade imposta pelos negócios públicos, mas, simplesmente, para colocar afilhados e protegidos dos que dispõem do poder político. Agora, porém, o caso chegou a tal excesso de favoritismo, que se serviram da re-estruturação dos quadros do pessoal da Secretaria da Câmara Municipal, para criar novas Secretarias e, por êsse meio, dar empregos custosissimos a candidatos que foram derrotados nas urnas pelo eleitorado carioca. O assunto teve repercussão nos meios populares e no seio dos partidos, tendo-se mesmo manifestado a UDN, aplicando a punição de perda dos direitos partidários a sete de seus vereadores que concordaram com aquêle escandaloso processo de colocar amigos e apadrinhados. Mas, nem tudo está perdido. Houve vereadores que protestaram contra a tal re-estruturação da Secretaria, considerando-se um absurdo, irreparavel sangria nos cofres públicos e uma afronta ao eleitorado carioca. Foram estes, os quatro dignos representantes do povo: Xavier de Araujo, Osório Borba, Lygia Maria Lessa Bastos e Paes Leme. E' pena que os dois primeiros não tenham conseguido votação suficiente para continuar a defender os direitos do nosso povo.

A REVOLUÇÃO NO TRÂNSITO



O movimento de veículos no Rio cresce a cada dia que passa, aumentando a confusão nas ruas e praças, não sòmente no centro urbano, como em bairros afastados. O problema sempre foi motivo de estudos e reformas de mão contra-mão, proibição de estacionamentos, etc., tudo o que pudesse minorar a angústia dos engarrafamentos quase diários nas horas do corre-corre para o almôço ou para o jantar. Durante os dezessete anos de direção do Sr. Edgar Estrêla, muitas experiências se fizeram na cidade, sendo que as últimas foram as da mão única na própria Av. Rio Branco das dezessete às dezenove, alterando-se também a mão nos túneis do Leme e ruas que levam à Av. Atlântica, à saída dos mesmos. Mas, apesar de todos os estudos e experiências, o problema permanecia insolúvel. Argumentou-se que o caso não era de estabelecer mão e contra-mão, mão única ou meter pés pelas mãos, e sim, abrir outras vias de acesso, alargar praças, derrubar edifícios que atravancam o trânsito, aumentar o número de postes sinaleiros e o pessoal encarregado da polícia do trânsito. Esta, realmente, é a maior necessidade para melhorar o serviço de veículos nas ruas do Rio, geralmente estreitas, tortas e mal traçadas no sentido urbanístico dos escoamentos humanos. Entretanto, como tais providências requerem milhões que não são achados como quem cava minhoca em beira de riacho, o novo diretor do trânsito decidiu dar uma lição de mêstre e mostrar que o problema poderia ser resolvido (pelo menos temporàriamente), com a cidade como está. Embora ainda em comêço de experiência, tudo faz crêr que o Major Côrtes está vitorioso.

A PERSONAGEM DA SEMANA

NÃO pode haver mais difícil cargo neste país, do que o de Diretor do Trânsito da Capital Federal. Cidade que ainda não se desfez de sua fisionomia tìpicamente colonial, com ruas estreitas e sinuosas, como se ainda estivessem indicando os caminhamentos dos séculos dos vice-reis, o Rio de Janeiro desilude a quantos procuram executar um plano direto: que resolva os imensos problemas do tráfego. Em 1930, o número de veículos não chegava a 35 mil. Hoje, segundo as estatísticas, rodam pelas ruas do Rio de Janeiro, quase oitenta mil. entre automóveis particulares e de aluguel, caminhões, ônibus, bondes, etc.. Mas as vias de circulação se mantiveram quase as mesmas, exceção da Avenida Presidente Vargas e um túnel, coisa insignificante para a situação aflitiva em geral. Diversas instituições particulares têm procurado contribuir para a melhoria do trânsito, instituindo campanhas e provocando estímulos; nossa imprensa, sempre que é convidada a intervir, põe suas colunas a serviço dos inovadores, todos trabalhando no sentido de resolver uma situação que é verdadeiramente angustiosa. De quando em quando as autoridades competentes realizam "Semanas do Trânsito" com o fim de corrigirem defeitos de pedestres e de motoristas, educando-os mùtuamente para que se evitem tantos acidentes. Mas, todo mundo sempre julgou que a solução do trânsito estaria condicionada à abertura de novas avenidas. Ao assumir o difícil lugar de Diretor do Trânsito, o major Geraldo Menezes Côrtes passou a estudar o assunto com vontade de decifrar a Esfinge. Chamou alguns técnicos e organizou com êles um esquema ilustrativo, fazendo uma conferência pública com a presença de autoridades e da imprensa carioca, dando, após, interessante entrevista à REVISTA DA SEMANA. Como pensar e não executar é pior que executar sem pensar, o major Côrtes executou o plano que passou a ser considerado "Revolução no sistema do Tráfego do Rio". O que vem sendo isso, tôda a cidade sabe. Lançado o sistema na semana anterior à em que está êste número em circulação, iá na semana que passou estava aprovado o "test". O major Menezes Côrtes decifrou a Esfinge que "devorava" os viandantes. A cidade está mais desafogada, e, embora seja cada vez mais urgente a abertura de novas vias, as angústias foram detidas, e o Diretor do Trânsito merece o destaque desta coluna.



Major Geraldo Menezes Côrtes, Inspetor Geral do Tráfego

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ..	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — NO FIM DE QUE ÉPOCA FOI QUEIMADA VIVA JOANA D'ARC:
Da Escravidão?
Da Burguesia?
Do Feudalismo?

2 — COMO ERA O NOME TODO DE SHAW:
George Bernard Shaw?
Bernard George Shaw?
William Jack Shaw?

3 — EM QUE REINADO A INGLATERRA CONQUISTOU GIBRALTAR:
No de Ricardo Coração de Leão?
No de Jorge II?
No de Anne Stuart?

4 — QUE SIGNIFICA «AMULETO»:
Nome de um feiticeiro?
Animal do Saara?
Talismã miraculoso?

5 — QUE QUER DIZER SÓSIA:
Indivíduo muito parecido com outro?
Companheiro de trabalho?
Gêmeos?

6 — O AMIANTO É PRODUTO:
Vegetal?
Artificial?
Mineral?

7 — QUAL A PROPRIEDADE ESSENCIAL DO AMIANTO:
Ser incombustível?
Resistir a traças?
Inflamar-se fàcilmente?

8 — QUE QUER DIZER ALBATRÓS:
Comedor de peixe?
Ave de rápina?
Vestido de branco?

9 — QUE NOME TEM O ESTREITO QUE SEPARA A AMÉRICA DA RÚSSIA:
Bering?
Finisterra?
Labrador?

10 — QUE QUER DIZER: «AGNUS DEI»:
Dêem-nos água?
Deus te salve?
Cordeiro de Deus?

11 — DE QUE NACIONALIDADE ERA O SÁBIO NATURALISTA LUIS AGASSIZ, AUTOR DE «VIAGEM AO BRASIL»:
Francesa?
Suíça?
Portuguêsa?

12 — COMO SE CHAMA O TERRITÓRIO EM QUE ESTÁ A CIDADE E PORTO DE DAKAR, NA ÁFRICA:
Nigéria?
Senegambia?
Angola?

13 — QUAIS FORAM OS MARES UNIDOS PELO CANAL DE SUEZ:
Mediterrâneo e Mar Vermelho?
O Atlântico e o Pacífico?
O Mar de Marmara e o de Azov?

14 — QUAL A CADEIA DE MONTANHAS QUE SEPARA A FRANÇA DA ESPANHA:
Os Apeninos?
Os Alpes?
Os Pirineus?

15 — QUE SIGNIFICA «SERRA ALCANTILADA»:
Muito alta?
Cheia de pedras?
Ou sempre coberta de neve?

16 — QUAL A CIDADE SERGIPANA MAIS POPULOSA DEPOIS DA CAPITAL:
S. Cristovão?
Propriá?
Estância?

17 — SEGUNDO A LENDA, QUEM FOI QUE DECIFROU O ENIGMA PROPOSTO PELA ESFINGE:
O sábio Thales de Mileto?
Édipo?
O Imperador Ramses II?

18 — QUE NOME SE DAVA AO CINEMA QUANDO APARECEU NO RIO:
Cosmorama?
Animatágrafo?
Kaleidoscópio?

19 — QUEM FOI ERIS, NA MITOLOGIA GREGA:
A deusa da Discórdia?
A emissária da Fortuna?
A deusa da Juventude?

20 — NA GRADUAÇÃO MILITAR ANTIGA, A QUE POSTO CORRESPONDIA O LUGAR DE FURRIEL:
Ao de 3º sargento da atualidade?
Ao de cabo?
Primeiro tenente?

(Resposta na página 58)



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* Gesteira é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* Gesteira.

A acção que o *Regulador* Gesteira exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* Gesteira o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

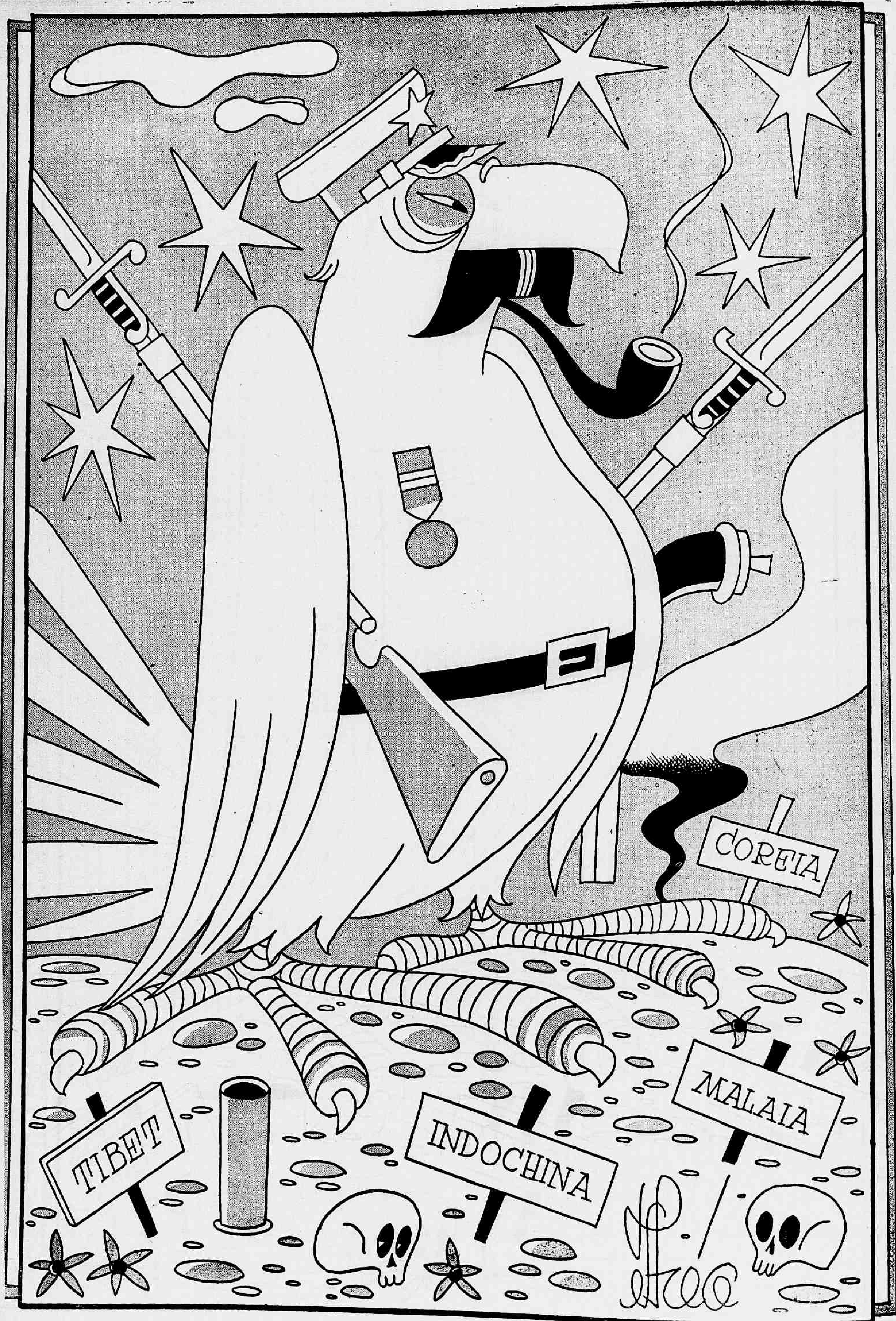
COMO APRENDER A DANÇAR

4.ª EDIÇÃO AMPLIADA



Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRÁTICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

À venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



A POMBA DA PAZ (modêlo soviético 1950)



AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL — APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFÉRTAS

GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00, enviaremos um colar com linda medalha de prata, com gravação de um verso religioso

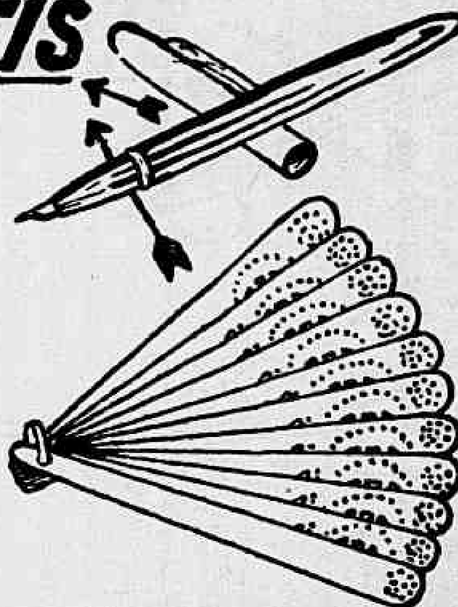
CASAS ROULIEN

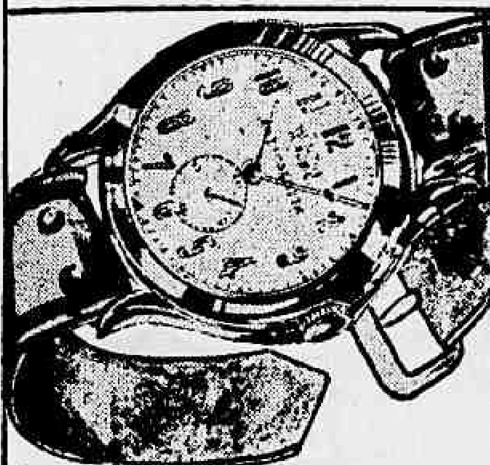
Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950, por preço de reclame.

GRATIS

Para compras acima de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artístico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho.

Compre para V.S., seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.

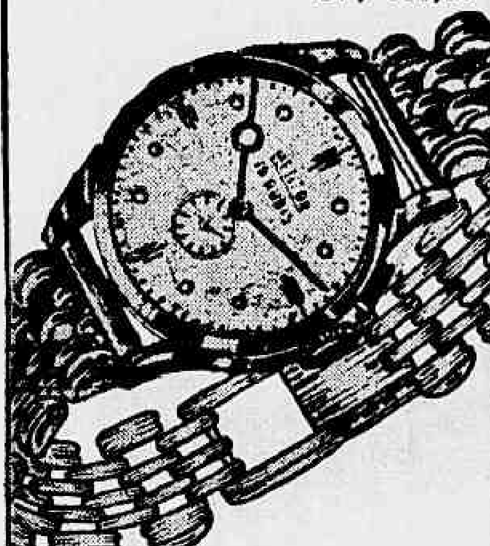




24188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suíço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plástica, fundo de aço, anti-magnético e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00



24189 CRONÓGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suíça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00



24187 SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suíço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada a ouro com fecho de graduação. Linda jóia. APROVEITEM!..Cr$ 425,00



24161 EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suíça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00



24191 DESLUMBRANTE relógio THUSST, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia —Cr$ 575,00

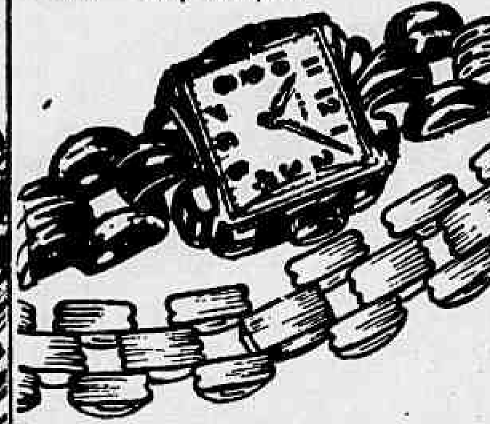


Cr$ 595,00

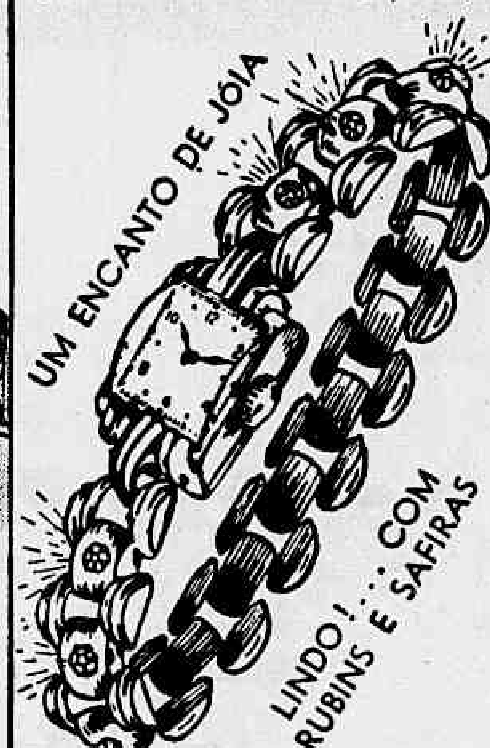
24186 SENSACIONAL!.. MARAVILHOSO relógio Suíço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada. Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00



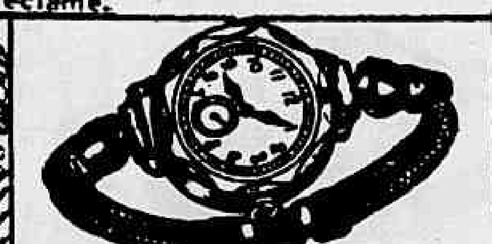
24185 DISTINTO relógio para senhora, Suíço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00



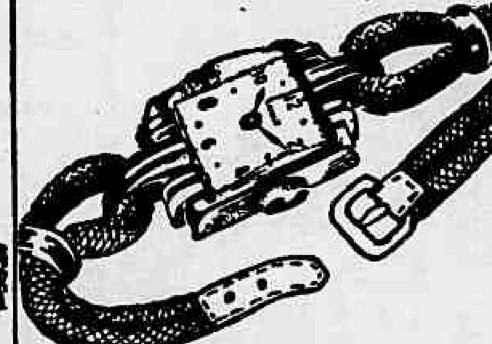
24111 LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suíço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Envie-nos medida do pulso. Cr$ 489,00



24184 DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suíço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAN também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações. Cr$ Cr$ 655,00



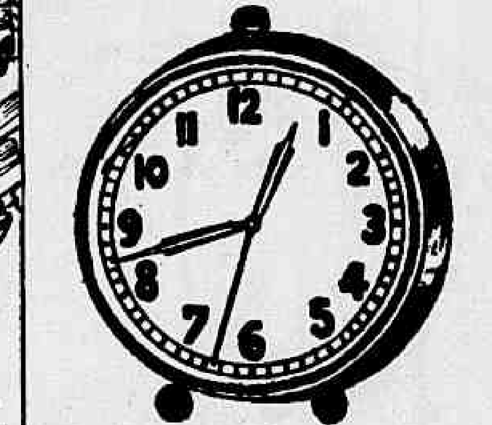
24139 Relógio Suíço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ Cr$ 198,00



24183 MARAVILHOSO, ANTI-MAGNÉTICO, para senhora, Suíço, ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00



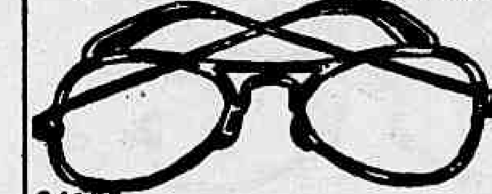
24180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Envie-nos a medida do pulso. Cr$ 133,00



24144 - DESPERTADOR Suíço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00



24099 ELEGANTE ÓCULOS NUMONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça -Cr$ 125,00



24100 DISTINTO óculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.



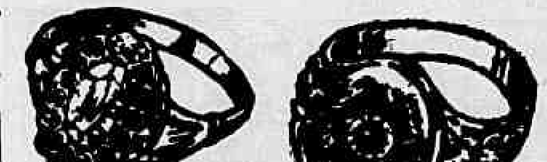
24174 ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro —Cr$ 110,00

MEDIDAS PARA ANEIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou arame a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.



24172 ALIANÇAS de ouro, 18 quilates, largas Cr$ Cr$ 101,00 Par Cr$ 195,00

24159 DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00 Envie-nos a medida do dedo



24165 - LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo, em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 285,00

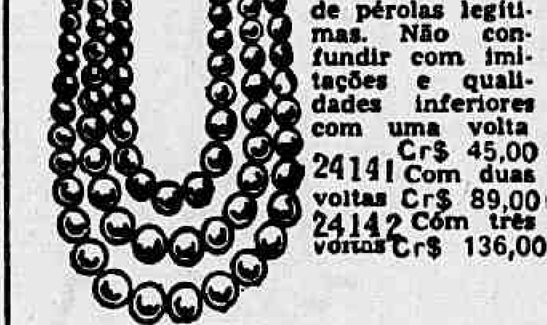
24162 ANEL em prata de lei, com a estrêla da República em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00



24163 DEUS TE GUIE em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00

24170 BRINCOS CORAÇÃO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia —Cr$ 122,00





24140 COLARES DE PÉROLAS Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legítimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta Cr$ 45,00

24141 Com duas voltas Cr$ 89,00

24142 Com três voltas Cr$ 136,00



24107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00

ACEITAMOS REPRESENTANTES IDONEOS E COM OTIMAS REFERENCIAS, PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.



24203– DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00.

EMBELEZE O SEU RELOGIO COM UMA LINDA PULSEIRA



21167– DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeiríssima qualidade — Cr$ 95,00

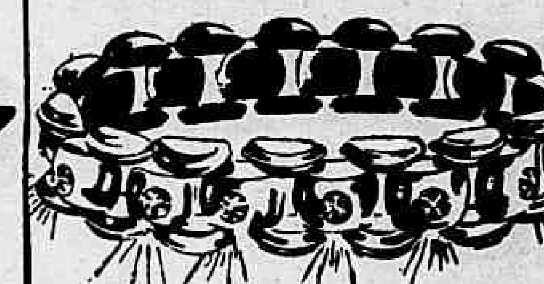


24192– DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia. Cr$ 172,00



24169– BELISSIMA pulseira para relógio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptável a qualquer tipo de relógio. Cr$ 155,00

LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE, COM UMA LINDA JÓIA.



24693– MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, absoluta garantia, com cravação de rubis. Cr$ 299,00 Não confundir com imitações.



24108– VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suíça, um moderno e lindo adorno Mantém o brilho inalterável a perfeita aparência de legítimo ouro Com cinco voltas .... Cr$ 295,00

As CASAS ROULIEN Garantem aos seus fregueses, preços mínimos, qualidade, remessa rápida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador PEDIDOS AS CASAS ROULIEN Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 [illegible] 2.' Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - TEL. 49-0419

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil [illegible] há mais de [illegible] anos [illegible] merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUESES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM A DOMICÍLIO — FONE 49-0419

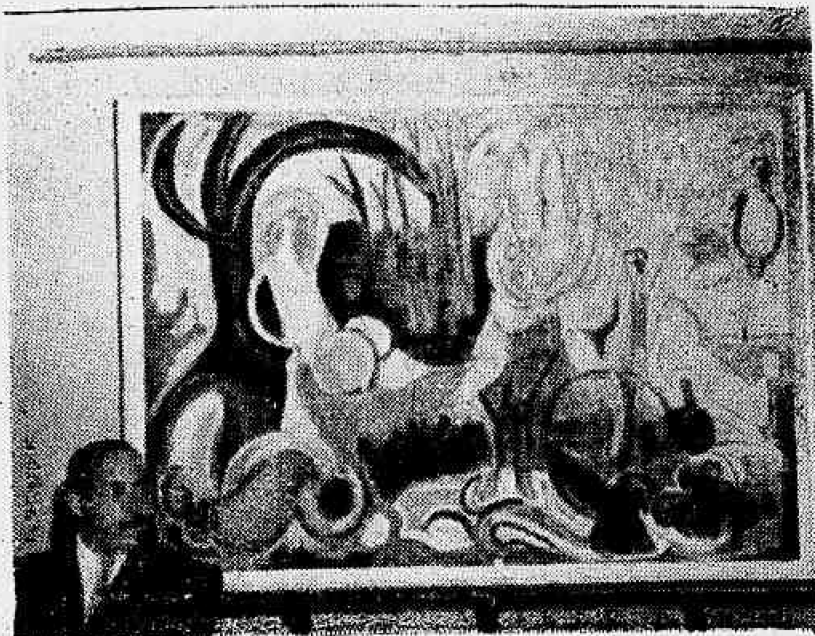


"ALEGRIA DE VIVER" — Sem dúvida um dos belos grupos escultóricos da seção geral que abrilhantam o Salão de 1950. E' devido a Mateus Fernandes, que tão bem soube reproduzir a mensagem de esperança num mundo melhor.

PLÁSTICA, CÔRES E INTERPRETAÇÃO

REGISTRO DO QUE É CONSIDERADO NO BRASIL A MAIS ALTA EXPRESSÃO ARTÍSTICA: LV SALÃO NACIONAL DE BELAS ARTES — AS DUAS TENDÊNCIAS ATUAIS DOS ARTISTAS BRASILEIROS: MODERNISTAS E NÃO MODERNISTAS — PROFUSÃO DE PINTURAS — A ESCULTURA É MELHOR REPRESENTADA.

Texto e fotos de SABINO CANALINI



NO CATÁLOGO está escrito que o quadro acima representa «Figuras e paisagem». E' bom explicá-lo para que não surjam confusões.

O Salão Nacional de Belas-Artes é uma das iniciativas oficiais mais úteis que o Brasil possui. Tradicional, secular, educativo. Instituído após a fundação da Academia de Belas-Artes por D. João VI, já no período imperial, tinha como finalidade primordial, a de exibir os trabalhos dos alunos matriculados na imperial Academia. Graças ao espírito evoluído de seus dirigentes, aos poucos, sua esfera de influência foi se alargando, a arte ensinada desceu de seu pedestal aristocrático para impressionar também a gente do povo. O Salão foi então aberto para todos os artistas "residentes" no país, brasileiros ou não. Com o advento da república, aumentou sua popularidade, especialmente quando foi instituído o ambicionado prêmio de viagem à Europa. Hoje conta também com o prêmio de viagem pelo país. Essas etapas representam o caminho percorrido pela existência da Escola, da Academia e do Salão Nacional de Belas-Artes, obedecendo à carinhosa aceitação e compreensão que a arte mereceu das nossas autoridades. Não é o suficiente, muito menos o ideal. Verdade seja dita, as artes e os artistas, encontram no Brasil terreno pouco propício a seu desenvolvimento. Raras e medrosas iniciativas oficiais. Por isso mesmo, merece destaque tudo o que se faça em prol do aperfeiçoamento didático, do aproveitamento e do incentivo que se proporciona às exteriorizações das vocações artísticas. E' o que diz respeito ao Salão Nacional, apesar de todos os sacrifícios que lhe são impostos, as restrições e o desinterêsse da grande maioria. Representa para os artistas o único e verdadeiro estímulo à persistência na produção artística, quando o desânimo inicia seu traiçoeiro traba-



«NATIVIDADE», a delicada estatueta de Lélio Coluccini, apresenta a curiosa característica dos traços mongólicos.



OS TRABALHOS apresentados foram numerosos e encheram completamente o exíguo espaço em que foram exibidos. Fileiras duplas de quadros pendurados nas longas paredes, esculturas amontoadas no centro das salas e as artes aplicadas tiveram as estantes, com as cerâmicas, os marfins, os brônzes e as miniaturas, relegadas a uma pequena saleta onde estavam apertadas com mais quadros.

NO REDUTO DOS ARTISTAS

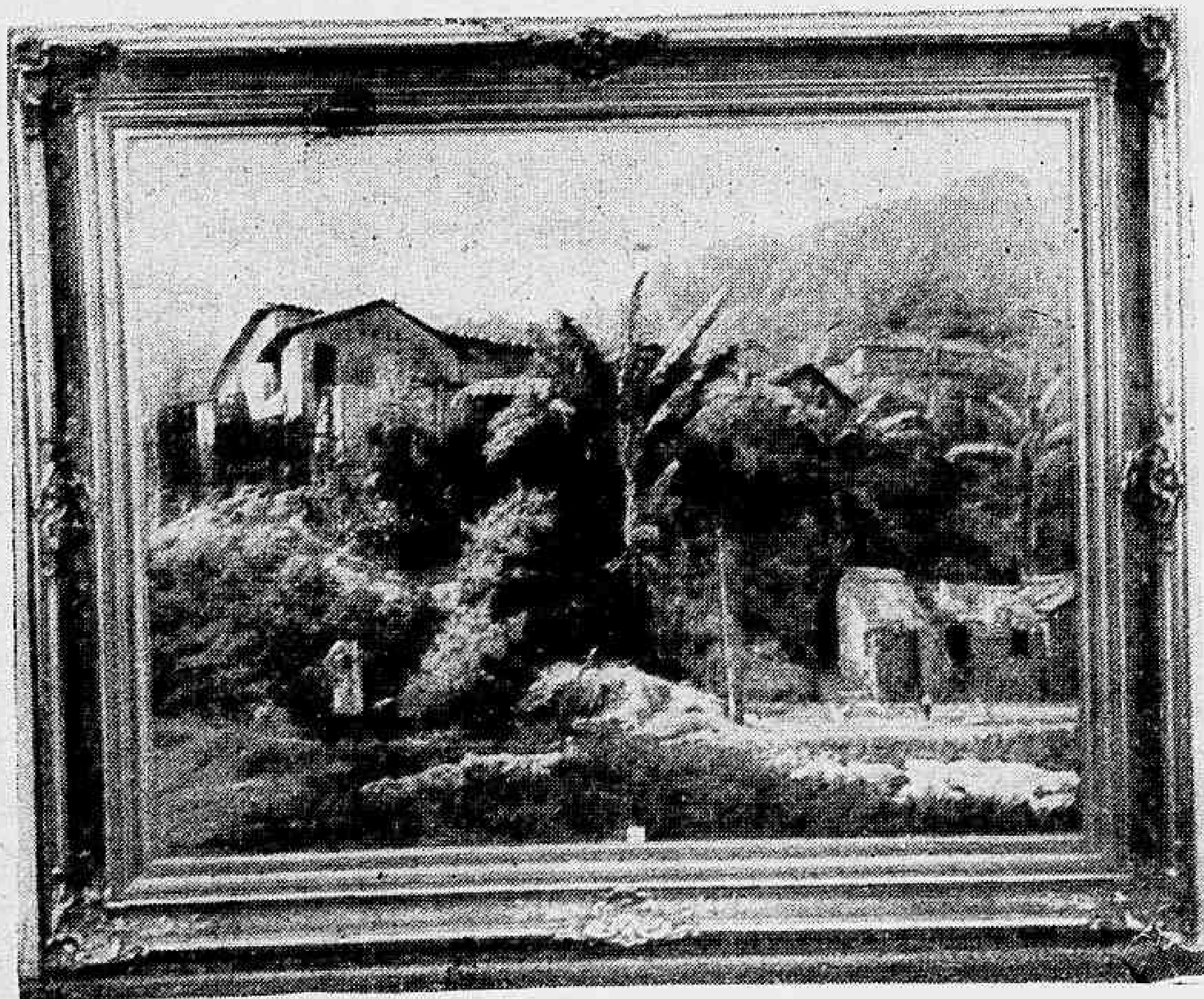


AS CABEÇAS e os bustos figuraram também em grande número, como a da foto, retrato de C.P.C., de autoria de Francisco de Andrade.

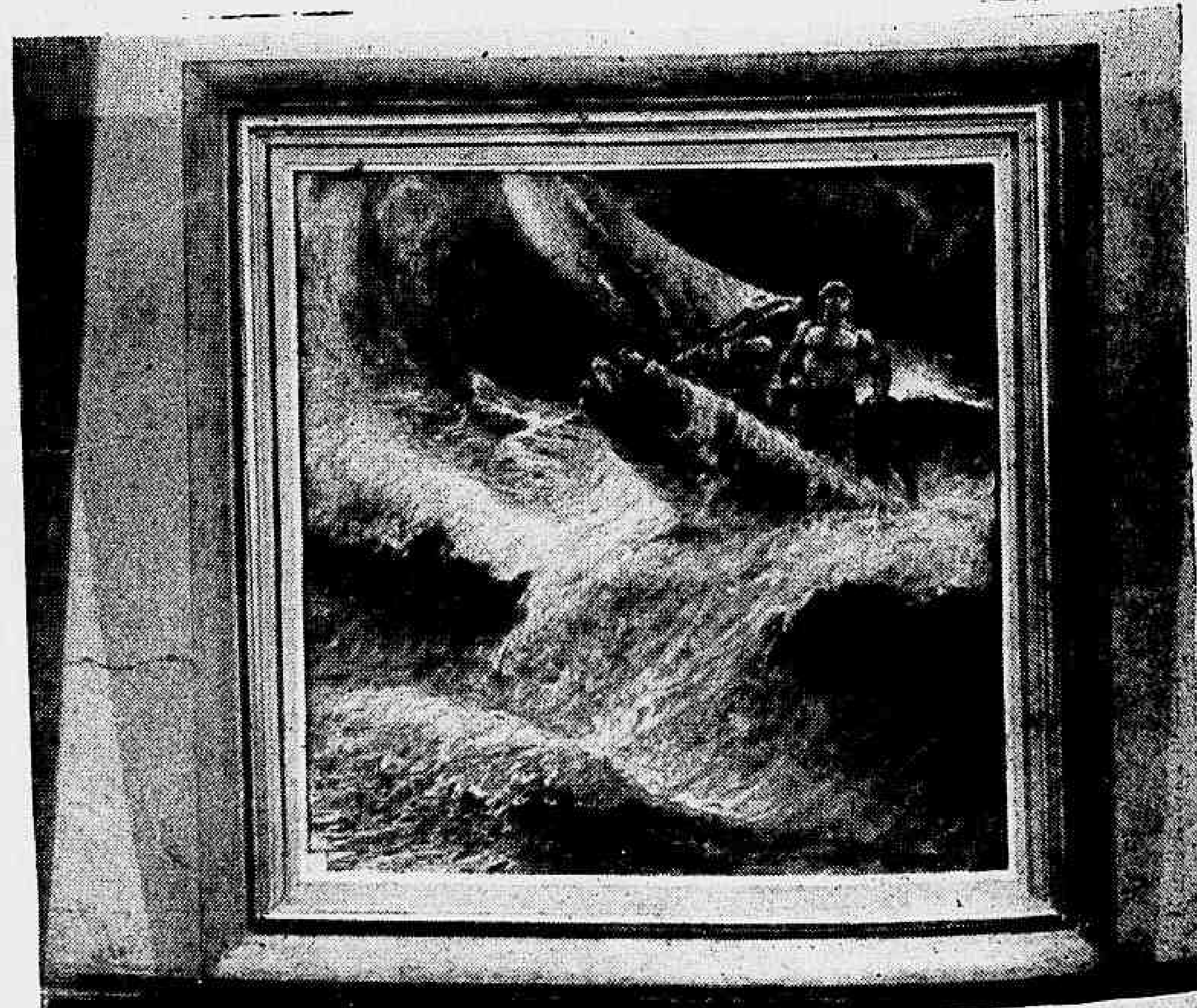
lho. Só o fato de poder expor no Salão, mesmo não alcançando a menor menção ao trabalho exposto, constitui para os calouros e muitos dos veteranos motivo de alegria. E' a esperança que os acalenta durante todo o ano e que os anima a prosseguir na obra, a custa às vêzes de sacrifício.

Depois de várias vêzes adiado, afinal foi o salão inaugurado no dia 21 de outubro passado, e será fechado no próximo dia 21. Desde logo houve uma reclamação unissona contra o pouco espaço pôsto à disposição dos artistas. Foram aproveitadas duas grandes salas da velha pinacoteca e algumas saletas intermediárias. Inexplicàvelmente, a exposição não se deu nos mesmos locais do ano passado, que haviam sido apositamente preparados pela Diretoria do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional, recinto êsse que foi conservado pelo Museu de Belas-Artes para outros fins. A consequência da falta de espaço, diante do grande número de trabalhos aceitos, foi que ao longo das compridas paredes, bem juntos uns aos outros, foram pendurados os quadros em duas fileiras, uma à altura normal de uma pessoa e a outra por cima dessa, prejudicando a visual, seja pelos reflexos das luzes como pelo ângulo de visão. As esculturas foram postas no centro das salas, e se maior prejuizo não há, é devido à ainda fraca frequência das exposições artisticas por parte do povo. Nas diferentes seções, há obras relativas a arquitetura, escultura, pintura, gravura, desenho e artes aplicadas. Pelo regulamento do Salão, cada artista tem direito a apresentar três trabalhos para serem julgados e aceitos por um júri de seleção. Os que já foram contemplados, em exposições anteriores, com medalha de prata ou prêmio maior, podem expor dois trabalhos independente de jul-

O ESCULTOR Heitor Usái apresentou uma das obras mais admiradas. «Descanso» é o nome; a suavidade das linhas, a doçura das formas, e a posição natural, fazem da elegante figura uma das afirmativas do classicismo sôbre o discutido e incompreendido modernismo.



O ESTILO chamado fotográfico, pela grande nitidez do assunto explorado, apesar de sofrer as críticas de pertencer a um passado sem técnica, apresenta todavia obras como «Casebres» de E.W. Simmons.



«JANGADEIRO» é o quadro impressionante de Hélios Aristides Seelinger, um dos mais categorizados expositores do Salão, contando já com medalha de prata e de ouro e prêmio de viagem ao estrangeiro.



OS RETRATOS, numerosos tanto na seção geral como na modernista. Vemos acima «Nosso garoto» de Ida. R. Accioly

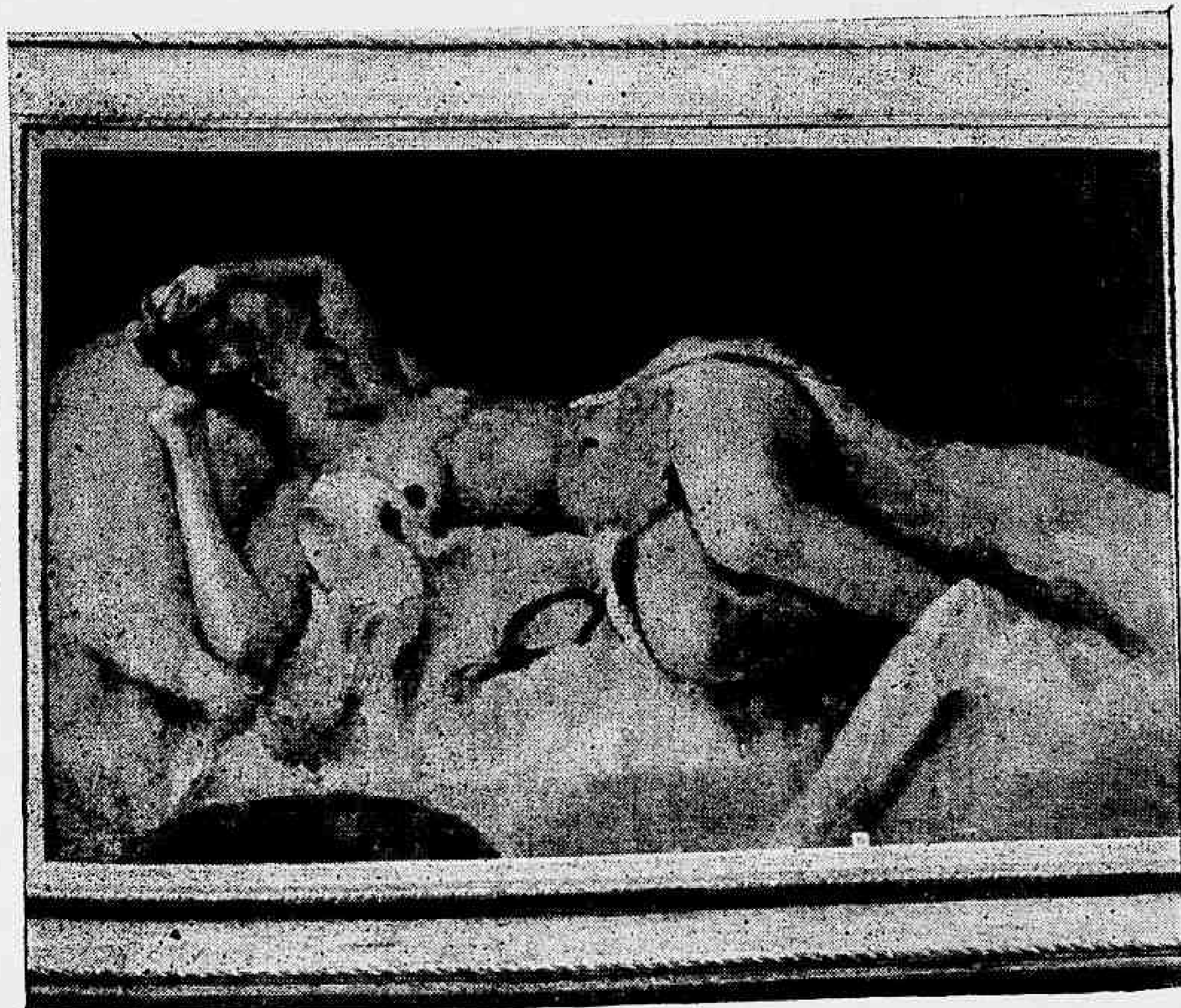
gamento. E' por isso que muita medalha de prata expõe obras que absolutamente não estão à altura tanto da lauréia que ostentam como do próprio Salão. Ainda no regulamento consta que o Salão está constituido em "duas Divisões, correspondendo às tendências divergentes atuais dos artistas brasileiros: a Divisão Geral e a Divisão de Arte-Moderna". E é o que se verifica. Na divisão geral há trabalhos que seguem as escolas, os estilos e os ensinamentos considerados clássicos. Na divisão moderna tudo o que deriva do impressionismo, movimento êsse iniciado em fins do século passado.

Na primeira se digladiam o maneirismo, o romantismo e o realismo. Na segunda o cubismo, o fauvismo, o naturalismo, o simbolismo, o surrealismo e tudo o mais que é grandemente compreendido sob a designação de modernismo. Na realidade êsse modernismo tem raízes já um pouco velhas, sendo errado o têrmo escolhido para generalizá-lo, melhor seria deformismo, em confronto com o realista, considerado clássico. E aí está a segunda falha do Salão. Aberto ao público para mostrar o que se produz em artes plásticas em nosso país, deve obedecer também à finalidade didáctica. Uma vez que a experiência do ano passado, em que por razões estéticas foram misturadas obras clássicas e modernistas sem distinção de espécie alguma, não deu certo, a comissão organizadora deveria pelo menos juntar próximas umas às outras obras que seguissem a mesma escola ou tendência. Pelo menos, dizemos, pois que por falta de espaço seria impossivel obter para essas diferentes modalidades, saletas separadas. Assim como estão expostos os trabalhos, para nada servirão à grande maioria de leigos, muitos dos quais municiados de boa-vontade para se instruirem e compreender a evolução da arte e suas diferentes interpretações, mas sem tempo para cursar escolas especializadas. Para êsses, seria bastante útil per-

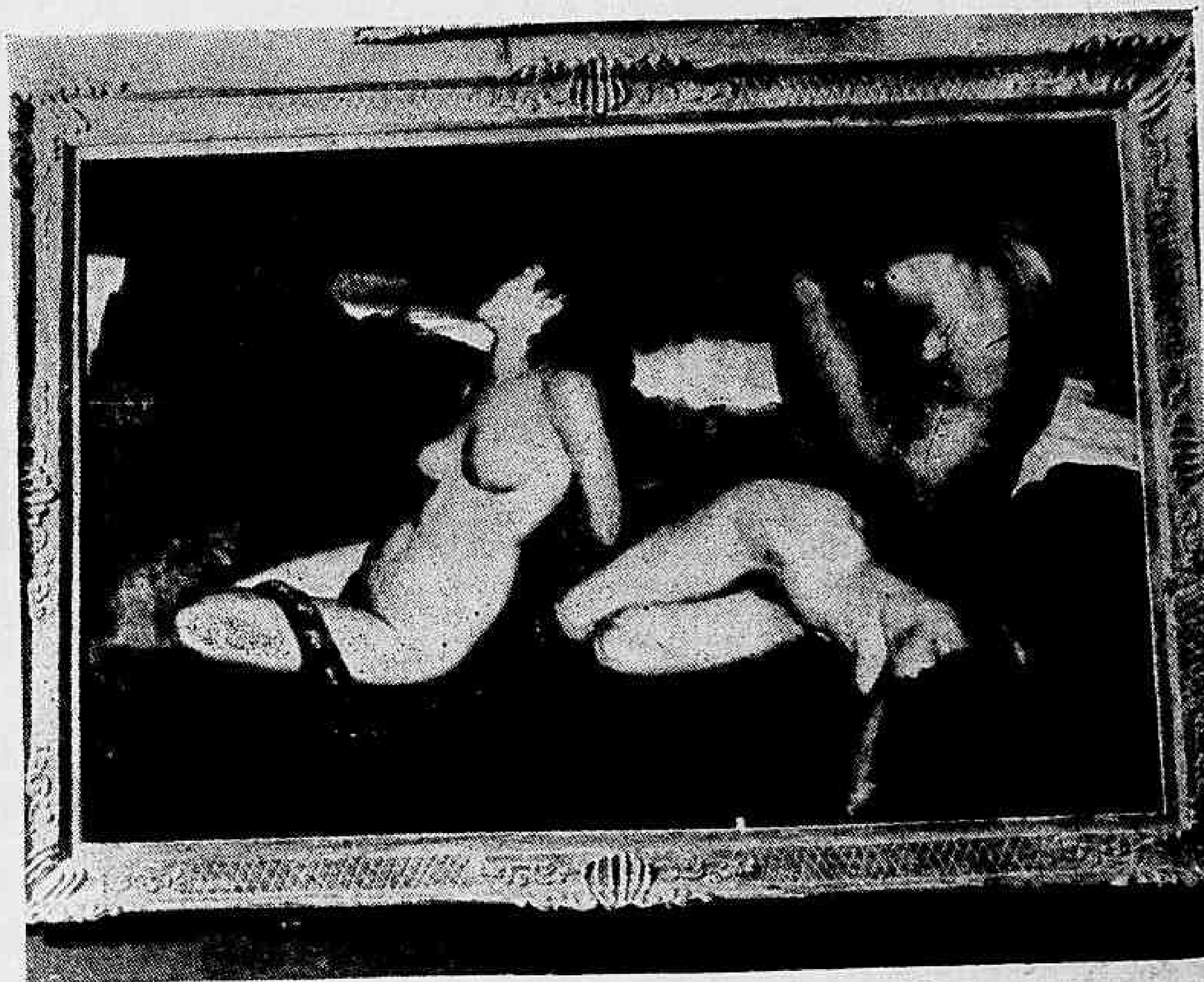
(*Cont. na pág.* 52)



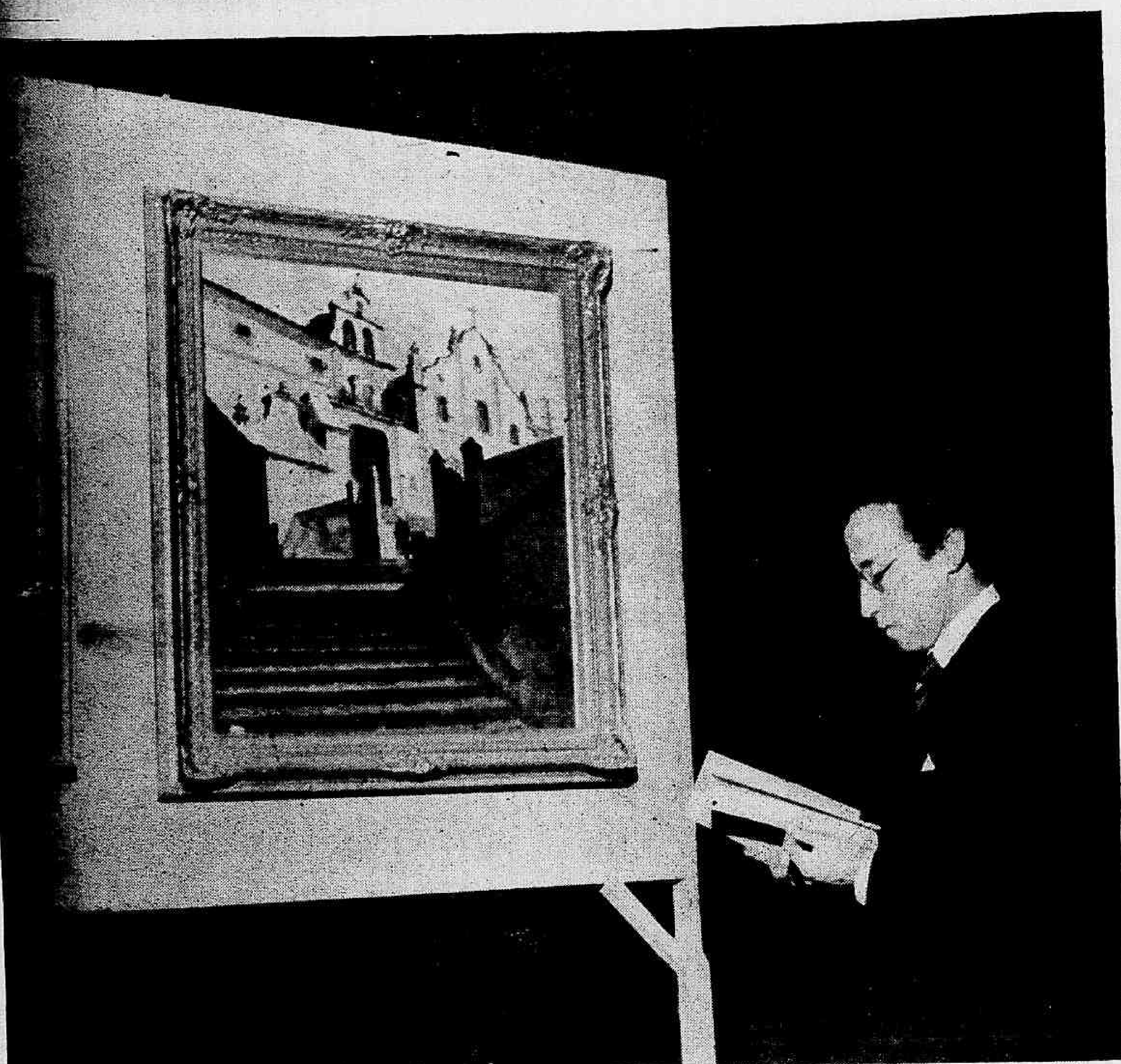
«CACIQUE» é a sugestiva escultura da senhora Carlota de Camargo Nascimento Costa para a seção geral. Discípula do grande Rodolpho Bernardelli, continua seguindo os ensinamentos que recebeu na escola em que seu mêstre pontificou tão dignamente.



OBEDECENDO embora a técnica diferente, êste «Nú» de Caterina Baratelli, é apresentado na secção geral, pois não existe divisão apropriada para os vários tipos de pintura expostos no atual Salão.



O CLASSICISMO tem em Oswaldo Teixeira um dos mais fervorosos defensores. Possui êle uma técnica tôda apropriada como pode ser visto no quadro «Pecadoras», seu trabalho para a exposição de 1950.





NA ESCULTURA moderna destaca-se «Ballet» em granitina, de Zélia Nunes. Na pintura, grande número de nús, sendo que «Tarde de Verão» chama a atenção por ser um belo esforço, de difícil execução. Seu autor, Antônio



Maria Nardi, demonstra possuir excelente estudo de invejáveis qualidades. Gabriela Dantés, uruguaia, expôs duas estatuetas a que chamou de «Dante Alighieri».

A PERSPECTIVA e as dificuldades que oferece só podem ser superadas por quem tenha escola e possua técnica aprimorada. E' o que mostra o «Exterior de convento» de J. Masocchi. Em baixo, aspecto da seção moderna, tendo em 1º plano «Vitoria de Pirro» de H. Peçanha.





VIDA DE MORRO" — Pertence a Diana Barbieri Nisticó, discípula de Portinari. Assim como o famoso néo-realista, ela também focaliza a gente simples e suas lutas. Impressiona o quadro pelos detalhes, pela composição e pelo "quê" de sensualismo da figura em plano.



EROS VOLÚSIA — a criadora de bailados brasileiros — numa pôse especial para a REVISTA DA SEMANA

TRÊS MULHERES NOTÁVEIS...



POUCA ROUPA, bela plástica, e muita graça, eis as características que conduziram Eros Volúsia ao êxito. Decididamente a grande artista nascera para dançar. Acertadamente certo poeta chamou-a de «serpente verde, até quando anda, parece que dança». Em baixo aparece a criadora de tantos sucessos, como «A Lenda do beijo», brincando com seu cãozinho.

VIVENDO SOB O MESMO TETO

AVÓ, FILHA E NETA: TERESA COSTA, GRANDE ARTISTA DE TEATRO; GILKA MACHADO, POETIZA, INTRODUTORA DO SENSUALISMO FEMININO NA POESIA BRASILEIRA; EROS VOLÚSIA, DANÇARINA DE PROJEÇÃO INTERNACIONAL — TRÊS DAMAS, TRÊS ASSUNTOS, MAS... UMA SÓ FAMÍLIA.

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES
Fotos de WALTER MORGADO



EROS Volúsia jamais poderá dizer — "*a minha nobreza começa em mim*", como costumava repetir certo burguês da Idade-Média — segundo escreveu Victor Hugo. Não; a bailarina que todos nós admiramos certamente não traz nas veias o *gelado sangue-azul da burguesia decadente*, mas sim o caldeamento de uma raça temperamental e heróica.

Cantando, dançando e representando, ela põe em relêvo, não sòmente a sua graça e o seu talento, mas, também, o tronco genealógico de sua família. Sim, Eros Volúsia é a muisa que nasceu do sonho de dois vates: — é filha do poeta Rodolfo Machado e da poetisa Gilka Machado. E esta, por sua vez, é filha de D. Teresa Costa, grande artista dramática e, ùltimamente, radioatriz da Rádio Globo.

Se fôssemos mais além teriamos que dizer também que D. Teresa Costa é neta do grande repentista baiano, o poeta Francisco Muniz Barrêto.

★

Eros Volúsia estudou dança-clássica no Teatro Municipal, a principio com Maria Olenewa e quatro anos com Richard Nemanof. Dançou pela primeira vez no Teatro Municipal, numa festa da Primavera, em homenagem ao ex-presidente Washington Luis. Certo critico escreveu sôbre a sua estráia o seguinte:

"... Naquela tarde longinqua uma menina frágil e morena começou a executar qualquer coisa extraordinária que o público do Municipal não sabia como receber. O presidente levanta-se, chega à frente do camarote e aplaude





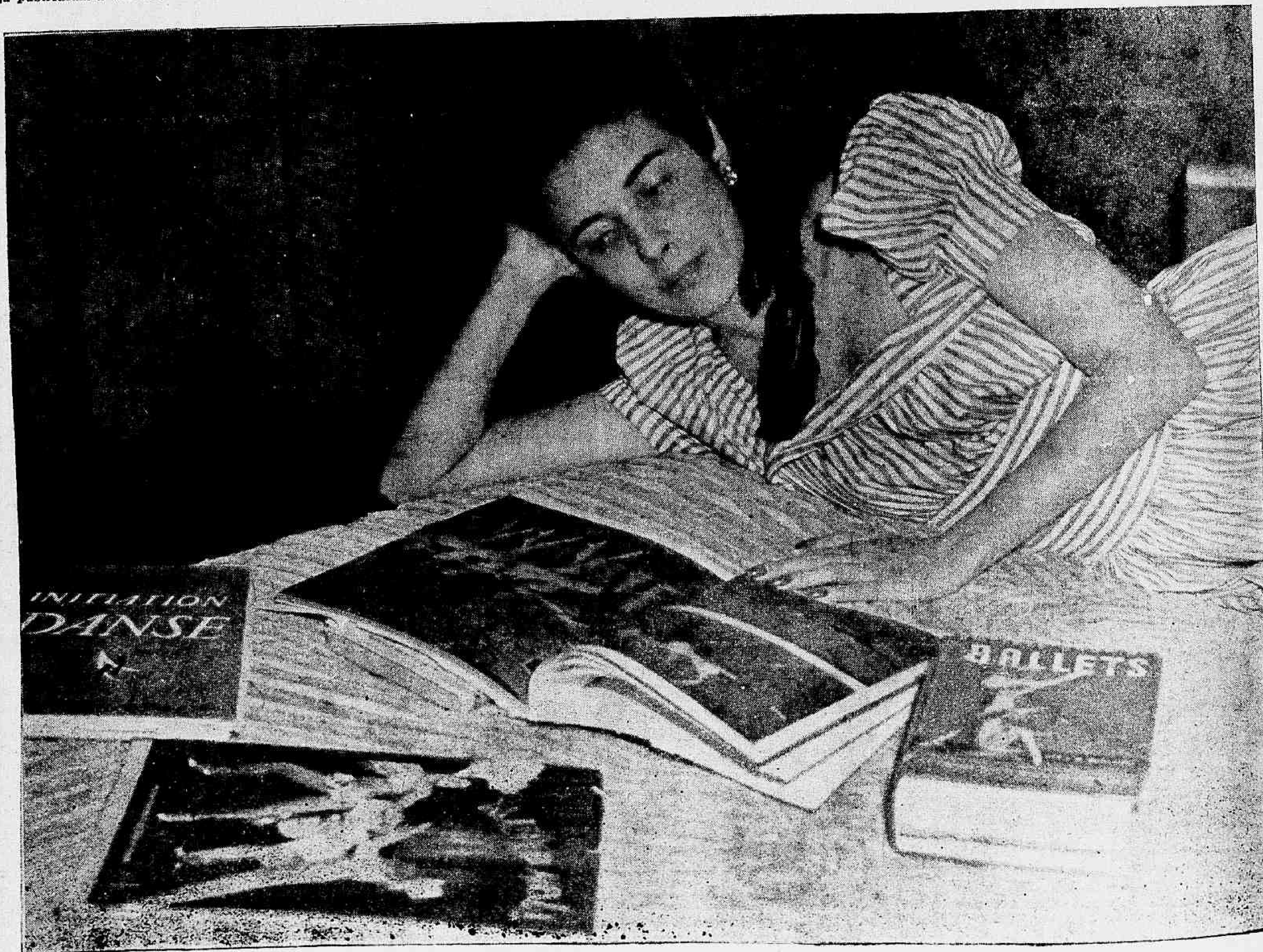
DA ESQUERDA para a direita aparecem a tríade notável: Gilka Machado, Teresa Costa e Eros Volúsia, num flagrante expressivo.

entusiàsticamente a criança-prodigio. O bailado do Brasil dera seus primeiros passos."

Em 1931 fêz sua apresentação aos criticos e intelectuais no Estúdio Nicolas, dançando a "Morte do Cisne", "Agonia da Saudade" e "Lenda do Beijo". Logo depois, ainda em 1931, deu seu primeiro recital no Teatro João Caetano e exibiu as suas primeiras criações coreográficas brasileiras: "Sertaneja" e Iracema". Na primeira estudava as influências afro-européias e na segunda as caracteristicas indigenas.

Realizou diversos recitais de bailados clássicos no Teatro-Cassino Beira-Mar, tendo sido homenageada (no último recital ali realizado) pelos estudantes e intelectuais do país que lhe ofereceram um precioso álbum Em 6 de agôsto de 1931, no salão de conferências da Escola Na-

EROS VOLÚSIA mostra ao repórter o seu álbum de recordações. E' deveras notável a grande publicidade espontânea que tem alcançado até então. Das revistas nacionais, quase todas já publicaram a sua foto na capa. Também a grande revista «Life», certa vez, fez o mesmo. A dança é o seu «eterno motivo de viver». Nas horas de lazer a dançarina estuda ainda mais...





DE BIKINI, com um sorriso nos lábios, deliciosamente provocante, Eros Volúsia como que convida o leitor a uma «Pausa para Meditação»... ou coisa parecida. Abaixo, outro flagrante das três mulheres notáveis na mesma ordem da anterior: Gilka Machado, Teresa Costa e Eros Volúsia. Ornamentando a parede estão fotografias da dançarina.

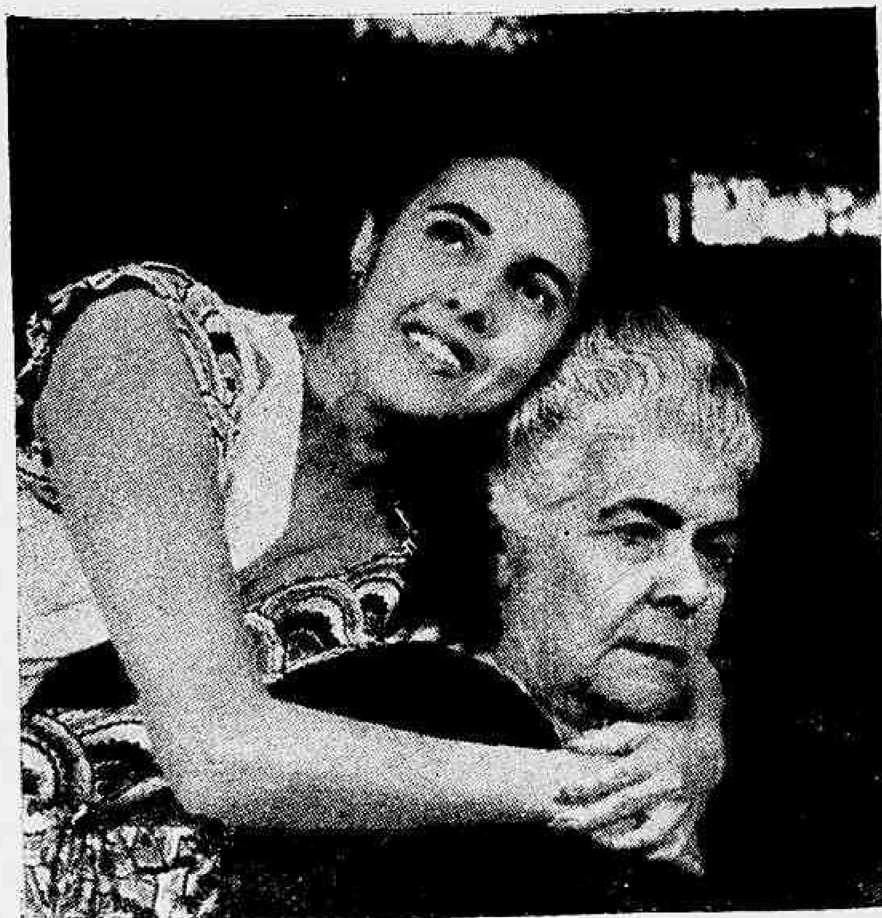
cional de Belas Artes, em palco especialmente preparado, reconstituiu as danças do Brasil Colonial, numa conferência de Luis Edmundo.

Em 1936 estêve em Buenos Aires. Em 3 de julho de 1937 no Teatro Municipal, com a Orquestra Sinfônica, sob a regência do maestro Francisco Mignone; realizou uma exibição oficial de bailados brasileiros por ela criados a convite do Ministério da Educação.

Em 1939 foi nomeada professôra de dança da Escola Prática de Teatro do Ministério da Educação. Em 1940 exibiu o primeiro "ballet" brasileiro, composto de elementos nacionais, conquistando com o mesmo a medalha de honra da Associação de Criticos Teatrais. Estêve nos

(Cont. na pág. 51)

EROS VOLÚSIA e sua avó — Teresa Costa, em atitudes carinhosas e meditativas. Ambas são artistas; e ambas são talentosas.









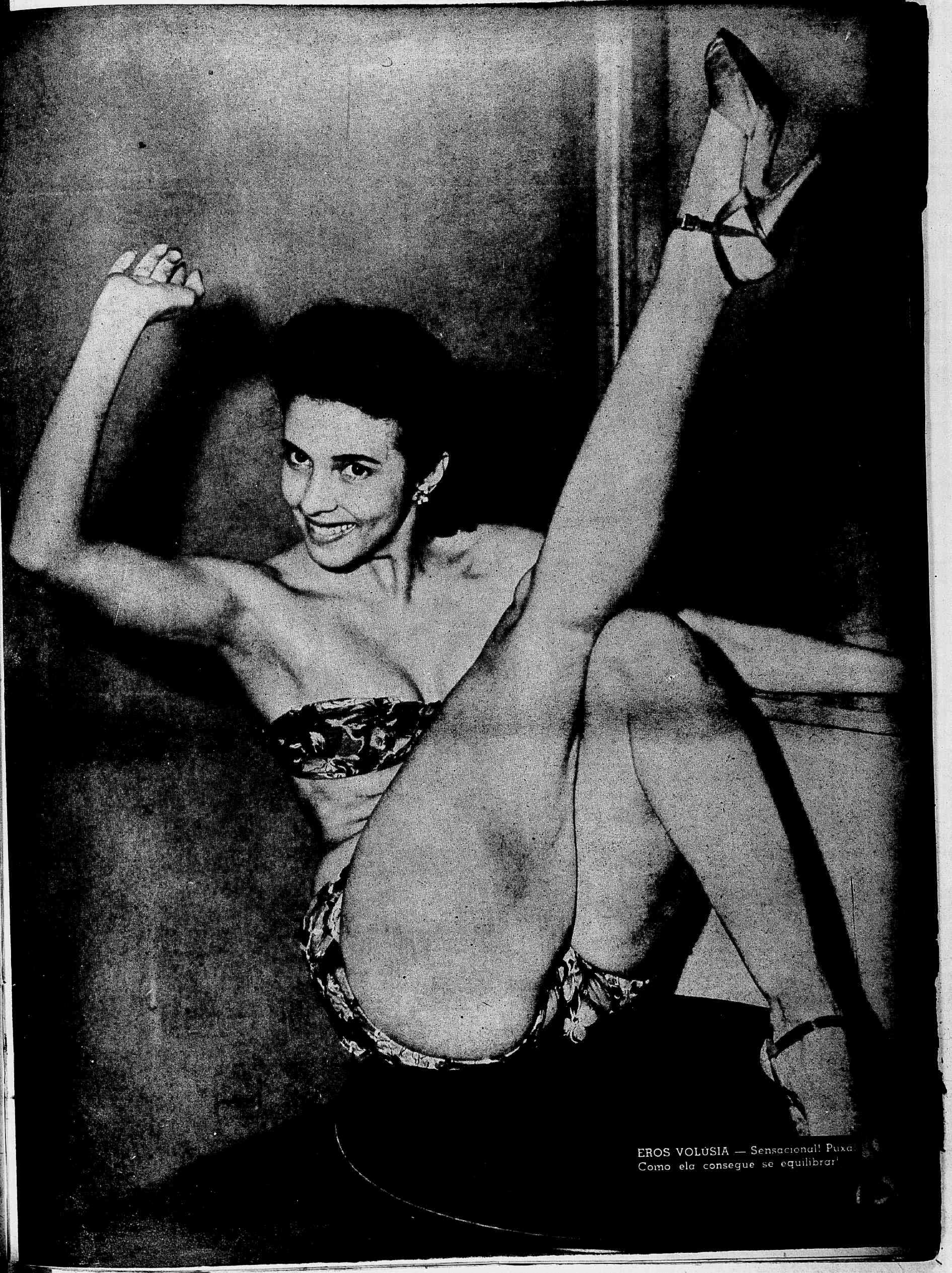
D. TERESA COSTA ao microfone da Rádio Globo, onde é artista exclusiva do rádio-teatro. Todavia já trabalhou na Tupi, Mayrinke Veiga e outras emissoras cariocas.



GILKA MACHADO numa foto da mocidade, quando publicou «Cristais Partidos», livro que a crítica consagrou.



SANGUE MOÇO E QUENTE num belo corpo de mulher... supertemperamental. Assim é Eros Volúsia a dançarina de ritmos exóticos. Mas... fóra da dança ela gosta das flores



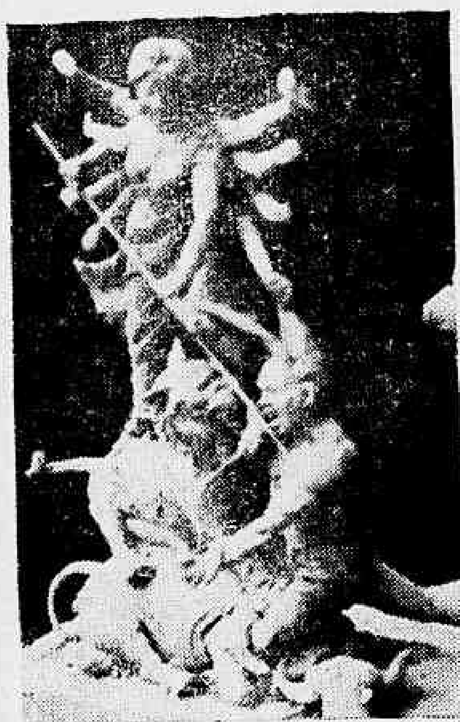
EROS VOLÚSIA — Sensacional! Puxa!
Como ela consegue se equilibrar!



UM DOS MUITOS "KHUMBAKARS" DA INDIA, FAZENDO OS SANTOS DE SUA PODEROSA RELIGIÃO

A RUA DOS FAZEDORES DE IDOLOS

NA INDIA MISTERIOSA — OS "KHUMBAKARS" E O DIA DA DURGA PUJA — O BATISMO DOS SANTOS NO GANGES



A humanidade, desde que começou a formar sociedade e a precisar de proteção acima do poder dos homens, imaginou duas fôrças que estabeleciam dois caminhos na vida: o Bem e o Mal.

O dualismo teria que possuir seus dirigentes, e, dessa concepção metafísica surgiram os deuses do Bem e os do Mal. O princípio do Bem, muitas vezes no plural, formando aglomerado de Deuses, protegia o homem, a família, as colheitas, o lar, etc. Contra êsse princípio benemérito, apareceu o enviado do Mal, ou seja o Demônio, espírito maligno, sempre disposto a arrastar as pessoas aos despenhadeiros da imoralidade, da deshonra, da impiedade.

As religiões mais antigas, como as da Pérsia, do Egito e da Índia, possuiam os seus Deuses do Bem e os Deuses do Mal, os enviados dos Infernos. Era o princípio do dualismo, e, assim como havia o dia e a noite, o começo e o fim, o claro e o escuro, a paz e a guerra, a direita e a esquerda, o branco e o preto, a luz e as trevas, também havia Deus e o Diabo.

A Índia, imensa e cheia de curiosidades míticas, oferece ao observador o mais variado e rico panorama sôbre crenças. Há uma rua em Calcutá, a grande metrópole indiana, que é o mais típico dos recantos daquêle país.

Chama-se Kumartooli, e é onde os fazedores de imagens têm os seus trabalhos. E' uma rua estreita de Calcutá, famosa pelo ofício dos «Khumbakars», cuja habilidade está em preparar ídolos para todas as incontáveis religiões da Índia.

Trabalham durante todo o ano; mas, há uma época em que precisam redobrar de atividade, é quando se aproxima o grande dia do Puja, cuja festividades se prolongam por três dias, seguindo-se a cerimônia do batismo das imagens nas águas do rio sagrado, com a imersão dos ídolos.

A maneira de adquirir os ícones é muito simples. Os interessados ou crentes escolhem as imagens que desejam, numa espécie de mostruário em tabuleiro com dezenas de miniaturas feitas de argila.

Escolhidos os deuses ou divindades isoladas, são entregues os modelos aos «imaginários» ou «Khumbakars», para a execução do trabalho. Não há modelos vivos. Os fazedores de imagens armam os santos e deuses, diabos e agentes do Mal em palha, fibra ou qualquer outro meio resistente e metem mãos à obra.

O corpo dos ídolos é recoberto com barro plástico obtido nas margens do rio Hooghly, e, logo depois é posto a secar. Em seguida outra camada de barro é aplicada para modelagem do rosto, braços, músculos, membros, etc.

Feito isto, entram os fabricantes de imagens, numa parte importante, a de dar às figuras esculturais a resistência mais eficaz, bem como fixar-lhes os traços anatômicos. Então usam giz ou greda liquida, passando-se depois de bem ressequida, ao trabalho artístico de pintura, empregando-se tintas bem vivas e brilhantes.

Faltam ainda certos detalhes ,como o das cabeleiras. Então os «Khumbakars» preparam as cabeleiras dos ídolos com juta tingida de preto bem oleadas.

Agora, falta apenas, a roupagem dos santos e deuses. Sôbre os ídolos os seus criadores arranjam lindos modelos de cores gritantes, bem como jóias variadas e de belo efeito. Tudo isso tem por fim agradar aos divinos habitantes dos céus da Índia de maneira que protejam os povos do país e os livrem dos elementos maus chefiados pelo demônio.

Todos prontos, aguardam o grande dia da procissão ao rio sagrado, o Ganges imortal, que redime os pecados dos homens. As imagens, não são, porém, produto arbitrário da imaginação dos seus escultores. Tudo é feito de acôrdo com o que dimana da direção contida no «Puranic», cujos textos descrevem a luta de Durga contra o Demônio. A divindade dos indianos está bem protegida pelos seus dez braços, cinco em cada lado. Possui três olhos e tem uma lua crescente sôbre a fronte divina.

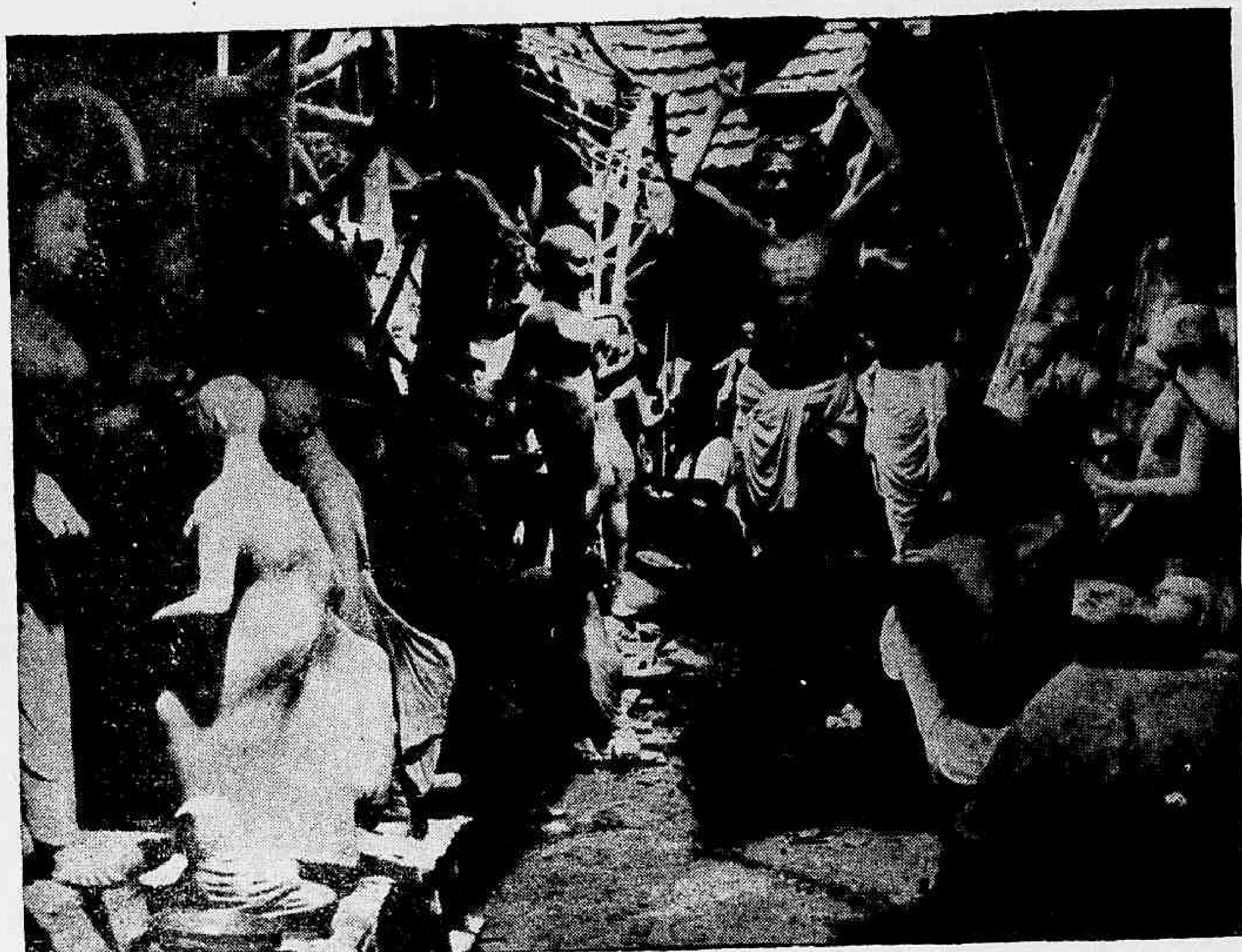
A deusa que consegue triunfar sôbre o demônio, está com o pé direito nas costas de um leão, enquanto seu pé esquerdo se fixa nos ombros do bufalo-demônio chamado Mahishasura. A deusa então, com certeiro golpe de lança, abate o gênio do mal e salva os seus fiéis das influências do inimigo da fé.



Também os indianos têm o seu S. Sebastião que lutou e matou o dragão. Eis aqui o grupo religioso com a sensacional vitória do agente de Deus sôbre o delegado do demônio na Terra.



Um detalhe de alegoria do Deus contra o Diabo, com o leão mordendo a perna do Demônio. Em baixo, um «Khumbakars» preparando com palha e fibras os corpos dos santos da Índia.





O ansiosamente esperado dia do Durga Puja está à porta. Os fazedores de ídolos redobram de atividade, de maneira que os crentes da misteriosa Índia possam obter os seus santos e levá-los para o batismo nas águas do rio Sagrado.

OUTRA PRESENÇA

A noite linda lá fora estendendo varanda a dentro, pela casa
tôda o seu perfume envolvente. Nilza esforçando-se por
perdê-la, os olhos presos no livro, o corpo obrigando-se
à ausência, jogado frouxamente sôbre as almofadas do "sumier".
Aquela inquietação fremia nela, esmagava-lhe a antiga serenidade,
a habitual segurança de modelar dona de casa, de exemplar mãe
de família. Tudo em tôrno parece fugir, coando-se como goma
líguida por entre dedos crispados. O convite da noite, forte e sen-
sual, mais forte que seus virtuais princípios mais forte do que ela
própria. Bateu o livro num estampido sêco, ergueu-se de repente,
andou nervosamente pela sala. Sôbre a escrivaninha de Edgar, o
masso de cigarros. Apanhou-o, acendeu um a esmo. A noite
lá fora espiando pelas janelas, como um grande olho, soprando
brisa nos estores, trazendo ruidos alados do jardinzinho. Aquela
afinalidade da noite com o convite de Elma. Aquela similitude
secreta, a atração idêntica e malvada. Parada agora no meio da
sala, Nilza apertava a cabeça em desespêro. Precisava reagir. Não
era possível que permitisse "aquilo" viver nela por mais tempo.
Fôsse o que fôsse, urgia rechassar a estranha investida... O ci-
garro fumegava entre os seus dedos, mal fumado. Foi apertá-lo
no cinzeiro, num gesto nervoso. "Não, não posso, não devo ir. E'
preciso que eu reaja. "Ela quer que eu vá, não posso deixar que
me domine". Lembrou-se de Lucinha há pouco, sentadinha na
cama, apontando ingenuamente para o vão do roupeiro com a pe-
teadeira:

— Mamãezinha, porque tu tá lá, mamãezinha?

Trêmula, assustada, exclamara:

— Estás brincando, Lucinha. Mamãe está aqui a teu lado es-
perando que durmas.

E ela sorrindo, o dedinho gordo ainda na mesma direção:

— Mamãezinha é que tá brincando com Lucinha. Mamãezinna
tá lá também. Lucinha não dorme se mamãe não voltá.

— Mas, Lucinha, mamãe está aqui.

Acompanhando o olhar da filha, nada via. Por mais que in-
sistisse em romper o nada, não podia perceber nenhuma forma es-
tranha... De repente é que sentiu o malestar, e a lembrança ines-
perada do convite. E as mãos, os braços, os seios o corpo todo
inundado daquela sensibilidade nova, como se estivesse virada
do avesso e lhe vestissem por dentro uma roupa nova, justa,
coleante. Então Lucinha, afundando a cabecinha loura no tra-
vesseiro de penas, sorrira:

— Agola Lucinha vai domi. Mamãe voltou...

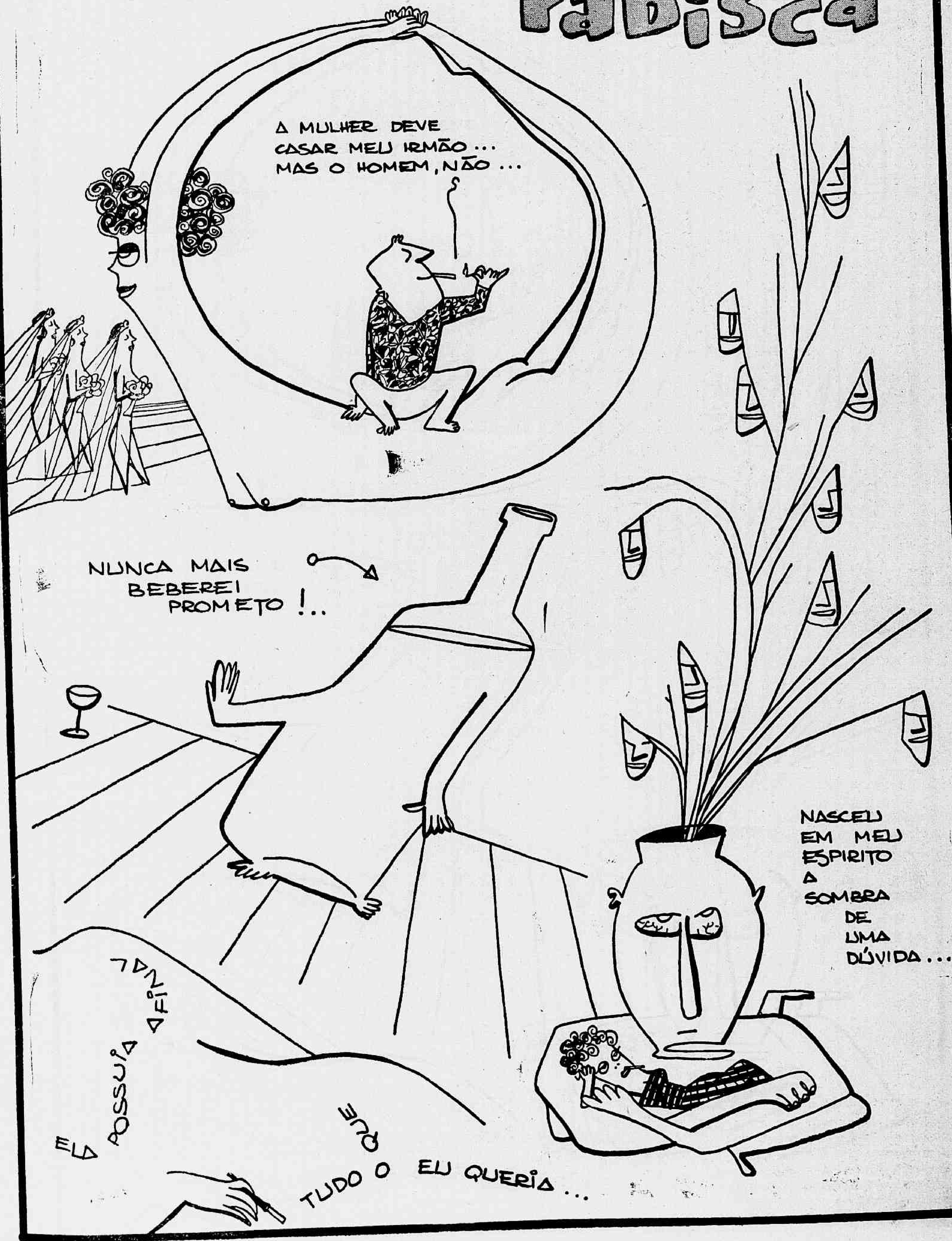
Apagou a luz, saiu do quarto perturbada, o peito opresso, a
terrível sensação de malestar. Precisava fugir da filha, sentir a
presença de outra pessoa. Andou até a sala. Os passos da copeira,
lá dentro, indo e vindo da copa para a cozinha, o barulho da
louça, de talheres, vieram-lhe trazer uma fôrça nova, a certeza
de não estar só diante do próprio conflito. Agora pensava em
Lucinha e tinha medo. Dêsde o aniversário do marido de Elma
que aquilo vinha acontecendo. Dêsde aquela noite — uma noite
igual a essa de hoje — em que voltara para casa no carro de
Hermano, e pela primeira vez se deixara contagiar de sentimentos
novos, de pensamentos contráditórios, que Lucinha vinha lhe fa-
lando estranhamente. E, depois daquilo, sempre que se defron-
tava com o problema, e o conflito começava, a pequena anunciava
outra presença entre ambas. Um dia até Edgar estivera junto.
Tomavam lanche na varanda quando sùbitamente êle acertou com
a notícia da noitada de hoje em casa do senador Ubaldo.

— Já leste aqui sôbre a festa do pai de Elma?

Não pôde responder, o pensamento apanhava Hermano de sôco.
Hermano sorrindo para ela, Hermano saltando do automóvel, vin-
do ao seu encontro com a raquete na mão, Hermano convidando
galante: "Nilza, queres vir jogar comigo enquanto Elma não che-
ga?" E, depois do jôgo, Elma atrazando como sempre, e Hermano
encomendando refresco para dois. "Vamos esperar ali naquela me-
zinha à sombra". O campo quase vazio, pouca gente no clube
aquela manhã. De repente os olhos de Hermano aquecendo os
seus olhos, descendo pelo seu rosto, pelos seus ombros, envolven-
do-a tôda de uma ternura contagiosa: "Faz dias que venho re-
parando, Nilza. Há momentos em que tu te tornas por demais
atraente. Teu rosto se ilumina inesperadamente, adquires uma ex
pressão renovada, assim como um raio de sol depois da chuva..."
Que poderia dizer para quebrar a atmosfera que se creava entre
ambos e ameaçava agora envolvê-los, ligá-los inevitavelmente? Sen-
tia-se presa, delimitada. Súbito as mãos de Hermano, o choque,
as suas fugindo, e ela libertando-se das amarras: "Não sei o que
pensar de ti, Hermano..." Já se erguia, êle a seu lado, decidido,
absorvente, confessando-lhe junto ao ouvido: "Pensa a verdade:
que estou loucamente apaixonado por ti". E outra vez os pés fi-
xos, ela relutando para escapar do enlêvo. Os lábios resistindo
frouxamente, quase sem convicção: "Por favor... isso está tudo
errado, Hermano... Entre nós, há Elma, há Edgar, há Luci-
nha... há um abismo... Não é possível, Hermano..." Mas
as mãos firmes obrigando-a a voltar frente a êle, a encará-lo, e
a voz ansiosa, quase alegre:" Tuas palavras equivalem a uma
confissão, Nilza. Se penetras assim, com essa franqueza no as-
sunto, é porque já entraste em detalhes mentalmente, já admi-
tiste a possibilidade de uma ligação entre nós dois... E isso tudo

(Cont. na pág. 50)

NOVELA DE LOIVA LEIRIA BORBA


nicodemus
COM MACAQUINHOS NO ULTIMO ANDAR
rabisca
A MULHER DEVE
CASAR MEU IRMÃO...
MAS O HOMEM, NÃO...
NUNCA MAIS
BEBEREI
PROMETO !..
NASCEU
EM MEU
ESPIRITO
A
SOMBRA
DE
UMA
DÚVIDA...
ELA POSSUIA AFINAL
TUDO O QUE EU QUERIA...

S. [illegible]CIA.. O VEREADOR PIMPINELA. Substantivo coletivo (Pimpi, dr. Acácio, humorista, vereador e outros bichos) feminino, masculino, singularíssimo e plural, não obstante a gramática, cheia de falhas... não haver previsto o fato.



SILVINO faz um sacrifício enorme para personalizar o político, abandonando a própria personalidade irrequieta. Sente-se traído a todo o momento. E traído foi pelo destino. Desejava tornar-se cantor não obstante ser humorista até na intimidade. Sempre fugiu daquilo que era e é agora, eleito vereador, melhorou mas complicou ainda mais a sua vida paradoxal.

S. EXCIA. O VEREADOR PIMPINELA...

SILVINO Neto, o vereador mais votado do Distrito Federal nas eleições de 3 de outubro dêste ano, nasceu na cidade de São Paulo no dia 21 de julho de 1913. Filho do médico Ernesto Silvino, não quis nada com a nobre função de seu progenitor, embora sua mãe, sra. Leonor Dutra, fizesse votos para que o filho seguisse a carreira do pai. O tempo foi correndo, Silvino pensava em tudo, menos em se tornar político ou humorista. Tudo aconteceu de forma imprevista, como aliás se caracteriza a vida do artista.

QUANDO ERA CRIANÇA PENSAVA QUE VACA BRANCA DAVA LEITE BRANCO, VACA PRETA FORNECIA LEITE PRETO E VACA MALHADA, — IMAGINEM — CAFÉ COM LEITE! ★ FOI ELEITO PELA «LIGA PRÓ REGULAMENTAÇÃO DO JOGO» E PELOS MOTORISTAS PROFISSIONAIS DO RIO DE JANEIRO ★ DIRCE E LINDA BATISTA VOTARAM NÊLE; ELADIR PORTO, TAMBÉM ★ BIOGRAFIA DO MAIS ORIGINAL PERSONAGEM DA POLÍTICA BRASILEIRA QUE FOI INDICADO PELO AGORA EXMO. SR. DR. GETÚLIO DORNELLES VARGAS, FAZENDEIRO DE SÃO BORJA E EX-PRESIDENTE DA DEMOCRACIA BRASILEIRA. (ERA, A RITA, BURA)

Texto e fotos de VINÍCIUS LIMA

Há treze anos precisamente, desembarcou no Rio de Janeiro. Sua bagagem era parca, e dinheiro, não tinha. Em São Paulo o rapaz se exercitara bastante na arte de cantar. Acreditava-se capaz de fazer sucesso cantando principalmente tangos. Tentou a vida que desejava sem obter o menor êxito. Fêz amizades, conservando apenas o bom-humor, justamente o que lhe valeu a atual situação. Pois tudo começou pelo temperamente.

Um diretor da Rádio Nacional Oduvaldo Cozzi. Viu e ouviu Silvino, de quem muito lhe tinham falado os amigos. O paulista fazia imitações incríveis em família. Ninguém podia ficar sério em sua presença. As moças, em vez de sentirem o coração



PIMPINELA DORME agora que o político acordou-se. Naturalmente isto tudo é um sonho fabuloso, um sonho que muita gente não realizou e que para Silvino era apenas uma brincadeira...



MAS PARA o seu filho Paulo Silvino é o melhor homem do mundo. Que falem as más línguas, diz o garoto. «Papai é um excelente homem e será um grande vereador».



UMA ELEITORA de Silvino Neto. Ela disse: «Não votei porque perdi o título mas a minha irmã votou». Interrogada, respondeu: «Não sei porque votei...» E o reporter também não sabe, é claro!...



O MOTORISTA do centro deu 38 votos à Silvino. Diz que o novo vereador será o melhor de nossa Câmara Baixa. Seria isso possível?... Óra, se êle acabou com os bonés, disse outro.

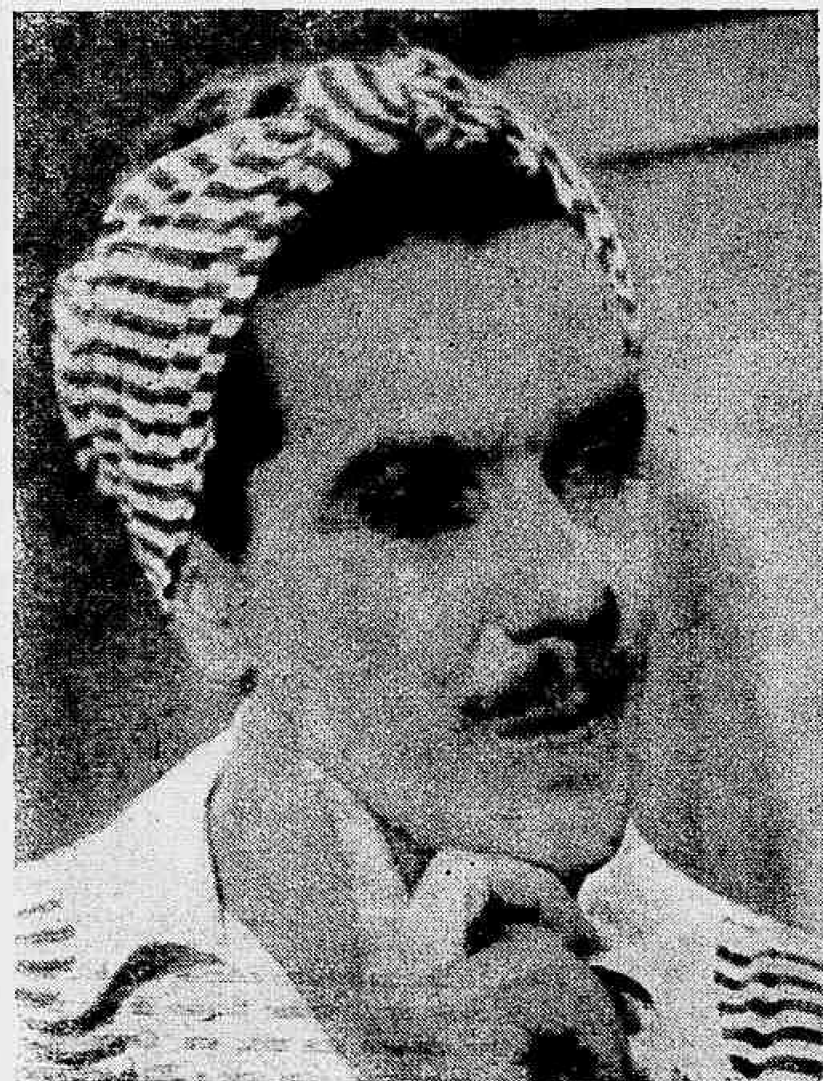


SE A SUA alma tiver a mesma elasticidade do rôsto, então tudo acabará perfeitamente bem.



Texto e fotos de VINICIUS LIMA

SILVINO é um verdadeiro líder entre os motoristas que o ajudaram a eleger-se. Pena que a «Liga Pró Regulamentação do Jogo» tenha tido papel decisivo em sua eleição. Forneceu-lhe as próprias cédulas, além dos cartazes de propaganda.



MAS OS colegas explorarão o passado do vereador. Coisas do Brasil e de brasileiros. Avêsso da vida, quem sabe?...



PENSATIVO EXAMINA os mapas, ao lado de Eladir Pôrto. Vinte e quatro mil votos! Que exército misterioso será êsse? Uma divisão em número militar. Uma divisão para a história do Brasil entre bons e maus, mentalizados ou ignorantes...



ACÁCIO, Pimpinela e Anestésio, a linha média do «team». Como vai ser marcada essa linha!...



ALÔOO!!! FALA O ANESTESIO! O repórter fica olhando para a foto e não sabe que legenda fazer porque, afinal de contas, o homem é vereador. E o mais votado vereador do Brasil!

S. EXCIA. O VEREADOR PIMPINELA





DIANTE DISSO é possivel o suicídio? Cena do filme [illegible] Suza

A IDÉIA DE UMA REPORTAGEM

Fomos ao Hotel dos Estrangeiros verificar o que havia de novo. Deparamo-nos com Silvino Neto; estava eufórico. Abraçava grandes e pequenos e exclamava: — "Tá p'ra mim. Vinte-e-cinco contos por mês. Entro às 12 e saio às 12,30 da Gaiola e ganho o ouro!"

E lançava saliva para cima, aparava-a nos bolsos e ia, depois, modificando as expressões de seu rosto, capaz de fazer mil gatimonhas num minuto... E' o caso de perguntar-se:

— O povo teria votado em Silvino por gostar de sorrir? Seria êsse o único motivo?...

Linda e Dirce Batista, em entrevista concedida à reportagem afirmaram que o achavam muito engraçado. E' um têrmo para ser interpretado de várias formas. Mais

tarde, dizend[illegible]ue an[illegible]
votado em Ar[illegible]rroso,
desta vez po[illegible] o ext[illegible]
sitor nada h[illegible] feito
é certo. Silvi[illegible]m cal[illegible]
reunia qualid[illegible] e c[illegible]
concretizar as [illegible]irações
balha no rádio[illegible] O mes[illegible]
irrequieta Ela[illegible] Pôrto,
vorosa admira[illegible]a de [illegible]

Diante dos [illegible] procu[illegible]
sensatez e im[illegible]cialida[illegible]
vereador Silvi[illegible] Neto.
jamos a caus[illegible] seu a[illegible]
litica: Vivia [illegible]sivam[illegible]
de 11 anos, [illegible] Rica[illegible]
um grande ami[illegible] seu. [illegible]
Santo Antônio [illegible]ria Za[illegible]
no pai um [illegible]n de [illegible]
um verdadeiro [illegible]igo. [illegible]
talvez encontr[illegible] inspi[illegible]

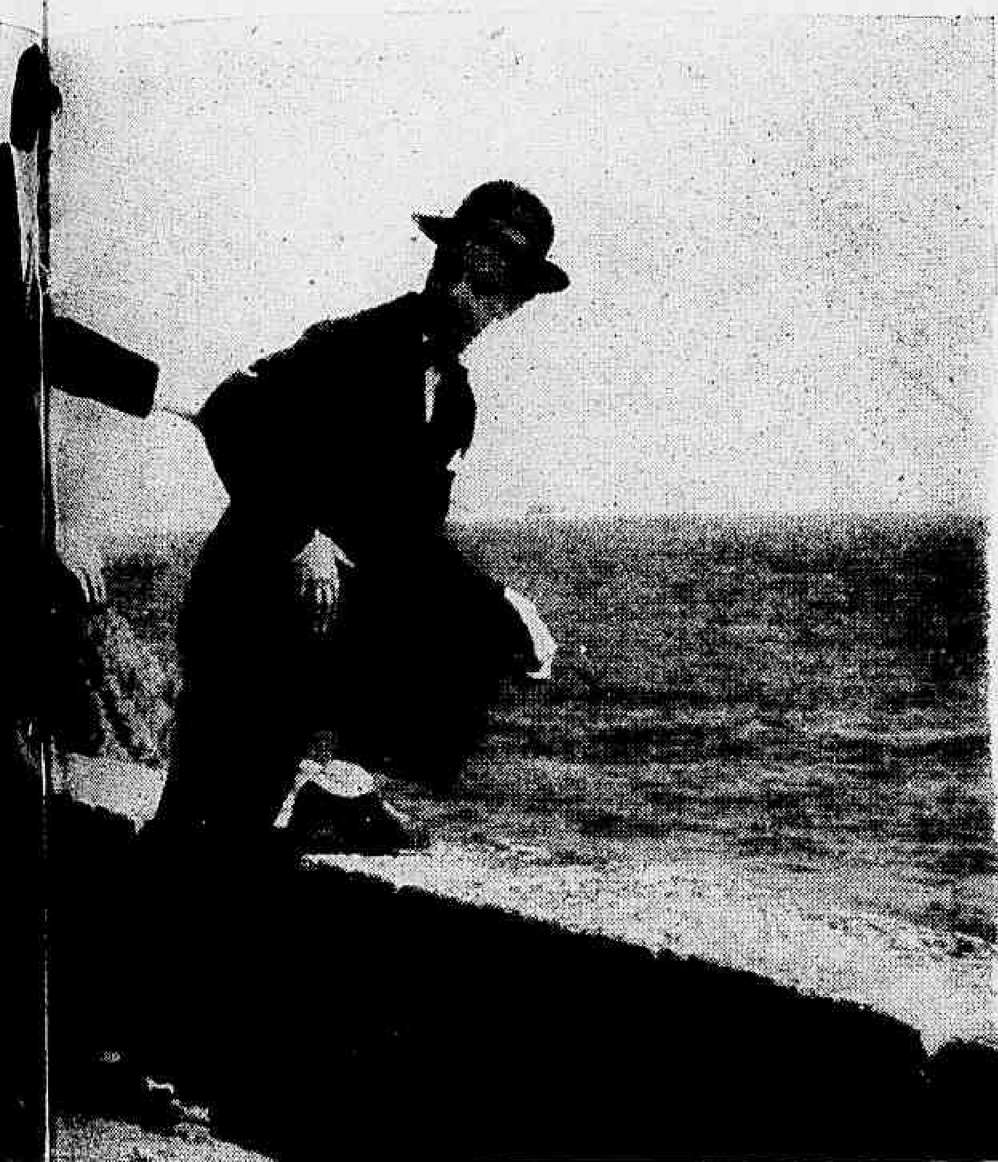
DIRCINHA BATISTA que deixou de votar em Arí Barroso porque acredita em Silvino.

palpitar, davam prolongadas gargalhadas. Positivamente que estava no caminho errado, por isso, Cozzi mandou prepararem um contrato que rezava: Seiscentos mil réis por mês, et. Silvino foi pôsto a par da história. Ficou zangado. Que idéia ridícula! Viver de fazer graça, tinha graça!...

Mas a barriga deriva caminhos e reforma idéias. Silvino Neto escreveu o seu nome sob o texto; era o início de uma carreira vitoriosa que êle nunca deixou escapar, sustentando um mesmo programa num mesmo gênero, não obstante as adversidades próprias da profissão. No entanto, de início, Silvino recebeu o contrato como coisa provisória, não servia para aquilo. Logo que uma emissora quisesse um cantor de boas qualidades, o futuro vereador lá estaria. Entretanto, as imitações de Lamartine Babo lhe atrapalharam a vida. Oduwaldo gostou, os ouvintes também. Ficou definitivamente liquidada a aspiração do paulista. Era uma vez um cantor que sucumbiu frente ao humorista! Imitando sempre, Silvino reformou contrato, pulou de galho em galho até que, bascado nos bonecos de Batista Júnior, a quem reputa de o melhor ventriloquo do mundo, começou a imitar outras vozes. Mas sentiu a necessidade de criar; se não o fizesse pereceria. Surgiu então a exma. d. Pimpinela, a indesejável balzaqueana, que até hoje não encontrou casamento... Com Pimpinela nasceu o dr. Januário e demais personagens que formam o elenco do cômico e vereador Silvino Neto, eleito com aproximadamente 25.000 votos.



UM VOTO consciente de pessoa que conhece Silvino desde criança: Linda Batista.





«...a Suzana» Anselmo é a vida. A vida corre atrás do suicida!

...ue anteriormente tinham ...rroso, não o tinham feito ... o extraordinário compo... feito pela classe, o que ...m calouro de convicções, ... e capaz, portanto, de ...irações da gente que tra... O mesmo nos afirmou a ... Pôrto, que é também fer... a de Silvino Neto.

... procuremos analisar com ...cialidade o humorista e ... Neto. Primeiramente, ve... seu aparecimento na po...sivamente para seu filho ... Ricardo, que é também ... seu. Estudante do colégio ...ria Zazarias, Paulinho vê ...n de grandes predicados, ...igo. Silvino era feliz. E ... inspiração nessa felici-dade que, afinal de contas, era a sua razão de ser na vida, razão de ser um humorista. Disse ao repórter que esperava ser eleito, do que discordamos. Sempre recebeu salários altos; se tinha convicção, por que não arriscou um niquel sequer em prol de sua candidatura?... Não gastou um centavo de propaganda. Até as cédulas foram ofertadas pela "Liga Pró-Regulamentação do Jôgo", o mesmo sucedendo aos cartazes. Mas, se não esperava ser eleito, por que rejeitou a oferta de um presidente de banco, oferta essa que lhe renderia Cr$ 600.000,00, que lhe seriam pagos adiantadamente, sòmente para que fizesse a propaganda da candidatura do sr. Cristiano Machado?...

Mas há de se levar em conta que a candidatura de Silvino foi lançada pelo próprio sr. Getúlio Vargas, em comunicação que lhe foi feita pelo falecido senador Salgado Filho. Porém, muitas das cadeias que Silvino pegou foram resultantes de ataques à pessoa do ex-ditador. Que dizer então se os argumentos são prós e contra?...

ÊSTE MUNDO é uma bola! Não, duas bolas: O mundo e Silvino Neto.

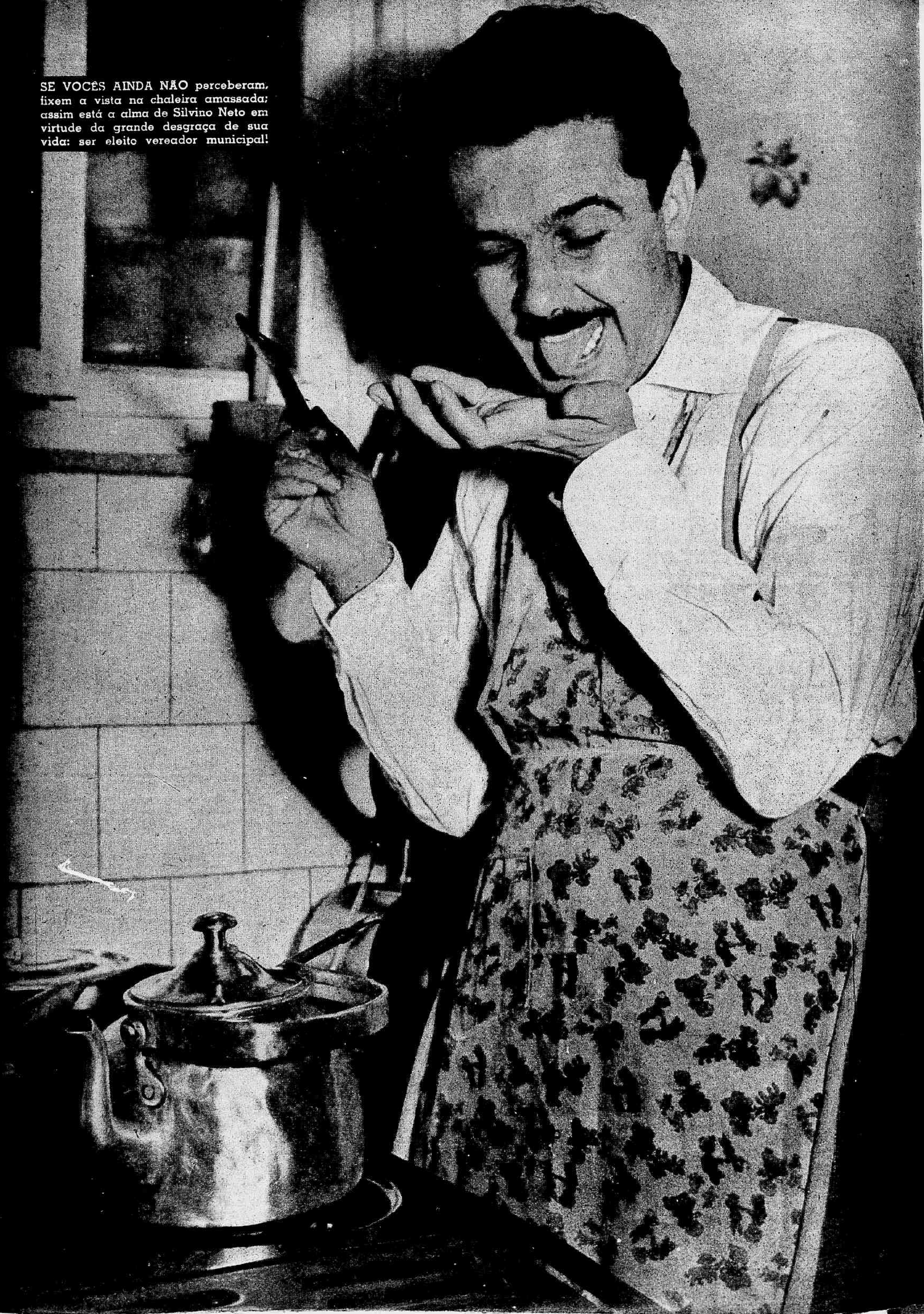
Realmente, é paradoxal a sua eleição; paradoxal é a sua vida definida pelo próprio destino; paradoxal é o próprio Silvino Neto, tanto em suas aspirações como nas circunstâncias. Queria ver o filho com a vontade feita. O menino quer ser oficial de nosso Exército. Há coerência apenas nessa carreira que idealizada está sendo concretizada, mas em razão de uma sólida amizade, o que não sucedeu consigo mesmo. Silvino sofreu muito, tornou-se humorista obrigado pelo estômago, é combatido por candidatos reconhecidamente honestos que não alcançaram 10 por cento de sua votação, então divergem para o ponto fraco do rapaz que fazia graça, por quê?...

Se se trata de um humorista, até a sua eleição foi engraçada, é claro. Primeiramente, pelos motivos já expostos, depois vem o fato, aparentemente mais irrisório, que foi a sua campanha eleitoral: Enquanto os demais candidatos forçavam as simpatias do público alegando honorabilidade, fazendo promessas demagógicas ou honestas, Silvino Neto limitava-se a um objetivo, um objetivo fraco aparentemente, o dr. Arnaldo Estrêla. O dr. Estrêla e os bonés. Foi uma questão psicológica casual ou propositada. Simplesmente, acabou com os bonés tão incômodos aos profissionais do volante. Teria sido eleito por uma atitude?...

Mas é o caso de perguntar-se: E a "Liga



GETÚLIO que será figura apagada no «team». Indicou o jogador e terá por isso que apanhar as bolas... Eladir, a bandeirinha...



SE VOCÊS AINDA NÃO perceberam, fixem a vista na chaleira amassada: assim está a alma de Silvino Neto em virtude da grande desgraça de sua vida: ser eleito vereador municipal!



EIS O JUIZ dessa grande partida. O menino Paulo que crê no sucesso do pai. E' uma criança inteligente e um dos pontos de apoio do conceito de moral do humorista.



S. Ex. o Vereador, em «travesti» de Pimpinela, um de seus grandes sucessos humorísticos. Em baixo, Silvino Neto faz o Anestésio, outra personagem da sua galeria radiofônica, mulato pernóstico.

Pró-Regulamentação do Jôgo", qual o seu papel nessa eleição?

A essa "Liga" está ligado o deputado Carlos Nogueira, ligado recentemente a delito de peita. Ligado e fisgado pela Justiça.

As duas bandeiras de Silvino foram essas, supomos. Êle foi o resultado de uma campanha muito bem articulada pelas fôrças subterrâneas do jôgo de azar ou conseqüência de um golpe da própria inteligência. No entanto, estamos propensos a aceitar esta última hipótese. Foi eleito pelo fator psicológico, pelos unidos motoristas profissionais do Rio de Janeiro. Bateu na tecla de um piano roufenho pôsto de lado há muito tempo e no único fio de uma velha viola fora de uso, o jôgo de azar. Ninguém era maestro, ninguém entendia de música ou será que as orquestras sinfônicas dos abastados e profissionais da politica não tem interpretadores?...

A nosso ver, Silvino tocou um samba e venceu Schubert; com um "jazz-band" fêz sucumbir uma sinfônica. E se se levar em conta que no Brasil e talvez no mundo a música popular tem maior número de admiradores...

Vejamos, pois:

Conversamos com o motorista Domingos Rangel, que nos afirmou: "Votei em Silvino Neto porque é um homem sincero". Perguntamos-lhe onde estava essa sinceridade e o homem nos respondeu: "Êle teve a coragem moral de confessar que quando era criança julgava que vaca preta dava leite prêto, vaca branca, leite branco e vaca malhada, café com leite". Convém assinalar de passagem que Linda Batista nos disse a mesma coisa a seu respeito.

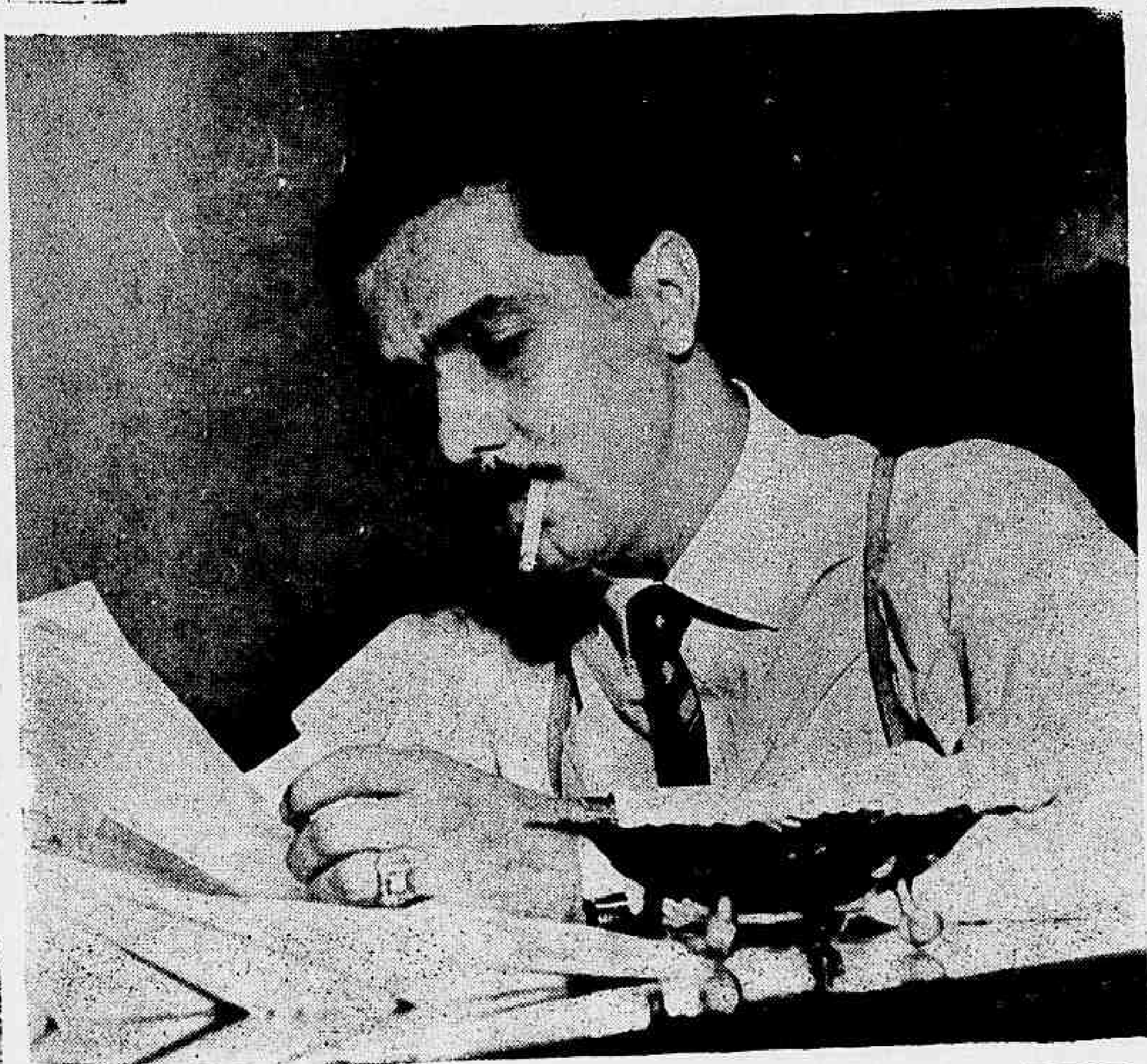
Procuramos outros volantes profissionais, desta vez ao lado de Silvino, que se deixou fotografar junto aos mesmos. Constatamos que o humorista é realmente um lider entre os motoristas. Armando Fernandez, que aparece numa das fotos, homem de 60 anos, deu 38 votos a Silvino; o seu e os demais 37 membros de sua familia. Interrogado, nos disse que confia em Silvino, o qual sempre foi amigo da classe. E que, além disso, Silvino sempre fôra inimigo do dr. Arnaldo Estrêla. Onde está a razão?...

FALA SILVINO NETO

Durante o tempo que estivemos ao lado de Silvino, além de uma série de conside-

(Cont. na pág. 49)

MAS É PRECISO que pelo menos até que aconteça algo, fiquemos calados porque Silvino é inteligente, poderá estudar e dar o quináu em muita gente.





TOMOU OUTRO RUMO



UM bando de maracanãs passou gritando pelo céu e Carolina, assustada com a brusquidão dos gritos agudos, levantou depressa os olhos que estavam fitando a roupa ensaboada branqueando sôbre o capim, e olhou para o alto.

— Credo! Quase meio dia e eu ainda estou aqui, esfregando as pilchas do papai. Engraçado. Pur que "ainda?" No tempo em que eu lavava as do Gregório... — Ela se sobressaltou. Não esperava lembrar-se dele agora. Não *queria* lembrá-lo! Êle precisava ser considerado coisa morta! Morta. Sepultada há muito tempo! Não devia, não queria sentir essa angústia só de lembrar seu nome. Devia ser de outra forma! Precisava ser diferente! Se o lembrasse, lembrar com calma, como se de fato êle houvesse morrido e ela estivesse levando flores do campo, coloridas como êle gostava, para largar sôbre seu túmulo, assim, bem à vontade, sem arranjos; largar as flores e deixá-las. Era assim que êle gostava. "Não gosto de flor em vaso! Prefiro no campo mesmo, cada uma no seu pé, ou então atirada pelo chão, como se o vento é que arrancasse e carregasse para onde tivesse vontade. Arrumadas, com o cabinho do mesmo tamanho, tudo com a mesma cara, do mesmo jeito, não! Até nem parecem flor!" E levá-las com indiferença, com frieza, como se leva para parentes mortos há tanto tempo que a gente nem chegou a conhecer. Êle também não gostava de mulher chorona. E se êle tivesse mudado?

O Gregório... Aquêle cujos olhos eram duas chamas brilhando doidamente e que pareciam ainda mais verdes pelo contraste do cabelo escuro e do rosto queimado de sol.

Aquêle Gregório, de andar arrastado e preguiçoso; tão arrastado que dava a impressão de vir se chegando para a gente sem se mexer do lugar. Parecia que trazia no corpo tôda aquela preguiça morna, gostosa, que a gente sente nas tardinhas socegadas de verão. Êle todo parecia um convite de sesta. Como o açude quando ficava em repouso depois que a cavalhada entrava para sair na outra ponta, escorrendo água; como a cachorrada preguiçosa se estendendo na porta do galpão, depois do meio dia; como os cinamomos parados, sem um ruido de fôlhas; como o próprio campo salpicado com as manchas de sombra que o sol ia largando ao entrar para trás das coxilhas do Caverá.

O Gregório sorridente, forçudo, de dentes e olhos lustrosos, de braços fortes e mornos onde em muitas tardes ela se refugiava, em busca de qualquer coisa que poderia ser consôlo ou esquecimento. Seus braços mornos de tranquilidade, seu corpo morno de preguiça, seu sorriso claro de despreocupação. E os olhos muito verdes, de ambição ou tão só de refletir o campo onde êle nascêra e vivera, sem ter se fastado nunca, nem siquer para servir na cidade.

— A cidade? Óra, a cidade... — dizia êle, e sacudia com preguiça os ombros largos que nêsse gésto pareciam pesados demais, meio deitava a cabeça para um lado, soprava no cigarro e ria, de manso, com desdém, quase com nôjo.

Onde andaria êle, o Gregório que fôra seu e que tanto gostava de pencas e de truco? Em que estradas estaria seu rumo? E que rumo teria êle, agora, depois de tanto tempo? Gostaria ainda de estender pelêgos nas taipas dos açudes e sestear alí, vendo passar por cima de tudo, lá bem em cima, as nuvens e os bandos de caturritas gritonas?

Usaria, ainda, as camisas de riscado, coloridas de verde e de vermelho?

O Gregório de agora seria igual ao Gregório de antes, passando de leve as mãos grossas em tranças escuras de china?

-- O meu Gregório! — Outra vez ela sentiu uma coisa estranha no peito, como se fôsse chorar alí mesmo, sem conseguir domínio.

★

Um dia êle chegára à estância, bem na hora do jantar, assim como chegam todos os que procuram um emprêgo, que andam por aí, sem um rumo certo, por onde os leve o corredor. A peonada churrasqueava e um piá enchia mate para o patrão. Foi mesmo a sorte do Gregório que o patrão estivesse alí, porque êle detestava entender-se com capatazes.

— Sempre são mui cheios de nos pelas costas! — dizia êle para a rapaziada, e tinha razão. Pelo menos em parte. E acertaria se dissesse isso do Manduca. Indio como êsse, de manias e de uma autoridade arrogante que desaparecia mal apontava o patrão, ainda estou para ver. Bruto, como era, com peonada, murchava logo quando ouvia os passos do seu Paulo. Não dava um pio quando o velho vinha ao galpão para conversar e chimarrear um pouco. A patrôa havia morrido, o filho andava no povo, e ficára só êle morando no enorme casarão, ainda do tempo dos escravos, com paredes de um metro de espessura. Os peões diziam que o velho tinha mêdo de ficar só, no meio do escuro e do silêncio, mas quem sabe não fôsse isso! Talvês o que êle sentisse é que estava envelhecendo, se acabando, tornando-se cada vez mais velho com o tal reumatismo e com a solidão que todos os dias parecia tornar-se maior. Estava ficando ruim por dentro, assim como erva muito lavada, e só no galpão é que podia ser mais alegre, que misturado com os peões tornava-se um deles, e ria, e contava coisas como se alí dentro êle não fôsse mais que um simples "mensual".

De relance Gregório compreendeu que o patrão gostava de prosa e assim, meio intimidado, meio afoito, foi começando uma conversa com um rapaz ao lado e depois levantando a voz para que o patrão, que estava lá nos fundos, ouvisse o caso. Casos como êsses, da assombração do Gritador, da Alma do Branco, e da Tapera do Cabôclo, êle conhecia ás dúzias.

— E diz que lá no Passo de Santo Agostinho também se ouve o Gritador nas noites muito escuras.

Seu Paulo levantou do banquinho de couro de terneiro e veio sentar ao lado de Gregório para escutar melhor.

— O que é que estavas contando, rapaz?

— Era duma assombração que aparece perto da Tapera do seu Antonico. Coisa simples, um foguinho que dizem que é um boi-tatá, e depois a gente corre lá, procura a marca do fogo e não encontra nada. Nem gente, nem rasto. Só um grito forte saindo de dentro do matagal é o que se ouve. Pousei umas quantas vêzes nessa tapera e em tôdas elas me apareceu o tal fogo e o tal grito. Dizem que é algum entêrro de dinheiro, que seu Antonico deixou, mas eu não acredito! Nem desacredito, também! Dessas coisas ninguém sabe direito prá dizer: é isso ou aquilo!

Não sei como é que Gregório descobriu que o prazer do patrão eram essas conversas de alma do outro mundo e panelas de dinheiro que os



antigos costumavam enterrar em época de revolução. O que aconteceu é que o velho patrão gostou dos "causos" do recém chegado; tanto gostou que o convidou para ficar na estância.

— Escuta, tu entendes um pouco de gado fino?

— Mas, como não! Puis eu fui cabanheiro na estância de Cima. E' só perguntar pro seu Carlo.

— E que é que tu diz de ficar aqui, tomando conta dos meus carneiro e dos touro?

— Aceito, claro!

Foi assim que êle ficou trabalhando, ganhando bem, mais como amigo do patrão, que mesmo como cabanheiro da estância.

★

— Seu Paulo, não tenho gente minha aqui por perto e queria saber quem é que lava roupa nessas redondeza.

— Eu tenho aí nos fundos da granja uma família muito boa. Pergunta pros rapazes onde é, e vai lá. Diz pro seu Santiago que fui eu que te mandei.

Quando êle apeou na frente da casinha de maneira, muito limpa e arranjada, a cachorrada, saída não sei de onde, caiu sôbre êle e um dos cães ovelheiros deu-lhe uma pegada nas bombachas e deixou alí um talho como se fôsse feito a facão. Uma gargalhada moça cortou-lhe as pragas.

— Então o senhor não sabe, que quando se chega numa casa estranha, a gente fica em cima do cavalo até que o dono da cachorrada venha acalmar a gritaria?

— Puis não sabia disso! Olhe aqui, dona, o que êles fizeram! Ainda se eu tivesse outra, não era nada.

Ela ficou séria.

— Me disculpe... Cumé que eu ia sabê?

★

Ainda agora, com a roupa ensaboada entre as mãos Carolina lembrava muito bem aquêle dia. Tudo estava claro, luminoso.

— Um céu tão azul como hoje — pensou ela — e havia os milharais carregados levantando as espigas para cima, e um ventinho leve balançando o arvoredo e remechendo os cabelos da gente.

Quase sem êles sentirem, alguma coisa mudou. Antes sempre tinham o que conversar, agora... ás vêzes ficavam mudos, pensando um mundo de coisas e não dizendo nada. Havia algo estranho dentro deles; algo que lhes modificava os gestos, os olhares, os pensamentos sem que êles mesmos notassem.

Quando Gregório lhe falava, Carolina estremecia, que seu nome, dito assim, parecia mais uma carícia que um nome. E quando êle chegava, que se apertavam as mãos, ambos avermelhavam como se houvessem deixado escapar todos os pensamentos estranhos que moravam dentro deles. Avermelhavam. Por nada. E ficavam sem jeito, um na frente do outro, sem saber o que dizer.

Depois, alí na beira da sanga onde ela costumava lavar, quantas vêzes não ficaram quiétos, ela nos braços dele, êle beijando-lhe a boca? E depois...

Foi quando houve um baile em casa do compadre Felipe. Ficava com raiva só de lembrar! Nêsse dia tudo se desfizera. Tudo! E por que? Por que? Ela não queria ir. Fôra Gregório quem insistira. Por isso é que ficava com mais raiva. Se tudo acontecera tinha sido por culpa dele, ùnicamente! E no entanto Gregório se achára com todos os direitos de se ofender, de brigar, de gritar-lhe nomes duros como se ela, só ela, fôsse a culpada!

Por uma bobagem! Isso é que lhe doía! Por uma bobagem que Gregório, vindo de outras bandas e sem conhecer os costumes do rincão, levou à sério. Jango veio tirá-la para dançar e ela aceitou, porque não podia se negar para o filho da casa. O que não diria o compadre? O que não pensariam dela as moças que estavam alí? E dona Finoca, a faladeira? E os rapazes? Dançou. E como não dançar, se dêsde que entrára no baile, junto com Gregório, ninguém lhe tirava os olhos de cima?

Quando Jango deixou-a perto da porta, apenas sentiu que diziam seu nome bem junto ao rosto e depois mãos fortes prendendo-lhe os braços, puxando-a com fôrça.

— Dansando com outro, não?

— Mas, crédo, Gregório! Que susto!

— Então tu não veio prá dançar comigo? Prá que é que tu veio, então, se eu não tou te fazendo falta no baile?

— Mas, Gregório...

— Tu não me vem com mentira! Tu me diz uma mentira, eu te viro a mão na cara!

Carolina deu alguns passos para trás e se encostou na parede. Nunca vira Gregório assim. Tinha mêdo! Não fizera nada de mal. Então, por que?

Gregório aproximou-se. Agarrou-a pelos braços e sacudiu-a, com fôrça, com vontade, como se a raiva e o ciúme que sentisse tivessem tomado conta dele e lhe pedissem a morte de Carolina.

— Por que? Então, contigo é assim? Com os outros era assim também? Mal saíam da sala, tu já ia procúrar par? Ou êles sabiam e não se importavam? Mas comigo é diferente, Carolina! O que é meu, é meu! No que eu tenho ninguém faz sociedade!

— Mas, Gregório...

— Cala a boca! Prá quê tu vai falar? Adianta? O que tu fez, já tá feito? Acha que isso tem remendo? Pode të pros outros, prá mim não! Tu me fez uma, Carolina, mas duas tu não me faz! Vai! Toca pro baile! Os moço tão te esperando!

Empurrada por Gregório, Carolina bateu contra a parede. As tranças se desfizeram. De um arranhão no braço começou a brotar uma gôta de sangue. (Pur que tu me faz isso, Gregório? Por que? Se tu me dissesse o que é que eu fiz! O que é que eu pudia tê feito dentro dêsse baile desgraçado?)

Quando limpou os olhos, Gregório não estava alí. Nem alí, nem no galpão, nem dentro da sala. E nem o patrão pôde dizer, no outro dia, que rumo êle tomara.

★

Carolina suspirou.

O bando de maracanãs levantou do mato e, aos gritos, tomou outro rumo.

CONTO DE THEREZA DE ALMEIDA
ILUSTRAÇÃO DE ARMANDO PACHECO

A VIDA DE ELIZABETH BARRETT BROWNING

(1806 — 1861)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Pôrto Alegre)

O pai de Elizabeth, criado como um senhor de escravos, tratava os doze filhos como escravos. No seu vocabulário havia duas palavras que tinham supremacia sôbre tôdas as outras: *mandar, obedecer*. A êle cabia o mando, aos seus filhos, o dever da obediência.

Era bondoso para êsses desamparados pequenos servos, carne da sua carne e sangue do seu sangue, do mesmo modo que era bondoso para os seus cachorros. Mas exigia constante dedicação deles até a última gôta, e sem que mordessem nem latissem. Construiu para êles e para sua espôsa, sem nunca os consultar, uma mansão de magnificência original. Colocava cada um numa belíssima cela e fechava a porta a chave.

Muitas manhãs, conta Elizabeth, ela tinha uma vontade doida de

Passear por tôda a casa adormecida
E, como uma alma do corpo partida
Em busca do ar livre... escapar,
Nas sendas entrar, entrar nas reboleiras,
Pelas colinas vagar horas inteiras
E vir de volta antes da casa acordar.

Mas o escravo nunca deve andar longe dos olhos vigilantes do senhor. As aventuras físicas das outras crianças não eram dadas a Elizabeth. Tinha de se contentar com suas aventuras *mentais*. A isso Mr. Barrett não opunha obstáculos. De fato, encorajava, a atividade da imaginação dela. Ufano com a capacidade poética da filha — ela começou a "versejar" quase ainda no berço — êle consentia que ela entrasse à vontade na sua biblioteca.

— Deves prometer, entretanto, que lerás sòmente os livros *dêste* lado, e não os *daquele*.

Daquele lado da biblioteca estavam os livros *proibidos*, a *História* de Gibbon, *Tom Jones* de Fielding, e outros que tais. *Dêste* lado estavam os livros *permitidos*, *Platão Shakespeare, Homero, Milton* a *Sagrada Escritura*. Mas também dêste lado, por inadvertência de Mr. Barrett, achavam-se *A idade da razão* de Tom Paine, o *Dicionário Filosófico* de Voltaire, o *Werther* de Goethe, os *Ensaios* de Hume — "livros para os quais eu nunca pensara olhar... mas que tinham o mesmo efeito das obras *proibidas*".

Uma alma vigorosa num corpo raquítico. Uma criança franzina num mundo povoado de fadas. "Livros e sonhos, disso é que eu vivia". Especialmente dos livros fantásticos de Homero. O cêrco de Troia. As andanças de Ulisses. A tragédia de Heitor. No seu jardim ela esculpira com barro uma gigantesca figura de Heitor, colocando-lhe olhos azuis, faces carmezins e uma armadura côr de ouro.

Contudo, não era escultora, mas poetisa. Aos oito anos deslumbrou a família com um "caderninho grampeado" cheio de odes e poesias líricas. Aos nove apresentou um poema épico. Aos dez compôs uma tragédia francesa que seus irmãos e irmãs representaram no quarto. Aos treze concluiu um poema épico em quatro cantos sôbre a batalha de Maratona. Seu pai ficou tão orgulhoso com êsse poema, que mandou imprimir cinqüenta exemplares dele. E Elizabeth ficou tão orgulhosa com o orgulho do pai, que lhe dedicou seu poema. "Ao pai cuja bondade constante, cuja afeição infatigável nunca poderei pagar, ofereço estas páginas como um pequeno testemunho de... gratidão". Elizabeth, como todos os seus irmãos curvava-se num preito de adoração ante a benevolente tirania do pai.

O benévolo tirano contratou um preceptor para seus dois filhos mais velhos, Elizabeth e Edward. A educação devia ser puramente clássica; a aritmética era um dos tabus de Mr. Barrett. No fim de seus dias Elizabeth ainda "invejava" as pessoas que sabiam multiplicar "três vêzes seis sem fazerem uso dos dedos".

Uma pobre matemática e uma pagã ardorosa. Sob a influência de seu preceptor, um erudito cego de nome H. S. Boyd, ela se apaixonou tanto pelas antigas divindades olímpicas, que lhes oferecia sacrifícios às escondidas.

Seu pai, ignorando-lhe as tendências pagãs, animou-a nos seus estudos de assuntos gregos. Piedoso cristão que êle era, teria ficado terrìvelmente ferido ouvindo a oração da noite de sua filha:

— Oh Deus, se é que existe um Deus, salvai-me a alma, se é que eu tenho uma alma.

Os estrondos da guerra civil ressoaram em Wimpole Street. Barrett perdia o domínio sôbre uma de suas possessões.

II

Elizabeth tinha vinte e seis anos quando deu seu primeiro passo no caminho da rebelião. Escolheu, para traduzir, o mais revolucionário dos antigos poemas gregos, o *Prometeu* de Ésquilo. O titã Prometeu ousara desafiar a autoridade de Zeus, pai e senhor dos deuses. Escolhendo êsse assunto, Elizabeth dava a entender que ela também gostaria de desafiar a autoridade do Zeus que era pai e senhor dos Barretts.

Mas era uma espécie mitigada de rebelião, essa de Elizabeth. Sua tradução do *Prometeu* era antes um indício do que uma declaração de sua atitude para com o despotismo do pai. Mais ainda, era antes um indício *subconsciente* do que *consciente*. Ela ainda não chegara a pensar que seu pai não tinha razão. Arreliava-se sob o pêso dos seus grilhões, mas ainda sentia vagamente que êsses grilhões podiam ser de proveito para ela. Porque seu pai assim o dissera. Certamente que êle não era um tirano *cruel*. De vez em quando sabia ser tão gentil ! E tão atencioso! Tinha tão bom gôsto e bom humor, sabia gracejar tão bem! Isso, quando não lhe contrariavam a vontade. Tinha o costume de trazer pilhas de livros para Elizabeth, material de leitura que lhe parecia *a êle* bom *para ela*. E telas: um Rembrandt, um Ticiano, um Andrea del Sarto. Tudo que agradasse à filha, contanto que agradasse a êle primeiro.

Ela era agora uma inválida; uma congestão pulmonar na sua adolescência solapara-lhe as energias vitais. Ficava todo o tempo no quarto, raramente abria as janelas, dificilmente puxava as cortinas para deixar entrar o sol. E seu pai era tão bondoso! Lia para ela, acariciava-a, dava-lhe os remédios quando ela os pedia. Não que êle fôsse partidário dêsses remédios.

— Estarias mais bem servida se engulisses menos drogas e mais alimento.

Mas já que ela insistia nos medicamentos, muito bem. "E' deixá-la com os seus caprichos".

Entretanto, um capricho *não* lhe devia ser deixado: o de ter outra companhia além da dele. Mr. Barrett era doidamente ciumento do amor de seus filhos. Ùnicamente êle devia ser alvo daquele amor. Nunca convidara ninguém para jantar, nunca permitia que seus filhos convidassem alguém. Não deixava ninguém contaminar os Barretts com o veneno de uma conversação não barrettliana. Quanto às conversas existentes nos livros que permitia aos filhos lerem, sempre as submetia prèviamente à aprovação da sua censura.

Ao proibir companhias para Elizabeth, Mr. Barrett abria uma exceção para o "spaniel" dela, Flush. Depois de Elizabeth e seu pai, Flush era o tipo mais interessante de Wimpole Street. Êsse cachorrinho malicioso era o *pequeno* tirano da família, assim como Mr. Barrett era o *grande*. Côr de vinho, redondo de gordo e preguiçoso, era tão exigente quanto à sua comida como uma senhora regalada. Só vinha fazer suas refeições depois de ser persistentemente adulado; e se a comida não estava bem do seu gôsto, dava as costas e se afastava desdenhosamente. Sua carne de frango e de carneiro devia ser assada, e não cozida. Se o café vinha com bolinhos, êle o tomava; se vinha sem bolinhos, o rejeitava. Seus macrons deviam estar cobertos de açúcar e nata, do contrário ficavam intatos. Via de regra aborrecia o sal; seu queijo-creme, porém, devia ser liberalmente salgado, e diante das suas ventas, antes que se dignasse tocar nêle. A carne devia ser cortada em pedacinhos e dada de comer a êle num garfo, senão não abria a boca.

Todavia, apesar dos seus melindros, era o constante divertimento de Elizabeth. E a constante preocupação dela. Tinha o costume de se deixar agarrar pelos pegadores de cachorros — "Creio que êle faz isso de propósito" — os quais exigiam de cada vez um resgate de dez guinéus (cêrca de mil cruzeiros) para o soltarem. Elizabeth pagava simplesmente felicíssima a quantia para restituir o tiraninho ao seu domínio na mansão Barrett.

E êsse domínio, como o de Mr. Barrett, compreendia uma exigência egoísta da afeição exclusiva de Elizabeth. Flush rosnava sempre que alguém entrava na casa. Ninguém devia separar Elizabeth dele, nem mesmo aquêle formoso jovem que de vez em quando aparecia quando Mr. Barrett se achava ausente. Flush não gostava de modo algum da idéia, e mostrava seu descontentamento arreganhando os dentes. Se ao menos êle pudesse falar a Mr. Barrett e avisá-lo!

Mas no momento Mr. Barrett felizmente não sabia que sua filha recebia visitas de um jovem poeta. Ignorava igualmente que êsse jovem poeta se correspondera com ela durante vários meses antes de sua primeira visita. Êsse era um dos dois segrêdos que Elizabeth escondia do pai. Livros proibidos e amor proibido. Êle lhe dissera que ela evitasse *aquêle* lado da biblioteca e *aquêle* lado da vida. Acontecia, porém, que *nêste* lado também se infiltravam ocasionalmente um livro e uma personalidade proibidos. *A idade da razão* e Robert Browning. A lógica e o amor tinham aberto caminho para a prisão de invalidez de Elizabeth Barrett.

A tôdas essas, o carcereiro dormia. Mas Elizabeth tremia ao pensar no que aconteceria quando o carcereiro acordasse.

III

Por muito e muito tempo Elizabeth tentara desalentar as cartas e as visitas de Robert Browning. Não que elas não lhe agradassem. Pelo contrário, causavam-lhe a mais viva felicidade que experimentara até então. Mas se aterrorizava ante a reação do pai. A ordem dele — *não deves!* — tinha de ser absolutamente obedecida. E agora mais do que nunca fazia-se necessária a obediência. Certa vez teimara com êle, e isso tivera tragicos resultados. Ela insistira, contra a vontade do pai, em ir gozar umas férias à beira-mar junto com seu irmão Edward. Edward era, entre todos os Barretts, o predileto dela. Chamava-o afetuosamente *Bro*, abreviação de *brother* (irmão); e êle, em compensação, chamava-a *Ba*, primeira sílaba de *baby* (nenê). A estreita afeição de *Bro* e *Ba* era o assunto destacado da conversa da família. Quando, porém, Elizabeth sugeriu uma excursão com Edward à praia de mar de Torquay, Mr. Barrett ficou furioso.

— Férias para uma *mulher* é loucura rematada. Mas férias para um *homem*... quem já ouviu falar em tal coisa?

Elizabeth, entretanto, continuara a interceder por Edward, e finalmente Mr. Barrett aquiescera.

— Muito bem, Elizabeth, mas a responsabilidade é tua.

— Assumo a responsabilidade, pai !

Assim é que Edward fôra com ela para Torquay. E um dia saíra a velejar no pôrto com outro jovem; levantara-se uma súbita borrasca, e os dois cadáveres tinham sido arrojados à praia...

Dêsse dia em diante, Elizabeth tinha um receio mortal de assumir uma responsabilidade contra o consentimento de seu pai. Foi portanto com um misto de alegria e angústia que recebeu uma carta de Mr. Robert Brownnig. Ela acabava de publicar um volume de poemas; e êsse jovem e verdadeiramente grande poeta — infinitamente maior do que ela! bem vai — escrevera-lhe palavras inflamadas. "Amo seus versos de todo o coração", começava a carta. Ela tomou fôlego e continuou a ler: "Amo êsses versos, como lhe digo, de todo o coração , prezada Miss Barrett; e também a amo".

Ela leu de novo as últimas palavras... "e também a amo". Palavras galantes de um jovem deus galante. Mas sem sentido, não havia dúvida. Êles não se conheciam. Aparentemente Mr. Browning não sabia que era inválida, que era uma assassina aos próprios olhos, que levara o irmão à morte mediante sua "imperdoável" oposição à vontade de seu pai. Mr. Browning nunca deveria chegar a vê-la, a se desiludir dela. Ambos deviam conservar-se afastados, por causa de Mr. Browning, por causa de Mr. Barrett. Mr. Browning era valioso demais para ela, levava-lhe vantagem em fortaleza e mocidade; com mais precisão: era sete anos mais moço do que ela. Elizabeth tinha quase quarenta, era "uma vizinha chegada da sepultura". Por que atrelar aquêle vigoroso semi-deus e poeta a uma decrépita amizade como a dela?

Além disso, que pensaria seu pai dessa amizade, presumindo que ela fôsse possivel? Êle já mostrara sua atitude para com os "amigos" de suas filhas no caso de uma delas, Henrietta. Um jovem oficial ousara entrar para vê-la Mr. Barrett, encontrando êsse jovem inesperadamente em sua casa, um dia, botou-o terminantemente porta a fora. Mr. Barrett tinha uma obsessão monomaníaca contra qualquer espécie de "sociabilidade" por parte de seus filhos. Porque podia conduzir — pen-

(Cont. na pág. 52)



ELIZABETH BARRET BROWNING

TRÊS MODELOS



CONVERSA

— Só se ama uma vez na vida.

— Romantismo...

— Não, não. Realidade. Simples realidade. Aliás, de certo aspecto, uma cruel realidade...

- Cruel?

Sim, do ponto de vista daquelas que um dia pensamos amar e que, depois, verificamos não terem sido mais que experiências frustradas.

— Desilusões...

— Digamos desilusões... Entretanto, muitas dessas mulheres não chegaram a ser ilusões. Nem isso. Decepcionaram logo. Passaram, na nossa vida, da curiosidade à decepção. A desilusão ainda é beleza, porque é dor, remorso, desespero. A decepção é irônica.

— Mas, peço-lhe que não divague... Vamos ao nosso tema.

— Sim, vamos. Afirmo que só há um amor, uma mulher, em cada vida.

— E as outras?

— As outras são simples erros.

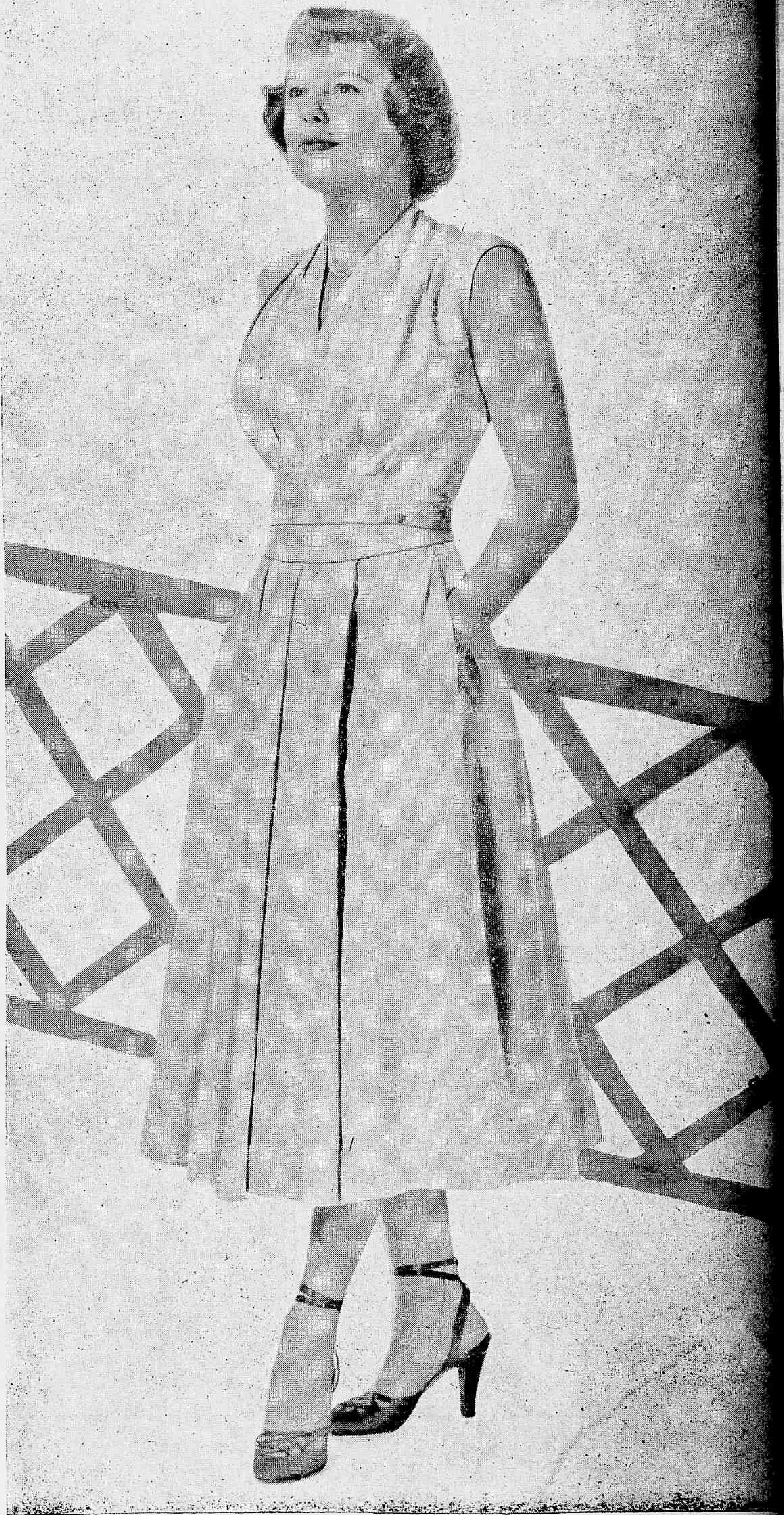
— E como se caracteriza o verdadeiro amor?

— Por um sentimento de eternidade, que é a própria essência do amor. Temos a impressão, a certeza de que

(Cont. na pág. 51)



NESTA página, três graciosos e sugestivos modelos nos são apresentados por duas famosas estrêlas de Hollywood. Em cima, June Allyson da M.G.M. com dois modelos, um para a noite e outro para a tarde, e em baixo Joan Leslie, com um original modêlo esportivo.









A MODA EM HOLLYWOOD

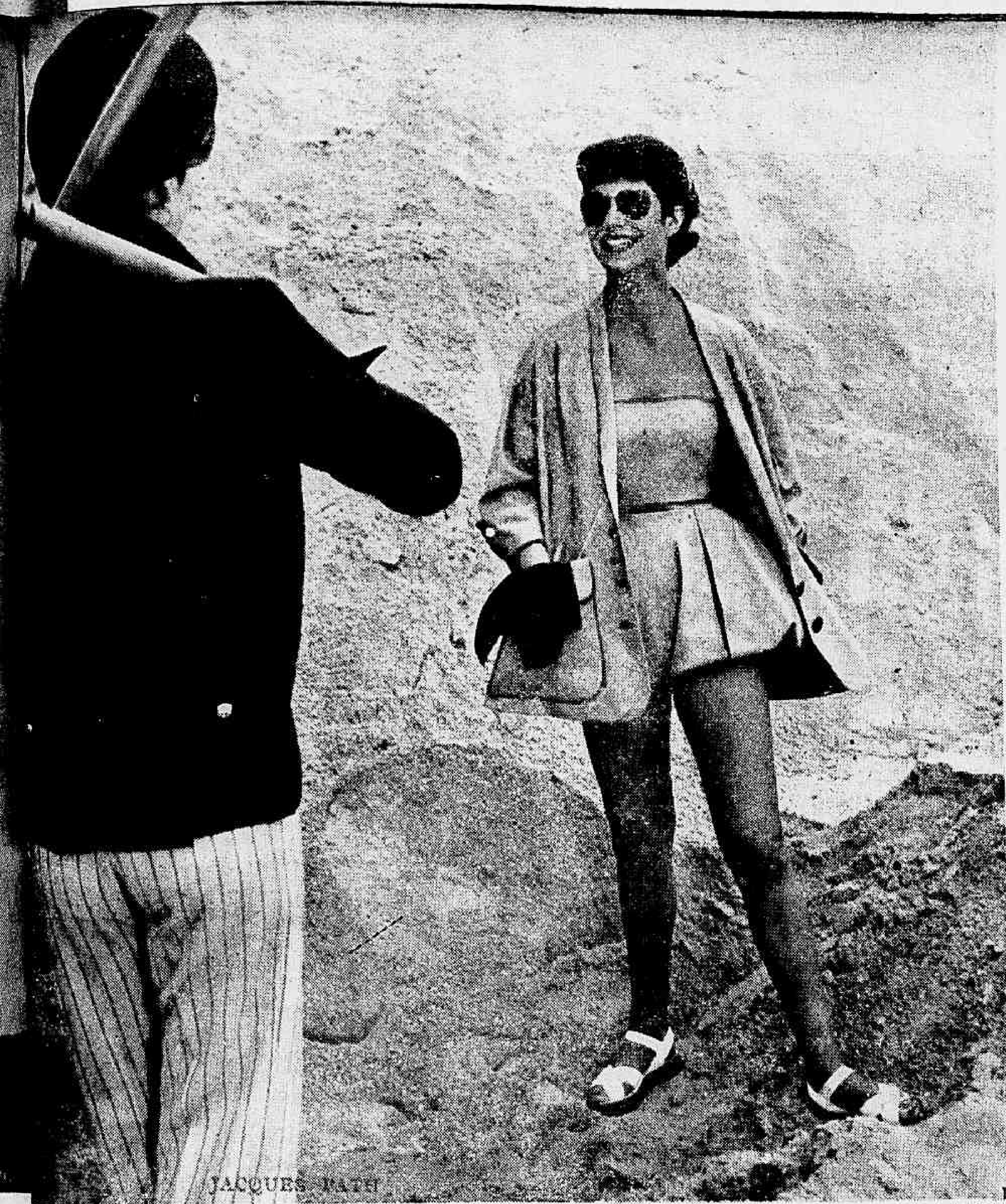
APRESENTAMOS sugestões variadas em trajes para primavera, exibidas por algumas estrêlas de Hollywood. Em cima, à esquerda, Debbie Reynolds, da Warner, veste um modêlo de alças em algodão com a saia bem franzida e o bolero de mangas japonêsas e gola subida; à direita, Joan Fontaine, da R.K.O., num sugestivo traje esportivo, notar a originalidade da saia; à esquerda Patricia Neal usa êste elegante modêlo de alças para noite. Corpo transpassado e saia godé. Em baixo, da esquerda para a direita: Joan Leslie, da R.K.O., apresenta êste elegante "robe" em seda branca com cordão e aplicações em seda marron. Eleanor Parker, da Warner, apresenta esta elegante blusa em seda com mangas compridas amplas, enfeitada com cetim e entre-meios de renda. Doris Day, da Warner, sugere êste modêlo em seda estampada. Saia franzida com largo cinto, decote em V e gola subida.







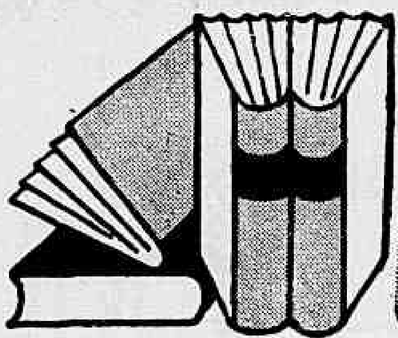
NA PRAIA



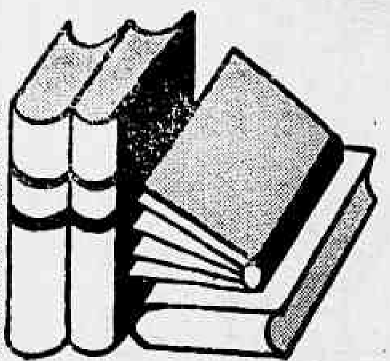
APRESENTAMOS algumas sugestões em trajes para praia, de fácil execução e belo efeito. Em cima temos, traje em lã e linho, o casaco com três pregas pronunciadas e pequeno cinto nas costas em fina lã azul marinho, a calça três quartos em linho listrado vermelho e branco, «short» em linho beige, sem alças com a calça franzida e casaco solto, sem gola, com grandes bolsos; criação de Jean Patou, elegante traje em linho branco, calça três quartos, bem franzidas, corpete sem alça; sugestiva «saida» para a praia em original tecido quadriculado vermelho e branco; à esquerda outra «saida» para a praia em godet, tecido listrado com largas listras verdes e brancas.







SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMILIA



Edmond Rostand

EDMOND ROSTAND é certamente o maior poeta dramático do seu tempo. Desaparecido há pouco mais de trinta anos, sua obra imortal cresce dia a dia no aprêço público e, a cada representação dêsse teatro grande e belo, que é o teatro de Rostand, perpassado do divino sôpro que animou os dramas de Corneile e de Racine, mais sentimos o seu gênio, o seu elance, o seu "penache". Edmond Rostand! Belo e grande nome da poesia francesa a que êle soube servir como a uma familia, com a galhardia sedutora de um dos seus cadetes de Gasconha. Nome insigne do teatro de nosso tempo e que repôs na cena da França aquela dignidade, aquela grandeza antigas, aquela flama que se havia apagado, depois do romantismo. Edmond Rostand, o poeta que faltava para imortalizar o gênio dramático de Sarah Bernhardt, o poeta que exigia o gênio de comediante de Coquelin.

★

Falando de Rostand, lembramos aquela figura magra e fina dos seus últimos retratos, aquêle retrato com uns grandes olhos tristes, nostálgicos... Aquela figura em que já se adivinhava o enfêrmo, aquêles olhos já com um pouco de saudade da vida.

Rostand passou quase tôda a sua vida na paisagem amável e ensoalhada dos Pirineus, em Cambo, na sua vila de Arnagá, animando os seus silêncios com o tinir de espadas e as aventuras de seus heróis... Procurando agitar-se, na sua desolação de enfêrmo, através das suas personagens... Consolando-se com o movimento do poema dramático, com os trainéis do teatro... Vivendo do elance de Bergerac, marchando com os cadetes de Carbon de Castel-Jaloux... E admirável, sobretudo, porque não deformou sua obra com o seu "spleen" e a sua tristeza... Foi terno e doce com a sua dor, mas superior a ela, como com uma mulher...

O que sentimos, em Rostand, não é a amargura, não é o infortúnio... No seu teatro ou nos seus poemas, êle tem sempre a bravura, o "aplomb", o brilho dos seus heróis prediletos...

★

Certa vez, respondendo a um inquérito jornalístico, êle o fêz em sonêto. O último verso dessa pequenina jóia, simples e inspirada, é uma biografia, uma autobiografia em que não falta nem a assinatura, nem a data, pois tem o nome de seu palácio dos Pirineus. Traduzimos: "Je rêve, je travaille... Edmond Rostand, Cambo".

Sonho, trabalho...

Sonhou um grande sonho de beleza, e basta o Cyrano para imortalizá-lo. Seus versos, alguns, muito dos maiores versos da lingua francesa — tão perfeitos e tão altos como os de Racine, os de Molière, os de Victor Hugo... Viveu as noites triunfais das estréias da "Porte Saint-Martin"... Teve ao serviço de sua glória o gênio e a beleza de Sarah Bernhardt — "princesa do gesto, rainha da atitude" — como êle mesmo o disse... Rosemonde Gerard, poeta ela também, dona de uns lindos olhos e de uns versos lindos, fina, inteligentíssima, deu-lhe o encanto da vida intima, pôs flores e ternura no seu "foyer". Em Cambo, viveu como príncipe; sua vila, cercada de jardins, de pontes, de estátuas, era um palácio quase maravilhoso... Belo, elegantíssimo, não podemos evocar Rostand sem lembrar que êle foi um neto de Musset, poeta e "dandy", sem rever os seus "plastrons", os seus camafeus, os seus anéis, os seus bigodes à "moqueteiro"...

★

Edmond Rostand contava vinte-e-oito anos quando apareceu "Cyrano de Bergerac", estreado em 1897. Não era, a êsse tempo, um nome desconhecido. Poeta, publicara uma coletânea de poemas "Les Musardises". Autor, fizera representar "La Romanesques" e "La Princesse Lointaine", dois êxitos de poesia e de teatro. Mas foi "Cyrano de Bergerac", "epopéia dialogada", como a chama Pôrto Carreiro, o insigne tradutor brasileiro da comédia heróica mais famosa de nosso tempo — foi "Cyrano" que o celebrizou e que imortalizou o seu nome.

Como o "Hermani", "Cyrano" ficou sendo uma data em literatura. E, à sua estréia, Rostand foi, sem favor, comparado a Victor Hugo, pela palpitação divina dos seus versos, pela grandeza, pelo arroubo de seus heróis.

★

Cyrano de Bergerac...

Cyrano não é uma personagem fictícia. Cyrano nasceu no Perigord em 1620 e faleceu em Paris em 1655... De duas de suas comédias serviu-se Molière, copiando ou adaptando cenas e "efeitos", para os seus sucessos... Rostand, servindo-se do obscuro herói, romanceou-lhe a vida, dramatizou o seu destino e transformou-o numa legenda, num simbolo, como o "Quixote" ou o "Cid", misto de personagens legendárias, incarnação da bravura, do idealismo, do desinterêsse, da grandeza d'alma.

Foi o ator Coquelin Ainé o criador da personagem que o seu gênio de comediante elevou às perfeições de uma obra-prima. Mas outros grandes artistas, como Loraine, souberam viver genialmente o drama de Bergerac.

EDMUNDO LYS

NOTICIÁRIO

ALIMENTAÇÃO HUMANA E REALIDADE BRASILEIRA

O recente estudo do prof. A. da Silva Melo — *Alimentação Humana e Realidade Brasileira* — que a Livraria José Olympio Editora acaba de publicar, se não veio acrescer o renome cientifico de seu autor — já de há muito firmado dentro e fora do Brasil — veio pelo menos demonstrar que o ilustre cientista ainda mantém bem viva a chama do seu entusiasmo e da sua dedicação à causa da melhoria das condições alimentares do povo brasileiro, e ao mesmo tempo realçar a amplitude que tomaram os seus estudos sôbre o assunto, de cada vez abrangendo um novo setôr de tão vasto campo de ação. Sintetizando no volume óra publicado as observações e conclusões divulgadas em várias conferências pronunciadas nos centros culturais do país, Silva Melo, com a experiência e o saber que o caracterizam, traça novos rumos ao problema da alimentação do povo brasileiro, atacando corajosamente certos tabus arraigados nos costumes de nossa gente, e combatendo com a dignidade de um autentico cientista, os abusos e os êrros que têm entravado o nosso desenvolvimento no terreno da alimentação humana, com severos prejuizos para o próprio futuro da nacionalidade.

★

ARNOLD ZWEIG o conhecido escritor progressista alemão acaba de fazer uma estadia de alguns dias em Varsóvia, durante a qual teve oportunidade de entrar em contáto com escritores poloneses.



A escritora Lucília de Figueiredo que vem de publicar o livro de contos infantis — «A Velha que tinha um Gato».

★

O PEN-CLUB POLONÊS conferiu o prêmio da melhor tradução de uma lingua estrangeira para o polonês correspondente ao ano 1949 ao conhecido poeta e escritor Adam Wazyk, autor de excelentes traduções de poemas de Maiakowski, Rimbaud e Apollinaire que vem de publicar a tradução de alguns capitulos de "Eugenio Onegin" de Pushkin.

A LEGENDA DAS LETRAS



Mais uma "charge" de Ben, na série que "Les Nouvelles Literaires" vem publicando: Racine, o terno sacrificador

"STAR MONEY"



Kathlen Winsor

Desde a publicação de "Forever Amber — de consagração universal — Kathleen Winsor não publicava um romance. Agora, apareceu "Star Money", cuja heroína, Shireen Delaney, se destina à mesma glória e popularidade de Amber.

★

POESIA NORTE-AMERICANA

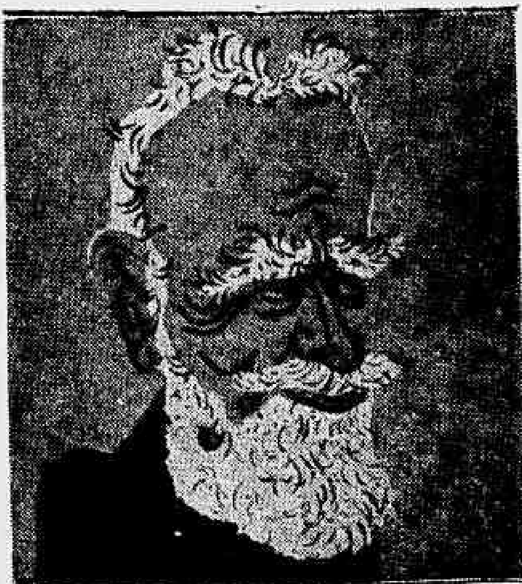
"FOREWARNED"

(By HELEN WELSHIMER)

I knew your love was colored flame,
A wild star on the wing,
And there could be no constancy
In such a shining thing.
For dawn goes out as morning comes,
And laughter doesn't last—
But, oh, my world is dark tonight
Because a meteor passed!

★

MORREU BERNARD SHAW



Faleceu Georges Bernard Shaw, o genial dramaturgo irlandês.

Shaw, desmentindo uma lenda ligada à literatura, morreu velho e riquíssimo.

Sua obra é um legado imperecível de nosso tempo.

A MORTE DO POETA LEO LARGUIER

A crônica literária registrou no mês último o falecimento do poeta francês Leo Larguier.

★

NOTICIÁRIO

NA UNIÃO SOVIÉTICA vem de ser publicada uma tradução russa de "Placowka" Sentinela, um dos mais conhecidos romances de Boleslaw Prus — o famoso escritor polonês do século passado. O livro foi tirado a 30.000 exemplares. Ainda na URSS editou-se recentemente uma antologia de contos contemporâneos poloneses. Um outro empreendimento importante na cooperação cultural polono-soviética foram os dez dias de música polonesa, organizados pelo Comitê Radiofônico da URSS e retransmitidos por tôdas as emissoras soviéticas.

FORA DO PRELO

ANTÔNIO TORRES E SEUS AMIGOS — Gastão Cruls - Companhia Editora Nacional — São Paulo.

Não fui amigo de Antônio Torres, no sentido de o ter conhecido e frequentado, mas fui seu amigo, à distância, como muitos de seus leitores, dos que acompanharam sua obra e sentiram os benefícios que ela nos fez, por sua coragem, por seu heroísmo, por sua irreverência e por sua sinceridade. Quando Torres morreu e seu corpo veio para o Brasil, para a sepultura que teve em Belo-Horizonte, com alguns outros intelectuais mineiros, então na capital, acompanhamos o grande escritor à sua última morada. Lembro-me de que eramos poucos, muito poucos: Mário Matos, Newton Prates, Hermenegildo Chaves e eu, além das pessoas da família de Torres. Foi então que Mário Matos considerou a transitoriedade da glória jornalística, lembrando que houve um momento em que Torres era o jornalista mais lido do Brasil, quando todos esperavamos, em Belo Horizonte, os jornais do Rio, para não perdermos o seu artigo de «A Notícia». Nessa época, testemunhamos aqui, na Galeria Cruzeiro, o assalto aos vendedores do vespertino de Cândido de Campos, todas as tardes, por causa das verrimas de Torres. Entretanto, no seu enterro, na capital de seu Estado, eramos quatro jornalistas a acompanhá-lo ao cemitério!

Além dessa indiferença sempre consideramos Antônio Torres um injustiçado de nossas letras. Escrevendo para o jornal, para a vida de um dia do que se escreve nos jornais, êle o fazia porém de maneira impecavel, vencendo o tempo. E aí estão seus livros de jornalismo que podem ser lidos com o mesmo interêsse. E, acima deles, permanece, e permanecerá, essa obra singular e violenta que é «Razoens da Inconfidência», cuja leitura é sempre emocionante, aliciante, dominadora.

Gastão Cruls veiu agora, como um dos amigos de Torres, quebrar o silêncio que se fez em tôrno do morto e que já começara em sua vida. Cruls é, como amigo e confrade, um dos depositários das tradições vivas de Torres, um evocador carinhoso de sua presença. Êste livro que agora nos dá e que nos devolve o grande Torres, no seu meio, na sua época, nas suas lutas — vale, principalmente, pela evocação vivíssima da figura do panfletário que Cruls nos proporciona nestas páginas de crítica e biografia afetuosa. E, delas, Antônio Torres se projeta em corpo e espírito, como expoente de um tempo, lutador indomável cheio de inteligência e cultura e que não se comprazia nos amáveis jogos do espírito, mas se interessava, interferia, lutava, com fé e coragem inabaláveis.

Cruls fixa com intenso colorido toda uma idade do mundo intelectual, do jornalismo, da vida do Rio. E, assim, melhor podemos compreender, tanto estas cartas, de idéias e opiniões que Torres mandou aos seus amigos, como a própria obra de nosso grande panfletário. Há, também, um lado nostálgico nêste memorial. A lembrança de uma era que nenhum saudosismo pode mais recuperar: a época dos últimos bares, com rodas boêmias e notivagas, com muitos «chopps» e longos cavacos de inteligência. O leitor de hoje que encontre nestas páginas aquêle bar Nacional onde Torres fazia ponto, dificilmente poderá acreditar que seja o mesmo de hoje em dia... A paisagem, certo, não mudou muito, mas as figuras, que diferença! E como poderá o jornalista de nosso tempo aceitar que tenha havido, na imprensa, esses vagares, essas tertúlias demoradas, tarde em fóra, entre canecos de cerveja e batatinhas fritas...

Gastão Cruls nos deu há pouco uma história do Rio, desde seus primeiros tempos. Aqui êle retorna amorosamente ao assunto, apresentando-nos aspectos humanos de uma face da cidade, o Rio dos últimos boêmios, onde diàriamente se encontravam os amigos, à hora lenta do aperitivo. E, por isso, sua obra reúne uma multiplicidade enorme de aspectos e de valores e interessa intensamente ao leitor. Êste livro não é apenas um livro de cartas de um escritor, com um pouco da biografia de seu espírito. E' a «mise-au-point» de um de nossos valores, feita por um mestre da arte narrativa e que, por isso, nos apresenta, ao mesmo tempo que a figura intelectual, o perfil humano de Torres, situado no seu ambiente e na sua paisagem moral. Um grande e sentido livro, êste, tributo afetivo e inteligente de alguém que podia pagá-lo, em nome de uma geração, a alguém que tanto o mereceu.

★

L'AIGLON - Edmond Rostand - (Trad. de Gilberto Bacellar) - Rio de Janeiro

Uma das grandes peças do teatro romântico contemporâneo, «L'Aiglon», marca uma época do teatro francês, onde o nome de Rostand é todo um capítulo, repondo em cena, em plena voga do teatro de adultério, os grandes temas do heroismo e da poesia, com belos e sonoros versos, agitando à luz das gambiarras e «panache» de suas figuras de legenda.

Nêste drama, Rostand faz em versos a história dramática do filho de Napoleão, aquêle infeliz Rei de Roma. O drama é emocional, lançado em proporções dignas do tema. E, sobretudo, muito francês. Talvez seja, de todo o teatro de Rostand, a peça mais profundamente francesa. E cheia de hábeis golpes de cena, de uma «carpintaria» ousada e exitosa, da primeira à última linha do diálogo. Inspirado, no melhor sentido da palavra, a peça possui um encanto, um lirismo extraordinário, um lirismo que convém ao assunto e que não colide com os momentos mais altos, com os instantes épicos que a peça, às vezes, toma, nem com a dramaticidade que palpita em cada verso. Por isso, criou o personagem a imortal Sarah Bernahardt, quem, segundo os testemunhos mais sinceros, fazia de cada alexandrino um «frisson» para a platéia. E, não há muito, assistimos «L'Aiglon» aqui, no Municipal, interpretado por uma mulher (Rostand previu para a figura do Príncipe uma interpretação feminina) e mais uma vez sentimos a beleza e a emoção que o poeta pôs em cada rima, em um trabalho de ourivesaria que, usando a velha imagem, podemos dizer celiniano.

Não nos consta que «L'Aiglon» tenha sido já traduzido para o português. Pelo menos no Brasil, cremos que sòmente o «Cyrano», no teatro de Rostand, mereceu êsse trabalho, resultando na magnífica obra que nos legou Portocarrero. Agora, modestamente, Gilberto Bacellar presta êste relevante serviço às nossas letras teatrais, fazendo obra paciente, transpondo a poesia de Rostand com minucioso escrúpulo para a nossa língua. Como tradução, não poderiamos querer melhor, sem contar que, assim, fica o grande público que não pode conhecer a obra original, com o ensejo de tomar contacto com uma das mais belas peças em versos do teatro francês de qualquer tempo, pois o drama de Rostand pode, sem desdouro, figurar ao lado dos dramas de Racine, de Corneille e de Victor Hugo.

★

A VELHA QUE TINHA UM GATO — Lucília de Figueiredo — Edições Melhoramentos — São Paulo.

Lucília de Figueiredo estréia-se em livro, com as duas lindas histórias infantis enfeixadas nêste pequeno volume: — «A Velha que tinha um Gato» e «Vamos Passear no Bosque». Contista de fantasia rica, de estilo agradavel e aliciante, Lucília tem publicado na imprensa muitos trabalhos da melhor fôrça, no gênero. Além disso, tem ela feito, habitualmente, programas de rádio, o que lhe tem valido um excelente treino de narradora. Com real talento de ficcionista, cheia de sensibilidade, com uma extrema receptividade lírica, vendo a vida em poesia, mas sem pieguice, seu livrinho de contos infantis vem documentar mais efetivamente seus dotes de escritora. Ela, como podemos vêr, sabe escrever para crianças. Tem os temas, sabe colocá-los no ângulo infantil, possui o segrêdo dessa linguagem tão rara e tão confundida sempre pelos supostos especialistas, sobretudo no rádio e, principalmente, no rádio, «soi disant» educativo. O que se dá às crianças, em matéria de literatura e rádio infantis, na quase totalidade, não passa de uma moxinifada sem sentido, mal feita, muito cacete e incapaz de interessar sobretudo às crianças. Mais ainda quando essa literatura e êsse rádio assumem atitude e pretendem ser educionais. Aí, o que encontramos é o que há de mais corriqueiro e sem nenhum sentido cultural, porque o moralismo fácil e contundente, o ar professoral com que se apresentam as peças, tudo contribui para afastar as crianças dêsse gênero entre o bocó e o pernóstico.



As historietas que Lucília de Figueiredo nos conta aqui são muito interessantes pela substância, pelo tratamento, pela maneira singela com que foram fabuladas e escritas. São duas aventuras de gêneros diferentes em que não falta nenhum dos centros de interêsse do mundo infantil, inclusive o principal deles, que é o mistério, tocado de poesia. Nestas vesperas de Natal, ganham as letras infantis um belo livrinho de histórias e ganham as crianças um belo presente de Papai Noel: uma nova criadora de enrêdos e figuras com que povôem o seu mundo de sonhos.







NOVOS MODELOS

DE PARIS chegam-nos êstes maravilhosos modelos de chapéus para as mais variadas horas e dos mais variados estilos. Em cima, à esquerda, temos um sugestivo modêlo em palha preta de aba larga, coberto de renda também preta; à direita, elegantissima sugestão para a noite em fina renda, adornado com folhas recortadas sôbre a copa, na frente; à esquerda, para o cock-tail três notáveis creações em feltro azul marinho e pássaro branco, palha brilhante beige com grosso véu preto a meio rosto e finalmente em veludo e cetim branco com plumas e véu. Em baixo mais alguns modelos, êstes próprios para a tarde; da esquerda para à direita tule preta, palha e grandes rosas brancas, veludo vermelho, véu com lantejoulas e flores em veludo branco, feltro cinza, fita em gorgurão azul marinho, véu tambem em azul marinho e adornos em feltro azul marinho e branco, aba bem curta.













Em cima, à esquerda, o Trem «Recreação dos Ferroviários» prestes a deixar a gáre de «Pedro II» rumo a Valença; à direita, aspecto da chegada dos funcionários à pitorêsca cidade fluminense; e, no centro, o Hotel de Férias da Central do Brasil, em Valença,

Em baixo, à esquerda, os excursionistas, no pátio da estação de Marquês de Valença, logo após a chegada; à direita, um aspecto do animado baile, cuja organização esteve a cargo do Prof. José Leite; e, no centro, o majestoso edifício — séde da Central do Brasil.







RECREAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL

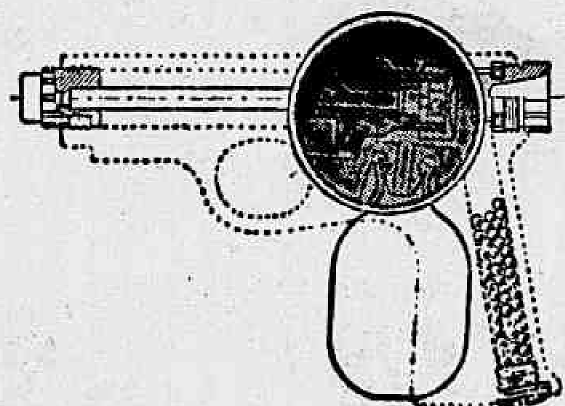
NO intuito de incrementar o espírito social entre os funcionários da Central do Brasil, bem como de proporcionar-lhes nos dias de descanso uma recreação à altura dos seus esforços durante a semana de trabalho árduo, é que a atual direção da principal ferrovia brasileira, tendo à frente a figura preclara do Dr. Jurandir Pires Ferreira, está reorganizando viagens recreativos a diversos pontos pitorescos do país para os funcionários e suas famílias. Estas excursões, que obedecem à direção dos Dr. Janderico Machado, diretor de Publicidade e Turismo, Dr. Barroso do Amaral, chefe do Tráfego e do Sr. Walter do Amaral, chefe de Publicidade, são chefiadas pelos Srs. Tarquino de Almeida e locutor Silvio Mendonça, os quais escolhem as cidades a serem visitadas, e oferecem aos seus participantes o máximo de diversão pelo mínimo de dispêndio.

Às viagens nada falta no que diz respeito a diversões, pois cada setor de divertimento tem uma pessoa capacitada à frente, que organiza tudo prèviamente, nos seus mínimos detalhes. Nesta página damos diversos aspectos do que foi a última viagem dos funcionários a Valença, onde a E.F.C.B. dispõe de um ótimo hotel de férias, com êsse único fim, constando de amplo refeitório, com capacidade para 60 pessoas, de 24 quartos bem mobilados, incluindo um apartamento, cozinha de primeira ordem, sala de espera, secretaria e de jardins bem cuidados. Êsse hotel destina-se também a receber os funcionários em gôzo de suas férias regulamentares, oferecendo-lhes excepcionais facilidades e vantagens, inclusive no que se refere a despesas, cujos pagamentos são descontados nas folhas de recebimentos.

Pistola "PNEUMATIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/2 membranas sobressalentes

Cr$ 15,00

ESTÁ À VENDA

O Album de "A CENA"

CINEMA-RÁDIO-TEATRO E MÚSICA

À Venda em tôdas as Bancas de Jornais

O ÁLBUM CONTÉM:

— Muitas fotografias coloridas e muitas outras numa só côr, porém tôdas em tamanho grande.
— Fichário completo dos artistas, biografias e curiosidades a respeito dos mesmos.
— Artigos especiais escritos por Alex Viany, Salvyano Cavalcanti de Paiva, Alberto Conrado e Leon Eliachar.

PREÇO: Cr$ 25,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio à Cia. Editora Americana
R. VISCONDE DE MARANGUAPE, 15
RIO DE JANEIRO



WEEK-END

KNEDEL DE FUBÁ

200 gr de fubá, 200 gr de farinha, 3 colheres de passas, salsa picada, sal, um pouco de manteiga quente e leite. Com êstes ingredientes se prepara u'a massa consistente, com a qual se formam knedels do tamanho de uma noz e que se cozinham em água fervendo e sal durante 50 minutos. Deixe-se escorrer bem a água, pulverizam-se com queijo ralado e regase com manteiga derretida.

BOLINHOS DE ARROZ COM FRUTAS

Em um litro de leite fervendo despejam-se 200 gr de arroz, juntando-se-lhe um pouco de sal e açúcar à vontade. Deixa-se cozinhar tudo com a panela tapada até amolecer. Tira-se então do fogo, misturando-se-lhe xícara e meia de compota de maçã ou outras frutas. Quando fria esta massa, formam-se bolinhos que se passam em ôvo batido e farinha de rôsca e que se frigem em manteiga quente. Servem-se com môlho de vinho ou de frutas.

SPETZELI DE FÍGADO

150 gr de fígado de vitela, 2 ovos, 60 gr de farinha, 30 gr de manteiga, 30 gr de pão, sal, pimenta e um pouco de salsa picada. Corta-se o pão em quadradinhos que se frigem em manteiga. Pica-se o fígado ou passa-se o mesmo na máquina de moer carne. Derrete-se a manteiga, que se mistura com o fígado, os ovos, farinha, sal, salsa picada e os quadradinhos de pão. Com uma colherinha vão se tirando spetzelis que se cozinham durante 4 minutos na sopa ou água com sal.

BOLINHOS DE SEMOLINA

400 gr de leite, 200 gr de semolina, 70 gr de manteiga, sal, 4 a 5 ovos, açúcar, canela e a casca ralada de 1 limão. Despeja-se a semolina no leite fervendo, juntando-se a manteiga e sal, deixando-se ferver tudo até despregar da panela. Quando fria esta massa, juntam-se os ovos batidos e a casca ralada de limão. Desta maneira formam-se bolinhos que se passam em farinha de rôsca. Frigem-se em manteiga e pulverizam-se com açúcar e canela.



Doris Day, além de excelente atriz é cantora, e também uma ótima dona de Casa. (Foto W.B.)

PANQUECAS COM MARMELADA

125 gr de farinha, 2 ovos, um pouco de leite e sal. Batem-se os ovos com a farinha e o sal, juntando-se em seguida o leite. Frigem-se panquecas bem finas em manteiga. Cobrem-se com marmelada, enrolam-se e pulverizam-se com açúcar.

SALADA RUSSA

Na falta de legumes em conserva, pode-se preparar esta salada com cenouras, batatas, aipo, chuchu, vagens, etc. Cozinha-se tudo separadamente com água e sal, pica-se e, querendo, acrescentam-se ervilhas.

SALADA FLORA

Sôbre um pratinho colocam-se 2 a 3 fôlhas de alface que se cobrem com salada de aipo misturado com môlho maionese. Esta salada se prepara, descascando e ralando o aipo cru. Guarnece-se com tiras de tomate cruzadas e salsa picada.

COROA DE ANANAZ

Descascam-se um ananaz que se corta em fatias. Arrumam-se, em um prato de cristal, estas fatias intercaladas com biscoitos finos, de modo a formar um anel, no centro do qual se pode colocar arroz-doce.

REFRÊSCO DE MEL

Bate-se um ôvo, misturando-se em seguida 3 colheres de sopa de leite, 1 de mel. Em um copo deita-se uma colher de sorvete de baunilha e sôbre êste sorvete despeja-se a mistura do ôvo com o leite e mel. Guarnece com creme Chantilly.

PONCHE DE CHAMPAGNE
(*5 a 6 pessoas*)

Em uma poncheira colocam-se as seguintes frutas picadas: maçãs, bananas, pêssegos, damascos ou pêras e morangos. Sôbre essas frutas esparramam-se um pouco de açúcar e despeja-se uma garrafa de champagne ou bom vinho Asti. Serve-se em taças quando gelado. Querendo acrescentam-se ao ponche alguns pedacinhos de gêlo.

Modo mais barato: Em vez de champagne ou Asti, pode-se empregar vinho branco, ou de maçã ou ainda de laranja.

COUPE "TUTTI-FRUTTI"

Picam-se diversas frutas como morangos, damascos, cerejas, pêssegos, laranjas, bananas, ananaz ou frutas em conserva. Misturam-se muito bem, acrescentando-se-lhes um pouco de Kirsch ou Maraschino. Enche-se uma tela com esta mistura de frutas até ao meio, acabando-se de

NA COZINHA



encher a taça com uma colher de sorvete de frutas. Guarnece-se com as próprias frutas.

WAFFELN

1/2 litro de leite, 4 a 5 ovos, a casca ralada de 1 limão, 1 colher de sopa de açúcar, 100 gr de farinha de trigo, sal, 60 gr de manteiga.

Mistura-se o açúcar, os ovos, o sal, a casca ralada de limão, junta-se a manteiga derretida, o leite e a farinha e deixa-se descansar 1/2 hora. Esquenta-se o ferro (aparelho apropriado), pincela-se com gordura ou unta-se com um pedaço de toucinho.

Põe-se a massa na fôrma às colheradas, fecha-se esta, assa-se sôbre o fogo, virando-se o aparelho para que fique assada dos dois lados. Serve-se com manteiga derretida, com geléia, com mel ou com melado.

(Esse aparelho é conhecido como ferro para Waffeln).

BOLINHOS DE CEREJA

250 gr de cerejas pretas, 125 gr de farinha, 1/2 xícara de leite, 2 ovos, 1 pitada de sal, 1 colher de sopa de azeite doce. Faz-se com a farinha, o leite, as gemas, o sal, e o azeite uma massa rosa de omelete e juntam-se as claras batidas em neve. Mergulham-se na massa 4 a 6 cerejas, segurando-as pelos cabinhos e fritam-se em bastante banha até ficarem bem amareladas. Pode-se polvilhar com açúcar e canela.

PALITOS

Batem-se 4 gemas com 150 gr de açúcar, 2 a 3 gôtas de essência de limão, ou uma colherinha de açúcar de baunilha.

Mistura-se tudo bem e junta-se tanta farinha quanta fôr necessária (150 gr mais ou menos).

Juntam-se as claras bem batidas, põe-se a massa em um cartucho e espremem-se filetes, do comprimento de um dedo, em uma assadeira forrada com papel untado. Polvilha-se com açúcar fino e deixa-se descansar 1/4 de hora. Assa-se em forno regular até que os biscoitos se despeguem do papel.

BOLO DE AREIA INGLÊS

250 gr de farinha de trigo, 200 gramas de manteiga, 50 gr de açúcar, uma pitada de sal, 1 ôvo.

Misturam-se depressa com a mão êsses ingredientes e deixa-se a massa descansar meia hora. Corta-se depois rodelas de 5 a 6 cm, põe-se em assadeira untada, furam-se duas vêzes com um garfo e levam-se ao forno.

OVOS MEXIDOS COM FÍGADO E COGUMELOS

Colocam-se ovos mexidos em um prato e, no meio do mesmo, um refogado de fígado e cogumelos. Em volta dos ovos derrama-se o môlho do refogado. Com pão, para o jantar, e, com arroz e salada, para o almôço.

OVOS POCHES COR ERVILHAS

Arrumam-se torradas em um prato, e sôbre cada uma delas coloca-se um ôvo poché. No centro arrumam-se ervilhas temperadas e refogadas na manteiga. Cobre-se tudo com môlho branco.

PANQUECAS SIMPLES

Misturam-se 1 xícara de farinha, 1 xícara e meia de leite, 2 ovos batidos e uma pitada de sal. Frigem-se as panquecas de ambos os lados.

OMELETE COM PÃO TORRADO

Corta-se o pão em fatias finas, que se torram em manteiga. Batem-se bem 3 ovos, juntam-se sal, e algumas colheres de nata ou leite. Despeja-se isto sôbre o pão torrado e frige-se tudo junto. Serve-se com compota ao jantar.

MACARRÃO À MILANESA

1/2 k de macarrão, língua e presunto cortado em fatias, um pouco de môlho de tomates, algumas rodelas de cogumelos refogados em manteiga, queijo ralado. Refoga-se em fatias de linguiça e presunto em manteiga e deitam-se em môlho de tomates. Misturam-se o macarrão cozido com êste refogado, os cogumelos e o queijo ralado.

RAVIOLIS KESTENHALZ

Prepara-se uma massa de macarrão, estende-se e corta-se em pedaços alongados, colocando-se sôbre cada um o recheio abaixo. Dobra-se a massa, apertando-se os bordos. Colocam-se cuidadosamente em água fervendo com sal. Quando subirem à superfície, tiram-se com uma escumadeira, deixando-se escorrer bem a água. Colocam-se em seguida sôbre um prato aquecido, cobrindo-se com manteiga derretida e farinha de rôsca. *Recheio*: Tomam-se algumas pêras sêcas que se aferventam ligeiramente e que se picam juntando-se em seguida a um punhado de passas. Mistura-se esta massa com 1 ôvo batido, sal, cravo, noz-moscada e farinha de rôsca passada em manteiga.





NÚPCIAS — Flagrantes tomados na Igreja do Sagrado Coração, nesta Capital, no dia 28 de outubro p. findo, durante o casamento da senhorita Haydée Benevides com o sr. Reinaldo dos Santos Leal, elemento de destaque da nossa sociedade. Os recém-casados, que residirão no Rio, foram à Argentina em viagem de núpcias.



"Ele" depende da Sra...

e a Sra deve confiar na

ÁGUA INGLÊSA

GRANADO

o tônico das lactantes



A SAÚDE DO BEBÊ

CUIDADOS COM O RECEM-NASCIDO

DR. SABOIA RIBEIRO

NOS primeiros dias de vida da criança alguns pequeninos problemas devem ser conhecidos das mães, mesmo porque seu desconhecimento pode ocasionar resultados plenamente funestos ou pelo menos mais ou menos sérios. De resto, imperam ainda algumas práticas perfeitamente errôneas, que abrem a porta, com bastante frequência, a verdadeiros desastres, além de sujeitar, por vêzes, a criancinha a práticas, antes, danosas para sua saúde.

Abordaremos aqui alguns aspectos que interessam grandemente conhecer a êste respeito, e no que se refere aos cuidados logo após o nascimnto.

a) Um induto sebáceo envolve normalmente a criancinha no momento em que nasce, em camada mais ou menos espêssa. Há, sempre, uma firme preocupação de remover tal enduto, e então o recém-nascido fica exposto, em mãos inexperientes e pessoas menos conhecedoras dos problemas das crianças, aos meios enérgicos e até violentos, submetido a uma esfregação valente com azeite, vaselina, sabão e outros ingredientes, como se fôra o pimpôlho, na imagem de um pediatra eminente, um verdadeiro trem de cozinha.

Ora, êsse induto sebáceo é hoje considerado como exercendo um papel protetor da pele, garantindo-lhe a imunidade, e por isso deve ser respeitado, composto, como é, de substâncias úteis ao organismo. Ao passo que a esfregação, embora assim violenta e ajudada por aquêles corpos, não o consegue remover, na primeira hora, depois de 24 horas eis que costuma desaparecer totalmente, inteiramente absorvido pela pele da criança.

O banho geral do recém-nascido é hoje, por isso, transferido pelos parteiros para o dia seguinte, ou mesmo até a queda do umbigo (geralmente ao fim da primeira semana).

b) Indispensável é, sim, lavar a região dos olhos com algodão embebido em água fervida, pingando em seguida, em cada ôlho, uma gôta de uma solução de protargol a 2%, afastando para isso, docemente, com o indicador e o polegar ambas as pálpebras com a criancinha deitada. Mais indispensável do que o banho, no nascimento, é êsse primeiro cuidado. Com isto se terá evitado uma possivel conjuntivite purulenta, responsável por um grande número de cegueira.

c) O umbigo carece de cuidados especiais, pois como já foi comparado, é bem o calcanhar de Aquiles do recém-nascido.

Os curativos devem contribuir para que se processe, o mais cedo possivel, a queda do mesmo, o que depende de uma boa dessecação e mumificação. Bastará, então, após polvilhar o coto com um pó secativo como o Dermatol, por exemplo, imobilizá-lo de encontro ao ventre com uma atadura de gase esterilizada, sêca, de 1 a 1,50 de comprimento por 5 centimetros de largura; 4 a 5 voltas com a atadura são o suficiente, em tôrno à cintura, tendo-se o cuidado de evitar excesso de pressão para não impedir a livre circulação.

Decidindo pelo banho logo ao segundo dia, o curativo será retirado estando a criança dentro d'água, a fim de amolecer qualquer secreção junto à gase e o coto.

d) Caido o umbigo, quase sempre perdura a ferida umbelical, cujo fundo se mostra levemente avermelhado, porém em geral sêco: só por vêzes se nota junto à cicatriz uma certa sorosidade ou um pequeno polipo.

Nessa fase é aconselhável, depois do banho, pincelar o fundo do umbigo com uma solução de nitrato de prata a 3%, utilizando-se um palito envôlto em algodão.

e) Afecções do umbigo são sempre dignas de todo o cuidado, e as hemorragias traduzem ou má ligadura do cordão umbelical, anomalia da crase sanguinea, e muitas vêzes sifilis ou difteria. O médico deve ser sempre solicitado ao primeiro sinal.

f) E que dizer do uso da faixa, uma prática muito arraigada, se bem que errônea? Pretende-se com ela evitar o aparecimento de uma rendidura, ou proteger contra a flacidez da parede abdominal, a queda do ventre da criança.

Ora, a observação tem demonstrado justamente o contrário. A faixa, condenando a criança à imobilidade da parede do ventre, antes favorece ao adelgaçamento e fraqueza dos músculos respectivos; êstes, pelo contrário, só se robustecem com um tratamento enérgico e precoce das massagens e ginástica abdominal, o que é incompativel com o uso da faixa.

A verdade é que a faixa sòmente serve para agravar o mal primitivo, condenando a musculatura abdominal à inatividade. De mais a mais, as hérnias do lactente curam quase sempre expontâneamente; basta simplesmente que a criança aumente de pêso, e o tecido gorduroso, à medida que se vai formando, venha se opôr à saida da rendidura, pelo refôrço da parede anterior.

g) Intervenções medicamentosas na cavidade bucal devem ser ensaiadas sòmente com prescrição do médico.

De qualquer maneira, sob nenhum pretexto será permitida a introdução na bôca da criancinha dos dedos ou outro qualquer instrumento, mesmo que com o intuito de desinfetá-la.

Tal prática é a responsável por uma espécie de aftas (as aftas de Bednar), que se desenvolvem com os traumatismos sofridos nessa suposta limpeza.

"A mucosa que reveste a cavidade bucal, no lactente, é tão delicada, que a gase mais fina atuaria sôbre ela como um pedaço de arame farpado" — eis um conceito de eminente pediatra que merece ser guardado.

Pode-se usar com proveito a seguinte fórmula diante do sapinho ou aftas da criancinha: Bicarbonato de sódio, 7 gr. Biborato de sódio, 3 gr.

Convém saber que as alterações do sapinho são, muitas vêzes, devidas a perturbações do estado nutritivo da criancinha, do estado geral, portanto; como tal, o tratamento local isolado, por si só, não é suficiente, cumprindo mais outras medidas, principalmente no que diz respeito à sua alimentação correta.

CORRESPONDENCIA DAS MÃES

M. C. Birigui — Se seu filhinho vomita quase tôda a mamadeira logo após sua ingestão, faça o seguinte: deixe-o mamar uma pequena parte, interrompa alguns minutos, pondo-a em posição vertical, e após dê o resto da mamadeira.

Com êsse artificio muita vez o alimento é perfeitamente retido. Observe, além disso, rigorosamente o horário.

C. S. Nesta — Continue até fazer 6 meses sòmente com o peito. Convém no fim do terceiro mês dar suco de frutas — umas 50 gramas às colherinhas (suco de lima, uva, de tomate, sós ou misturados e adoçados).

G. R. Meyer — Observe o seguinte no preparo do mingau: leite 1/10 do pêso, água outro tanto. Farinha à razão de uma colher-de-chá para cada 100 gramas da mistura leite e água. Cozer 5 minutos a fogo brando, guardar na geladeira, e dividir em 6 porções de 3 em 3 horas. Adoçar a mamadeira no ato de dar.

Não dispondo de um bom leite, faça-o com leite em pó (4 colheres-de-chá bem cheias para 100 de água, com idêntica diluição depois e acréscimo da farinha).



No Rádio de CURITIBA, 75,7% dos ouvintes de Rádio são da

RÁDIO GUAIRACÁ

Sim senhor, isto é o que se chama estar com a faca e o queijo na mão!

Recente pesquiza de audiência levada a efeito em Curitiba, demonstrou que a ZYM 5, Rádio Sociedade Guairacá, possue 75,7% dos ouvintes da importante capital do Paraná.

Não para aí a influência e a preferência da ZYM 5, pois seus 10 Kw. de potência levam seus excelentes programas a todo êsse Estado sulino. E tal é a soma de seus serviços radiofônicos e o conceito de suas opiniões, que em S. Paulo e outros Estados, embora em menor intensidade, conta também a ZYM 5 numerosos e assíduos ouvintes.

Curitiba é hoje uma das mais importantes capitais brasileiras, cujo desenvolvimento em rítmo acelerado, tem suas bases na sólida prosperidade da produção e exuberância das terras de todo Estado.

Por essas razões, a Rádio Guairacá põe ao seu alcance milhões de consumidores numa das mais ricas regiões do país.

Representantes no Rio de Janeiro «SEURADICO» — Rua do México, 41 Fones: 32-1086 e 32-0356

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos

FÁBRICA BANGÚ
TECIDOS PERFEITOS
Preferidos no Brasil
BANGÚ
Grande sucesso em Buenos Aires
EXIJA NA OURELA
BANGÚ-INDÚSTRIA BRASILEIRA

EMBRUJO
DE SEVILLA



Um perfume de grande distinção

MYRURGIA

Cristais da Bohemia!

O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO ATÉ HOJE!

Magníficas exposições de cristais, porcelanas, faianças e serviços de mesa

LUSTRES DE CRISTAL DA BOHEMIA

E OBJETOS DE PRATA PARA PRESENTES

Visite as incomparáveis exposições da

Princesa dos Cristais

SETE DE SETEMBRO, 97 • ASSEMBLÉIA, 90.

A 10 metros da Avenida



VIVENDO SOB O MESMO TETO

(Cont. da pág. 51)

bida e lançamos a nossa pergunta de praxe, ao que a dançarina respondeu com firmeza:

...TÃO VELHA COMO O MUNDO

— A dança é tão velha como o mundo. Como o seu ritmo é essencialmente ligado ao da música, foi cantando, sem dúvida, que os primeiros homens acompanharam as suas danças primitivas, por vêzes também batendo palmas; e, mais tarde, foi ao som da flauta que regularam os seus movimentos.

De todos os tempos, na antiguidade, a dança produziu-se sob duas formas: a uma sagrada ou hierática, participando das cerimônias religiosas, e outra profana, destinada aos divertimentos públicos e particulares. E os povos selvagens conservam êsses dois caracteres da dança; há danças religiosas e por vêzes fúnebres, e danças alegres.

A Bíblia diz-nos que a dança era muito usada entre os hebreus. Sabe-se que David dançou diante da arca. Desde a sua saída do Egito, o povo de Moisés tinha danças sagradas e regulares, danças misteriosas que faziam parte do culto, o que prova, de resto, por corrupção, aquela a que se entregava no deserto, em tôrno do Bezerro de Ouro. Os hebreus tinham também as danças nobres, que as virgens de Israel executavam nas cerimônias públicas para celebrarem felizes acontecimentos, tais como as vitórias ganhas ao inimigo, e para exaltarem a glória dos heróis da Pátria.

Entre os egípcios também a dança estêve muito em voga. Mas, foi entre os gregos, povo essencialmente artista, onde ela entrava na educação nacional, que a dança atingiu o seu alto esplendor. Fazia parte não sòmente de tôdas as cerimônias solenes, religiosas ou civis, mas também de todos os regozijos, de todos os jogos públicos, tomando tôdas as formas e prestando-se a todos os assuntos. Todos os monumentos nos lembram a extrema variedade e a surpreendente multiplicidade das danças gregas. Havia as danças militares, tais como a Pirica (usada sobretudo na Tárcia e na Terssália), a Prilide, a Opoplocia, a Menfitica, cuja invenção se atribui a Minerva e que se dançava com a espada, o dardo e o escudo; a Costariana, as danças modestas, como a Cariatis, familiar às virgens da Lacônia; as alegres como a Anagogia, as voluptuosas, como a Jônia, as Báquicas, como a Gnopédice; as obcenas, como a Fálica, também em honra de Baco, etc.

Dos gregos, a dança passou para os romanos, mas muito mais tarde e sensivelmente degenerada. Perdeu, entre êste povo pesado e sem graça, todo o seu encanto e a flor da sua poesia. Além de não se lhe dar nenhum caráter particular, foi mesclada com a pantomima. Os romanos desdenhavam a dança e só a apreciavam como espetáculo. Se se mostravam admiradores dela no teatro, se cobriam de ouro e de aplausos um Batiblo ou um Pilades, desprezavam-na a tal ponto que um cavalheiro ficava para sempre privado da sua nobreza se cometesse a falta de se entregar a ela.

Com a invasão dos bárbaros, a dança desapareceu na pavorosa tormenta e depois no período sombrio da Idade-Média, só tornando a aparecer na Renascença. Então, primeiro na Itália e em seguida na França, reencontrou de súbito, sob formas diversas o esplendor que tantos séculos lhe haviam feito perder. Foi na côrte magnífica dos Medicis, em Florença, que ela reapareceu, adornada de novas graças, e não tardou que a côrte de França, tão elegante, a cultivasse também. Eram, no gênero nobre e pomposo: a Sarabanda, a Pavana, a Corrente, a Gavota, o Minueto e a Chacona; no gênero vivo e alegre: a Galharda, a Noiva, as Canárias, o Passo-Pé, o Rigodão, o Tamboril, etc. Ao lado das danças da cidade, havia as danças do campo; eram, conforme os países — havendo a Poitevine, a Bourrée de Auvergne, a Perigordina, a Provençal, a Farandola, etc., e as danças características de certas festas, como as de São João e dos Brandões.

CONTRADANÇA VERSUS QUADRILHA

Eros Volúsia faz uma pausa, acende um cigarro e cruza as pernas... deixando-as à vista, como uma autêntica bailarina consciente das suas belas pernas. Ficamos um tanto embaraçados... mas era preciso prestar muita atenção cá... cá na escrita para não perdermos nenhuma palavra da grande artista que falava como se estivesse dando uma das suas aulas.

— Os costumes de danças há muito que se modificaram. A contradança, que mais tarde trocou o nome por quadrilha, tornou-se universal. As cinco principais chamam-se: Pantalon (ou Chaine-Anglaise), Eté (ou Avant-Deux), Poule, Patourelle (ou Trinitz) e Boulangére (ou Final). Entretanto, a contradança sofreu muitas transformações. Seria interminável a resenha do número de novas figuras, tais como a Creoula, a Aurora, as Bacantes, a Moscovita, etc.

Com a contradança transformada em quadrilha, é a valsa que reina como soberana. A valsa passa por ser de origem alemã; contudo, há quem afirme que ela tem origem na volta francesa — dança de roda a três tempos. Como quer que seja, é a dança mais usada nos bailes, cujo repertório se completa com a Polka, a Mazurka, a Redowa (dança polaca), a Scottish e duas variedades de quadrilhas de Ponceiros e Cotillon. Acrescentemos a estas danças o Pas-de-Quatre, deixando de falar no Can-Can, que não é mais do que uma baixa deformação da quadrilha.

— Cada povo tem as suas danças particulares de um caráter nacional acentuado. Na Espanha as danças são numerosas e essencialmente originais, geralmente acompanhadas pela guitarra, castanholas e pandeiretas, muitas vêzes, com o bater de mãos e pés. Nos nossos dias temos o Bolero, o Jaleo, o Samba, a Seguidilha, etc. Muitos dêles são recordações dos mouros. Na Itália, há danças também muito características e simplesmente alegres. Há a Tarantella Napolitana, a Siciliana, a Saltarella dos arredores de Roma; a Forlana dos gondoleiros de Veneza e a Trevisana do Friul.

Na Alemanha e na Áustria, principalmente, é a valsa que reina como soberana, não tendo danças características. E' a Polônia que nos apresenta danças características, como a cavalheiresca Polaca, de um ritmo cheio de nobreza e elegância; a Cracóvia, a Mazurka, ilustrada por tantos músicos, à frente dos quais cumpre citar Chopin, com a Polka, que há mais de meio século se espalhou pela Europa. A Inglaterra não brilha a êsse respeito, ao contrário da Hungria, cuja Húngara, altiva e elegante, tem semelhança com a Polaca, e cuja inebriante Czarda tantos músicos popularizaram.

A Rússia tem músicas características, cujos nomes são pouco conhecidos do Ocidente. Mencionando a Canaica e a Cossaca. E' preciso dizer que as danças circassianas e da Ucrânia têm uma grande reputação.

A grande escola coreográfica da Rússia, tal como se revela de há muito nos teatros de Petrogrado e Moscou, era por assim dizer desconhecida da metade ocidental da Europa até 1909. Foi nesse ano que, subvencionada pelo govêrno russo, a Companhia de Serge Diaghilew foi a Paris, e sucessivamente a outras capitais, mostrar o que esta arte vale em todos os seus aspectos. Com efeito, o bailado russo constitui uma expressão artística nova, uma expressão diferenciada de arte sintética em que, com idêntico valor, se fundem a dança, a mímica, a pintura, a escultura, a música e a literatura...

— Principalmente a literatura — interveio a poetisa Gilka Machado — tomando a palavra, por sua vez.

BAILADO E POESIA

— O bailado russo é renovação... é modernismo... e só pôde tomar fundo e forma com a moderna literatura — mormente a poesia. Tanto é belo bailar como versejar. A poesia é a flor das letras. E' o eterno motivo que comove e eleva a alma. E' o reflexo da alma de cada nação e de cada século. Mas porque a poesia é universal, porque ela é uma incessante evolução, é difícil determinar-lhe o sentido exato. Seja que se pretenda que a poesia é uma ficção ou uma criação, ou uma língua ritmada, ou um produto da inspiração e do entusiasmo, enuncia-se sempre uma proposição inadequada à causa definida. Mas, pois que a poesia é uma arte, e, como tal, traduz-se exteriormente qual é o fim, qual é a forma e qual é a maneira desta arte suprema?

A poesia dirige-se à sensibilidade, não ao saber; ao conhecimento intuitivo, não à razão discursiva; à imaginação, não à lógica. Esforça-se por despertar no coração ecos prolongados. O poeta descobre associações que encantam a imaginação (símbolos e metáforas); apela, sobretudo, para a música do verso (medida e rima). A nossa atenção, sem que intervenha o julgamento, é irresistìvelmente suspensa; escutando ainda a música do verso mesmo quando êle não é mais do que um ruído sonoro e vazio de sentido.

A grande poesia poderia, portanto, ser definida como uma arte que se dirige sobretudo às faculdades intuitivas do nosso ser, cuja ação sôbre a alma resulta principalmente da harmonia rítmica, e que tem por matéria "tudo o que há de íntimo em tudo" — segundo escreveu o grande Victor Hugo.

Examinada nas suas relações com as outras artes, a poesia aparece como possuindo o que falta a tôdas as artes plásticas: o desenvolvimento progressivo, o poder de representar com palavras, matéria flexível e sutil, o movimento do pensamento, e as gradações fugitivas do sentimento.

Como a música a poesia é uma arte que "apossa-se do homem pela sua humanidade tôda inteira": idéias para o espírito, imagem para a imaginação e música para o ouvido."

O AMOR E' O PRÓLOGO...

— Quais os principais motivos dos seus versos? — perguntamos.

— O amor e a natureza, afora o fundo socialista. Fui mal recebida, ou melhor, mal compreendida pelos críticos, quando da minha estréia. Viram nos meus versos sensuais motivos para crítica. Focalizaram apenas o lado sensual da minha poesia, esquecendo por conveniência o lado humano e sentimental. Jamais me envergonhei disso. Pelo contrário, orgulho-me de ser u'a mulher sensual. Como mulher e como poetisa sempre fui sincera; sempre fui franca e tive sempre a coragem de dizer bem alto o que pensava e o que desejava. Tôda mulher deseja ser possuída... amada... beijada... acariciada... Mas ne-

(Cont. na pág. 52)

A vantagem não está em ser "Amigo da Onça"

Está em comprar na "CASA DA ONÇA"

O MAIOR, MAIS VARIADO E MELHOR SORTIMENTO DE CALÇADOS ELEGANTES
RUA URUGUAIANA Ns. 72 e 74 — TELEF.: 43-5740 — RIO DE JANEIRO

MÚSICA

BACH

De ROBERTO LYRA FILHO

O sentido da herança de Bach, hoje incorporado ao patrimônio musical da humanidade, ressalta, bem claro, no canto coral. A religiosidade da música de Bach não se apresenta, apenas, sob o aspecto de recolhimento e introspecção. A simplicidade, sob cuja superfície nítida se esconde o esfôrço do criador, convoca as vozes para a confraternização, nas efusões corais e a música devolve à religião o seu sentido próprio, etimológico — de **religare** — unir. Não é ociosa a insistência do maestro Villa Lobos no caráter popular da obra de Bach, pois, além do apêlo à participação do povo, nos cânticos, ela manifesta a sua ligação com as fecundas raízes sociais no aproveitamento das ricas sugestões folclóricas, refinadas e reagrupadas na harmoniosa construção musical. Foi, aliás, o próprio Villa Lobos quem esboçou o traço de união entre Bach e a própria substância musical brasileira. As suas «bachianas» fundiram a evocação clássica com o mais legítimo elemento nacional, em páginas de robusta inspiração.

Agora, ficamos a dever, ainda, a Villa Lobos uma valiosa constribuição para as comemorações do centenário de Bach.

Do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, realização do talento empreendedor de Villa Lobos, partiu a iniciativa de um recital no qual foram apresentados corais de Bach. Evidentemente, a interpretação não obstante o carinho com que foi burilada, ressentiu-se de imperfeições que podem ser atribuidas à dificuldade de reunir um conjunto completo e perfeito. A falta de um número maior de vozes masculinas, por exemplo, era, em certos números, um fator que perturbava a harmonia do conjunto.

Mas se fomos, logo, registrando, com êsse reparo, imperfeição que não diminui o prazer estético da agradável audição, foi para liquidar, de uma vez, as questões desagradáveis, passando aos merecidos louvores pelo ajustamento, contrôle e afinação.

Regido por grupo de alunas do Conservatório, o côro correspondeu ao comando de suas maestrinas com maleabilidade, atendendo, melhor, é claro, àquelas que revelaram mais autoridade e segurança. De uma maneira geral, porém, o programa transcorreu dentro de um alto nível de excelência interpretativa.

Villa Lobos pronunciou uma breve palestra sôbre o alcance daquela sessão, discorrendo com fluência e erudição sôbre a obra de Bach que estudou, profundamente, conseguindo traçar em poucas palavras o panorama do mundo «bachiano». E' com contribuições dessa categoria que se mantém viva a obra de Bach, analisada, interpretada, e apreciada por sucessivas gerações, sem que o trânsito através dos séculos lhe tenha crestado a frescura ou obscurecido o brilho.

S. EXCIA. O VEREADOR...

(Cont. da pág. 33)

rações que inscrimos neste texto, ouvimos detalhes de sua vida tumultuosa, cheia de imprevistos. Notamos primeiramente a sua grande preocupação de se tornar merecedor da confiança que os seus eleitores lhe impuseram. E disse textualmente: "Encaro com seriedade a confiança que em mim depositaram. Farei tudo para corresponder a fim de, nas próximas eleições, poder contar com essa gente que me elegeu. Se fôr feliz me candidatarei a deputado, em caso contrário Pimpinela fará severas criticas ao cidadão e vereador Silvino Neto: "Eu não te disse, maluco! Como vaes te meter numa trapalhada dessas! Cria vergonha, tu não dás para isso." — Serei o meu maior critico. Mas, se conseguir corresponder, pretendo deixar um patrimônio mais honroso que um bom-humorista e filho extremoso para o Paulinho. Quero que êle se orgulhe do pai."

Insistimos com Silvino: — Você não está arrependido de ter-se candidatado a vereador, sabendo que provàvelmente seria eleito deputado?...

— Absolutamente. Sou calouro na politica. Tenho que aprender muita coisa. E tenho fé em Deus que corresponderei para fazer calar aos que maldosamente não crêem em mim. Antigamente era eu que achava impossivel fazer graça porque é das artes a mais dificil. Entretanto, acho possivel fazer politica, bastando que para isso, além do trabalho eu conserve a honestidade. Estou grato aos motoristas e à "Liga" (...), ao povo em geral. Paulo Gracindo, que era o mais cotado, foi derrotado pela Rádio Tupi, que lhe tirou das mãos a sua grande tribuna eleitoral. Aliás, a Tupi quis fazer o mesmo comigo, mas, com o meu temperamento independente, consegui superar os obstáculos. Deixei-a por várias razões. Primeiramente, por falta de pagamento. E o desfecho que foi a proibição que recebi para que não fizesse politica em meus programas, coisa, aliás, que é a alma de minha arte e que venho fazendo há 14 anos. Vitima dessa torpeza, fui para a Rádio Guanabara, onde acusei as chantages. Paulo Gracindo ficou até sendo ignorado como candidato. Considero, por isso, um grande triunfo sôbre os meus inimigos e do eminente dr. Getúlio Vargas."

Recordamos a Silvino, que como êste repórter, êle também tinha sido vítima de cadeia no quinquênio Vargas. Silvino refletiu e discordou num ponto:

— "O dr. Getúlio não sabia de muitas coisas feias que os seus amigos praticavam. Não fui prêso por êle..."

Nessa altura chega um rapazinho ridiculo, filho do governador Álvaro Maia, que dirige uma pilhéria deselegante ao nosso entrevistado. Silvino sentiu-se revoltado com a ousadia do rapaz. Antes, encontráramos outros conhecidos seus, inclusive um motorista que assim se expressou, desconhecendo a qualidade de repórter da pessoa que acompanhava o seu amigo:

— "Quero ser teu motorista, Silvino."

Silvino respondeu-lhe:

— Não aceitarei comissão alguma e não pretendo comprar automóvel.

O rapaz prosseguiu e Silvino observou:

— Como se engana essa gente. Perderei muitos votos para o futuro. Sempre fui brincalhão, naturaumente êsse jovem pensa que darei um carro do govêrno para êle fazer farras.

Realmente, é problemática a situação de Silvino Neto. Seus eleitores conscientes esperam dêle uns decretos e boa-conduta, enquanto outros desejam apenas empregos quando Silvino nos afiançou estar decidido a corresponder às aspirações daqueles que o honraram com o seu voto.

UM PARALELO

Na Grécia antiga surgiu um homem que fazia o povo sorrir. Também era mágico, adquirindo com isso uma popularidade fora do comum. Era como Silvino Neto, combatia alguns poderosos, embora não tivesse grande cultura. Sua fama se estendeu e já se tornava incômoda até o dia em que o candidataram a um pôsto eletivo. Foi vitorioso e deixou de lado a sua antiga arte, dedicando-se exclusivamente aos livros e à politica. Foi o maior legislador de seu tempo. De ídolo irônico transformou-se em ídolo sério. Silvino Neto conhece a história, história que, infelizmente, é ligada à mitologia... Porém, a eleição de Silvino aconteceu, é um fato. Vamos ver se o rapaz personaliza uma história não confirmada.

TRÊS ENTREVISTAS

Abordamos inúmeras pessoas de diversas camadas sociais, a fim de colhêr impressões sôbre a eleição de Silvino Neto. Dentre essas pessoas está o nosso colega Mauricio Moura, velho e competente profissional da emprêsa "A Noite". Mauricio disse-nos o seguinte: "Silvino fêz frizou inicialmente o seguinte: "Silvino fêz palhaçada para viver. Estêve recalcado, aproveitando o talento num setor dificil da arte, mas a sua alma, acho, sempre foi nobre, estou certo de que será um grande vereador. Acho que sòmente os seus ouvintes souberam aquilatar o grau de boavontade e de capacidade de trabalho, transparecidos através de seus programas na "Tupi". Quem não gosta do gênero pode estar surpreendido, mas quem, como eu, sempre admirou sinceramente êsse rapaz... E, além disso, êle foi eleito pelos seus ouvintes, e não exclusivamente por motoristas, conforme afirmam por aí. Silvino honrará o partido do sr. Getúlio Vargas."

José Pedro Conrado, funcionário municipal, expressou-se de maneira diferente. E' esquerdista: "Silvino é um abôrto da sorte. Embora seja sincero consigo mesmo, nunca votaria nêle. Deus me perdoe. Entretanto, como humorista e como homem, respeito-o porque o sei honrado."

José Damasceno Ribeiro, pessoa filiada ou simpatizante do P.R.P., partido do Plinio S., revoltado com a decepção de seu candidato, afirmou, dentro de um taxi, para o repórter, deixando por pouco de ser surrado pelo próprio motorista: "Vocês estão desmoralizados. Votaram num palhaço". O motorista Alberico, depois de insultar o seu pasageiro, refutou: "Acho que a melhor resposta é a carta que Silvino escreveu a um seu inimigo. No caso o povo é que é palhaço, meu caro."

O cidadão P.R.P. meteu a viola no saco, exclamando irônica e estùpidamente que realmente ainda há muitos palhaços no Brasil. E que êle mesmo tinha sido palhaço anteriormente. Era amigo de Barreto Pinto e votara por gratidão no modêlo não comercial de cuecas.

...E enquanto isso, Silvino Neto está eleito. E' o mais votado vereador de todo o Brasil. Mais votado que a quase totalidade de deputados, exceção feita ao filho de Getúlio Vargas, sr. Luthero Vargas. Será eleito, será empossado, será s. excia, o vereador Silvino Neto, embora intimamente os colegas sintam vontade de dizer com ênfase: Tem a palavra S. Excia., o vereador Pimpinela.

A vida de Ernestine Schumann

(Cont. do número anterior)

Quando veio à luz seu filho Ferdinand, ela recebeu uma proposta de contrato para cantar óperas em Leipzig. Separou-se a custo do recém-nascido, viajou para Leipzig e começou os ensaios para a representação de "Lohengrin". De repente começou a sentir as dores de uma lactante. Não contara com a natureza. Seus seios estavam túrgidos; torturavam-na. Durante o ensaio um ator acidentalmente bateu-lhe no peito, fazendo-a gritar de dor. Uma mulher do côro, que percebeu quão urgentemente ela precisava do seu filhinho, confessou-lhe que trazia uma preocupação agoniante no coração. Pois que também tinha um nenê de dois meses e estava fraca demais para o amamentar.

— Não posso pagar uma ama de leite, e meu nenê está morrendo lentamente de inanição.

A voz da pobre mulher tremia, estando quase a chorar.

— Frau Schumann-Heink, talvez... quisesse...

— Mas sem dúvida, mein liebchen! Traga a criança ao teatro, que eu a amamentarei bem depois de cantar. Traga-a todos os dias. Farei tudo que puder para a salvar.

A ópera nada perdeu com isso, e a criança só teve a ganhar. De três em três horas era amamentada. Ernestine nunca esqueceu o olhar daquela mãe. Anos mais tarde, quando cantou de novo no teatro de Leipzig, uma senhora de cabelos grisalhos apresentou-lhe uma jovem de dezesseis anos no camarim.

— Aqui está minha filha, senhora Schumann-Heink; aquela criança que estêve à morte e que a senhora amamentou neste mesmo teatro, faz anos. Lembra-se?

A jovem chorou quando a grande cantora apertou-a nos braços.

Em 1898, Frau Schumann-Heink veio à América. Era a realização de um sonho que a dominara por muitos anos. Quando Mr. Grau, o empresário do Metropolitan Opera House, telegrafou-lhe contratando-a, ela tomou passagem com seu marido para estrear na América.

Ao chegar o navio a Nova York, Mr. Grau a cumprimentou e... empalideceu. Que mulher danada! Estava sempre de filho nas ocasiões impróprias.

— Madame Schumann-Heink, que desastre! Receio que não seja capaz de cumprir seu contrato, com a chegada de um novo nenê.

— Bobagem — replicou ela. — Que entende o senhor de nenês? Já tive filhos mais de uma vez. Vou cantar calmamente. Vai ver só como eu vou cantar!

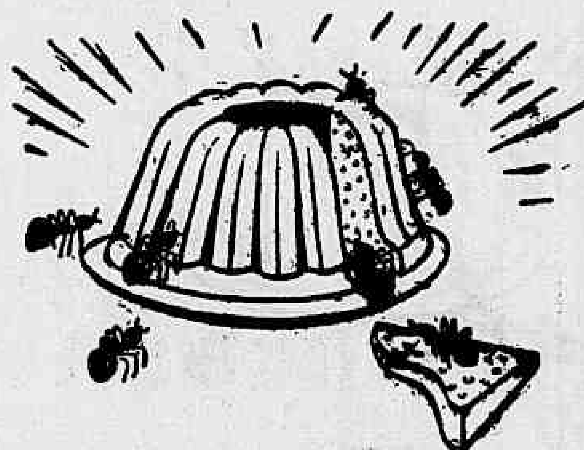
Aquela mulher de índole bondosa e franca era uma lei para si mesma.

Quando, porém, subiu ao palco em Chicago, todos seus companheiros ficaram de respiração opressa por causa daquele entezinho a quem só faltava um mês para estrear na vida. Poderia ela cantar e se ajoelhar como Orturd em "Lohengrin"? Êles não se davam conta da energia e do vigor do coração duma mãe austriaca. Ela sentia em si tôda a fôrça do mundo quando cantava. A assistência berrava e sapateava em

(Cont. da pág. 52)

"Hóspedes indesejáveis"

...são baratos e formigas que invadem a cozinha para estragar e contaminar os alimentos.



Proteja armários e prateleiras com NEOCID em pó, que não transmite cheiro à comida e é inofensivo.

Prefira a lata grande — a embalagem mais econômica de NEOCID em pó

NEOCID

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22,00	30,00
Jasmin — Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
F. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitziko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35,00	40,00
Narciso N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Pretx. Super	35,00	45,00	55,00
Rumeres — Super	35,00	45,00	55,00
Escândalo — Super ...	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super.	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	90,00
Soupplesse LF	50,00	70,00	90,00
Biarritz LF	50,00	70,00	90,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	90,00
Arabesque LF	60,00	80,00	100,00
Heno del Campo LF ...	60,00	80,00	100,00
Casino LF	60,00	80,00	100,00
Violette Feuilles LF ...	85,00	105,00	125,00
La Rose Rougeatre LF	85,00	105,00	125,00
Champagne LF	60,00	80,00	100,00
Despesas Reembolso ..	9,00	9,00	9,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legitimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A Feira das Essências

Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

Mães carinhosas... e previdentes

confirmam com orgulho:

para as crianças do Brasil

só o TÔNICO INFANTIL



Tudo quê o delicado organismo infantil exige no período de crescimento... cálcio, fósforo, sais minerais e vitaminas — está incluído na fórmula especial do TÔNICO INFANTIL! Para que seus filhos cresçam sempre fortes, alegres e sadios, dê-lhes o fortificante certo e eficaz: TÔNICO INFANTIL!

O único de fórmula especial para crianças

OUTRA PRESENÇA

(Continuação da pág. 24)

porque já estás ligada a mim pela identidade de sentimentos..." Implorou um "Por favor" e logo escapava à aproximação do beijo, correndo ao encontro de Elma que apontava lá em baixo, à entrada do portão grande... E depois daquele dia, as reservas, os sustos, os pensamentos contraditórios, as incertezas, os momentos de rápido entendimento pelos olhos. E as noites de insônia e de dúvida...

Edgar insistindo ao lado, desfazendo brumas:

— Ainda não me respondeste, Nilza... Leste a notícia sôbre o senador Ubaldo?

Despertou:

— Li...

Então, Lucinha, largando a boneca sôbre o tapete, correu para o pai:

— Papaizinho diz prá mamãe não brincá assim... Diz prá ela voltá outra vez.

Edgar afagou-lhe a cabecinha:

— Mas mamãe está sentada, Lucinha, não estás vendo, filhinha?

A cabecinha meneou negativa:

— Mamãe tá brincando alí em pé também...

— Óra bobagem, minha filha.

E, Edgar, abraçando-a carinhosamente, tratava de afastá-la dali:

— Vêm. Vamos buscar o Pretão:

E lá se foram atrás do gato. Quando voltou, Nilza esperava que êle se pronunciasse a respeito, mas Edgar parecia ter esquecido o incidente. Ainda perturbada, perguntou-lhe:

— Também notaste alguma coisa extraordinária aqui, Edgar?

— Que coisa?

Parecia alheio. Então Nilza tentou lembrá-lo e viu-o sorrir:

— Sempre foste de uma sensibilidade exagerada, querida. Mas naturalmente, não vais te impressionar com as fantasias de Lucinha...

— Não sei... Não é a primeira vez que ela se exprime dessa maneira... Confesso que às vêzes chego a recear, Edgar...

Êle abanou a cabeça descrente:

— Óra, tolices...

Agora, lembrando, ligava os fatos, e chegava mesmo a sentir uma presença estranha diante dela. Andou até o "sumier", ajoelhou-se sôbre o tapete, escondendo o rosto nos braços dobrados. E pediu mentalmente, com convicção: "Se é verdade que me persegues, deixa-me em paz por favor... Não me tortures mais, deixa-me seguir sòzinha o meu caminho, não procures me destruir, comovendo, corrompendo a minha essência... "E, de repente, em seu próprio cérebro, a sua própria voz: "Sou o teu outro lado. Sempre existi em ti em estado latente. Sempre sonhei me libertar, e jamais me facilitaste o domínio como agora. Como queres que eu deixe de aproveitar a brecha tão ansiada para fazer valer os meus direitos? "Descobriu o rosto devagar. Na certa fôra uma alucinação. Não podia ter passado assim dentro de si mesma, como uma pessoa estranha.

O telefone tilintou pela sala, apunhalando os seus pensamentos. Esticou o braço maquinalmente, atendeu-o entontecida ainda:

— Alô?

Elma de lá:

— Querida, tu não vens ainda? A festa já começou, estamos te esperando... Hermano sugeriu que eu te telefonasse prá apressar-te...

Hermano... Então êle a esperava... Gaguejou:

— Elma... eu...

Ia dizer "não posso ir", mas a voz falhou, e a amiga insistiu ainda:

— Estás te arrumando, não é? Naturalmente vais atrazar por causa de Edgar, êle continua trabalhando até tarde no laboratório, não é isso?

Explicou depressa:

— Não, não... Edgar, como sempre, não poderá ir... Ainda não terminou aquela experiência importante...

— Então que esperas? Vêm de uma vez, querida! Teu marido sempre te deu carta branca, que estás esperando, afinal?

Tentou relutar ainda, mas já estava sendo impelida secretamente, e a voz ia aquiescendo:

— Está bem... vou já. Estou quase pronta...

E, logo, tomada por completo, sùbitamente entregue à estranha influência, correu para o quarto, escancarou o roupeiro. E as mãos agora ávidas, correram por entre os vestidos e acertaram no mais ousado, naquele vestido preto de amplo decote que sempre se constrangera de usar em condições normais. Hoje seria o seu dia decisivo...

★

Elma veio-lhe ao encontro de mãos estendidas:

— Como estás fascinante, querida!

E, abraçando-a, já lhe sussurrava ao ouvido:

— Vais fazer sucesso, Nilza... Este vestido atrevido há de causar inveja a muita elegante presumida...

(Continua no próximo número)

Para qualquer ponto do Brasil e a Buenos Aires



BARÔMETRO HUMORÍSTICO

UM ADÔRNO CURIOSO, QUE ASSINALA AS MUDANÇAS DO TEMPO E PROPORCIONA GOSTOSOS MOMENTOS DE BOM HUMOR

ESCREVA-NOS PEDINDO UM E PAGUE AO CORREIO SOMENTE QUANDO RECEBER O VOLUME

★

Preço: Cr$ 25,00 sem mais despesas

★

PARA REVENDEDORES TEMOS PREÇO ESPECIAL PARA PEDIDOS DE DÚZIA



Fábrica "EGLY"

Caixa Postal, 1049
SANTOS (Est. São Paulo)

CONVERSA...

(Cont. da pág. 37)

amamos desde sempre e de que tal amor durará sempre e será sempre igual, harmonioso, intenso. Note, porém, que não se pode inventar êsse sentimento de eternidade. Se temos que compô-lo, é que não existe. Êle deve brotar pujante, forte, incontroverso, sem nossa interferência, sem que o procuremos e até a pesar nosso, às vezes. Compreende?

— Acho um pouco obscura sua teoria. Qual é o método para fixar êsse sentimento?

— Não há nenhum método. Isso não é uma filosofia, ciência ou arte. E' um simples sentimento.

— Simples, mas sútil.

— Não, não. E' tão violento, tão forte que, quando o sentimos, sofremos um abalo profundo em todo o nosso ser. E nos transformamos completamente. Passamos a viver a vida da criatura amada, numa unidade perfeita com ela.

— Mas, como poderemos saber dêsse abalo?

— Sempre o sabemos. E se o não sentimos, ainda, é que ainda não amamos. No momento do amor — teremos êsse choque. Essa impressão, essa certeza de que amamos desde sempre, para sempre — aquela criatura única que trouxe à nossa vida o sentido da vida, no mistério doce e trágico do amor.

VIVENDO SOB O MESMO TETO

(Cont. da pág. 20)

Estados Unidos da América do Norte em 1941, especialmente contratada pela Metro-Goldwyn-Mayer para dançar no filme Rio-Rita, rodado em Hollywood. Nessa época teve ocasião de ir por três vêzes à Casa-Branca, sendo recebida com especial deferencia pelo saudoso Presidente Roosevelt.

Ultimamente estêve em Paris onde, a convite da "Maison de L'Amerique Latine", tomou parte nos festivais de folclore franco-brasileiro.

Não ficou aí a sua atuação. Seu sucesso foi grande. Contrataram-na para dançar em diversos teatros e "boites" da Cidade-Luz. Os jornais parisienses dedicaram-lhe páginas de louvor. E a direção dos Arquivos Internacionais de Dança convidou-a para fazer uma conferência sôbre os bailados brasileiros.

Falando em público, pela primeira vez em francês, ante uma platéia especializada, conquistou um dos maiores êxitos de sua carreira artística.

Cientistas e folcloristas como Pierre Tergal e Fernand Devoir escreveram páginas maravilhosas enaltecendo a graça, a arte e a cultura de Eros Volúsia.

★

Gilka Machado é natural do Rio de Janeiro. Além de poetisa é jornalista, tendo já trabalhado na "Gazeta de Notícias", na sua fase áurea, e em outros órgãos da imprensa carioca. Os seus primeiros livros foram: — "Cristais Partidos", "Estado d'Alma" e "Mulher Nua". Posteriormente, publicou: — "Poesias", "Meu Glorioso Pecado", "Carne e Respeito", "Sublimação" e "Meu Rosto".

Estreou nas letras aos 13 anos de idade, num concurso de poesia instituído pelo "O Malho". Havia três prêmios; e ela os ganhou todos, isto é, com três pseudônimos diferentes.

Referindo-se a ela Luiz Carlos assim se expressou: — "Gilka Machado deslumbra a crítica indígena com os "Cristais Partidos" e "Mulher Nua". E' um dos melhores poetas que o Brasil produziu; na sua estesia há o ardor autêntico do tropicalismo plasmado, plasmando todos os tons picturais e musicais do nosso ambiente."

São, portanto, três mulheres notáveis, cultivando três artes distintas: — o teatro, a dança e a poesia; porém, tôdas três irmanadas no belo, no estético e no sublime.

Passemos, pois, a palavra às três artistas que, aliás, vivem sob o mesmo teto. Com o desembaraço que lhe é peculiar D. Teresa Costa vai rememorando o teatro do seu tempo, isto é, de 1891 ou 1893, mais ou menos na época da revolução do Marechal Floriano Peixoto.

— O meu ingresso no teatro data dessa época. Sempre gostei de fazer o papel de *ingênua*. No antigo Teatro Lucinda fizemos *miséria*. Parece-me que naquele tempo havia mais gôsto para com o teatro. Havia mais entusiasmo também por parte dos empresários. Os lucros eram bem maiores. Também hoje temos o cinema, que muito contribui para a decadência do teatro — é verdade. Trabalhei muito tempo na Companhia de Clementina dos Santos. Ora ela fazia o principal papel, ora eu fazia. Conforme a peça, às vêzes, havia duas figuras femininas bem destacadas. — O ator — Alves da Silva — era português. Perdi ótimas oportunidades por não querer viajar. Era o tal negócio de não querer sair da barra da saia da mamãe.

A afluência de artistas portuguêses era grande. Mas, apesar de tudo, predominava o teatro nacional. Todavia, dado ao gôsto da época, tinha mais aceitação os "dramalhões". Só muito tempo depois a atenção do público foi voltada para a comédia e a revista. Várias "troupes" da "Comédie Française" estiveram no Brasil, fazendo o teatro leve e malicioso, hoje tão do agrado dos cariocas.

Com a ampliação da nossa literatura teatral, cujos baluartes eram Machado de Assis, José de Alencar, Quintino Bocaiuva e Artur e Aloisio de Azevedo, deixamos de lado as peças de Gil Vicente — fundador do teatro português; Jerônimo Ribeiro e outros escritores quinhentistas.

★

A palestra estava nesta altura quando chegou a Eros Volúsia, trazendo-nos um *drink*. Saboreamos a gostosa be-

(Cont. na pág. 48)

Complete sua refeição com

MALZBIER da BRAHMA

Completa... completíssima é a refeição com Malzbier da Brahma. Rica em malte, Malzbier da Brahma tem um grande valor nutritivo. O lanche é sempre mais delicioso... o almoço mais apetece... e o jantar é uma "festa" com Malzbier da Brahma! Levemente adocicada e de baixo teôr alcoólico, é considerada por todos a cerveja do lar. Beba-a sempre!

EM GARRAFAS OU ½ GARRAFAS



Record 3227

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA S. A.

LUSTRES DE CRISTAL de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nossa exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPÓSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO

AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO



BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95

TEL. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Secão Especializada para Guarda de Títulos e Valores
★
Tôdas as operações bancárias inclusive câmbio.

BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando for ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ......

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

ESTÁ SE ESGOTANDO O ÁLBUM DE "A CENA" DE 1950!

Fotografias em côres e em prêto e branco

TEATRO ★ MÚSICA
CINEMA ★ RÁDIO

PREÇO: Cr$ 25,00

Pedidos pelo Reembôlso Postal, mediante vale do Correio à CIA. EDITORA AMERICANA
R. VISC. MARANGUAPE, 15
RIO DE JANEIRO

VIVENDO SOB O MESMO...

(*Cont. na pág. 48*)

nenhuma poetisa brasileira tivera, até então, a audácia de dizer tudo isso em versos. Tôdas ainda estão apegadas aos tabus e preconceitos. Eu rompi com os grilhões que me acorrentavam e me nivelavam às demais... Fui por isso chamada de dissoluta, de matrona imoral e outras coisas mais. Não importa. Só escrevo o que penso. Mas, acontece que sou mulher e "à mulher todos os deveres... ao homem todos os direitos". Escrevi versos de amor... chamaram-me de dissoluta. No entanto, notável poeta patrício acaba de publicar um livro com o título de "Libidinagem". E ninguém se atreve a chamá-lo de imoral. E repare que nem é preciso ler a obra. O título diz tudo.

Os críticos leram as minhas obras mas não devassaram a minha alma. Para perscrutar a alma é preciso subir alto... é preciso subir uma montanha. O amor é o prólogo... mas não é o fim.

Ah! êsses críticos pertencem à falange dos que sempre tudo nos roubaram usando as expressões de nossa angústia. E em atitude vibrante exclama a poetisa:

"ó vagabundos involuntários;
ó famintos proletários,
artistas, lavradores, operários,
soldados, marinheiros,
meus miseráveis companheiros!
Repudiai essa leva
que à nossa frente se precipita
num ridículo arremêdo de aflição:
não nos pertence essa grita,
que a nossa dor atroz
perdeu há muito a voz
de suplicar em vão.

★

São
os que sempre tudo nos roubaram
usando as expressões de nossa angústia
em frescos, fortes brados;
tomando-nos a dianteira
em passos lépidos e seguros
porque nunca dilaceraram os pés
na rua da amargura,
nem enfraqueceram os pulmões
nos jejuns forçados.

★

Observai-os!
— proprietários das altas posições,
— senhores dos capitais,
punindo pelos direitos,
agindo pela nossa causa,
apavorados com a fecundidade
da pobreza
que vai ser dona do mundo.

★

Observai-os!
— comeram até à indigestão,
beberam até à embriaguês,
acumulando ouro
e inutilizando alma,
enquanto abastecemos de amor
os celeiros vazios,
povoando o solo de infelizes.

★

São os que sempre nos roubaram tudo
que planejam agora um roubo mais
audaz;
querem ainda esta migalha que nos
[resta:
a independência de morrer de fome
em paz.

ó vagabundos involuntários,
ó famintos proletários,
artistas, lavradores, operários,
soldados, marinheiros,
escutai um momento
a minha voz irmã:
— aleitaram-se nos seios da miséria,
brincaram nos nossos joelhos,
os que serão
o Brasil de amanhã!

★

Para a frente, companheiros, para a
[frente,
na estranha calma do hábito da dor;
que não nos sugestione essa falsa corrida
dos que querem matar
o que nos prende à vida:
a fé,
o sonho,
o amor.

★

Para a frente, companheiros, para a
[frente,
com êles, mas sôbre êles, pois, em vão
tudo nos usurparam,
deixando-nos
o direito essencial da procriação.
Somos a fôrça pela quantidade;
avante, pela Pátria e a Humanidade,
que é esmagadora a marcha dos sem pão!

ERNESTINE...

(Cont. da pág. 49)

delírio. Vinte vêzes o pano subiu e desceu. Ela se dirigiu para o camarim, deixou-se cair e soluçou como uma menina. Foi cumulada de flores e telegramas. Mr. Grau gritava e saltava como um doido.

— Heink, você é um prodígio! Um prodígio! — não parava de dizer. — Com nenê ou sem nenê, você é um prodígio, Heink!

Foi a maior noite da vida dela. Uma noite ianque. Quando lhe nasceu o filho, o oitavo, os aplausos ainda lhe soavam aos ouvidos. Que nome havia de dar ao pirralho, senão George Washington Schumann? O cônsul alemão fêz-lhe uma visita, batendo os calcanhares; e declarou:

— A senhora não pode chamar esta criança de George Washington. E' contra a lei alemã.

— Seu bôbo — retorquiu o marido dela — não é contra a lei *americana*, porém. Estamos na América. *Êle há de se chamar George Washington Schumann*.

IV

"Gosto da América... Sou por natureza amiga de correr mundo, de não esquentar lugar, como um soldado, como meu querido pai nos velhos tempos. Cada artista é um vagabundo errante... Gosto de mudança e de aventura."

Em Londres foi a reuniões no Regent Park, jogou bacará em companhia do Príncipe de Gales. Cantou para a idosa rainha Vitória, a qual tomou-lhe o rosto em suas mãos encarquilhadas e o beijou. Mas depois de cada temporada no estrangeiro, voltava à terra do seu filho caçula. Na Europa havia dinastias de reis para denunciar a idade duma mulher. "Nasci no tempo do rei Fulano". Uma mulher num país sem rei tinha apenas a idade do momento presente. Sentindo-se que se tornava bastante "passada" nos seus papéis líricos, Ernestine atirou-se à opereta e à comédia musical. Seus amigos julgaram-se ultrajados por essa "terrível decadência". Mas que havia de terrível, se punha o coração no seu canto? E mesmo quando êle sangrasse? Uma noite, enquanto se preparava para cantar em Boston, recebeu um telegrama anunciando a morte do seu marido. Ela mal e mal cambaleou ao ler a notícia... e continuou a cantar.

Mas o canto não era capaz de impedir o mundo de se conflagrar. Em 1914 explodiu um ódio de morte recíproco entre homens que antes apreciavam a mesma música. O filho mais velho da sra. Schumann-Heink partiu para guerrear pelo Kaiser; seus quatro outros rapazes pegaram em armas do lado oposto. E a mãezinha de cabelos brancos, que com seus filhos divididos era o próprio símbolo da tragédia da Mãe Natureza, continuou a cantar.

Chegou-lhe a notícia de que seu filho mais velho, August, fôra morto em combate. E ela continuou a cantar.

Dirigiu-se aos acampamentos do exército e aos hospitais, levando a arte lírica à sensibilidade embotada dos soldados. Antes ela havia cantado para platéias entusiásticas, para ouvintes que se levantavam numa tempestade de aplausos. E agora cantava o acalanto de Brahms para rapazes que sofriam e permaneciam silenciosos, que não tinham braços com que aplaudir, mas sòmente olhos para mostrar que a ouviam.

VIDA DE ELIZABETH...

(Cont. da pág. 36)

samento horrível — ao casamento; e o casamento de seus filhos, como estava firmemente convencido, pertencia à ínfima escala dos piores crimes do mundo.

Sua aversão ao casamento era uma das estranhas idiossincrasias dêsse homem estranho. Sua própria vida de casado estivera longe de ser infeliz. Mas agora que sua espôsa morrera, êle se considerava casado com seus filhos; e desgraçado de qualquer deles se se atrevesse a "cometer bigamia" casando com outrem.

Por isso Elizabeth, enquanto Browning continuava a cortejá-la por cartas, hesitava entre o *sim* e o *não*.

"Sim", lhe respondi a noite passada;
"Não", esta manhã já eu dizia.
Uma côr à luz da vela olhada
Não é a mesma à luz do dia.

O que parecia possível à luz de vela do romanticismo, parecia incrível sob o olhar de fogo da cólera de seu pai. Muitas vêzes nas suas cartas Brownin implorava-lhe que ela o deixasse fazer-lhe uma visita. Mas ela sempre respondia com uma vaga insinuação de que essa visita devia ser adiada para outro ano, outro mês, outro dia. "Na primavera havemos de nos ver". E quando êle escreveu a ela que *essa* primavera já começava em fevereiro, ela replicou que *a dela* começava só em maio. E, por fim, quando a persistência dele conseguiu que fôsse marcada uma entrevista, ela ainda vacilou e se censurou por sua "inconveniente" impetuosidade. "Imprudente fui a princípio, e imprudente continuo, lançando-me precipitadamente através de urtigas e espinhos em vez de trilhar a vereda".

Foi em 20 de maio de 1845 que afinal Browning obteve permissão de vir a Wimpole Street. A hora para a visita, escrevera-lhe ela, devia ser "depois das duas e antes das seis da tarde". Era sempre às seis horas que Mr. Barrett voltava do seu trabalho na cidade. De maneira alguma êle devia encontrar aquêle estranho em sua casa.

Browning chegou às três horas. Sua primeira saudação topou com um avanço e uma rosnadela da parte do "spaniel" de Elizabeth. Mas a dona do cachorro o apazigou.

— Já deitar, Flush! Quieto!

O cão se aquietou e continuou a olhar hostilmente, enquanto os dois poetas conversavam disto e daquilo, de todos os assuntos exceto o único que lhes tocava de perto os corações. Pouco a pouco

Plástica, côres...

(Cont. da pág. 13)

correr a exposição e verificar por esfôrço próprio as diferenças apresentadas nas obras em sequência.

A pintura é a escolhida pela grande maioria, o que prova sua maior facilidade na execução. Isso não quer dizer, porém, que os efeitos obtidos sejam dos melhores. Vimos algumas marinhas e reproduções de flores na divisão geral, e, principalmente na divisão moderna, vistas, composições e criações fantásticas que depõem contra o bom-nome da pintura e o critério adotado na aceitação dos trabalhos. A arte pictórica termina por saturar e os olhos dos visitantes procuram refúgio nas belas esculturas. Poucas, raras mesmo, perdendo-se nas grandes salas, pequenas demais para os quadros. No entanto atraem. As pessoas esbarram quase nas esculturas, quando recuam para observar melhor um quadro sem sofrer o reflexo das luzes. Descobrem então, admiradas, as brancas figuras de gêsso e nota-se a diferença com que as olham, o respeito dado àquelas figuras, como se fôssem animadas, ou esperassem de um momento para outro um movimento para quebrar o encantamento. Dão voltas em tôrno delas, perscrutam-nas de todos os ângulos e parecem dar maior valor a uma arte que dificilmente admite deslizes de ética profissional. Na pintura é fácil copiar, aproveitar estampas ou usar projeções; na escultura, mesmo que se produzam obras alheias, sempre é necessário saber esculpir, de outra forma não se conseguirá o efeito desejado. Por se aproximar ao máximo da realidade, tanto na imitação dos entes humanos como dos animais e das coisas inanimadas, por terem relêvo e corpo, as esculturas encontram maior compreensão na massa. Obras como "Alegria de viver", "Dascanso", "Cacique", "Natividade", "Lêda e o cisne" mostram que, apesar dos pesares, aquilo que por alguns é considerado como classicismo passadista, ainda é o verdadeiro representante do belo, para que o povo goste não precisa de ensino nem de explicações filosóficas a respeito dos sentimentos introvertidos de seus autores. E' bem verdade que alguns dos artistas modernistas preferem ir contra a opinião pública para trabalharem exclusivamente em satisfação própria. Realizam obras não para serem admiradas, e sim para exteriorizarem o que êles dizem que é o que sentem. Esperam talvez serem compreendidos dentro de alguns séculos. Mas o que êles sentem, o que pensam e o que fazem é tão feio, tão antiestético que melhor seria que não o externassem a quem nunca lhes pediu tais confissões. Popularizem as artes e eduquem o povo nos assuntos que dizem respeito às mesmas para que haja maior aproveitamento da sensibilidade na vida em sociedade. Seja como fôr, pelas dificuldades encontradas, pelo apoio oficial, pelo entusiasmo dos expositores e também pelos comentários provocados, o Salão Nacional de Belas-Artes de 1950 lavrou mais um tento na vida artística da cidade.

Cantou "Noite Feliz" para homens que tinham sido uns meninos na véspera do combate. E ao terminar, tremeu de comoção ante o mais valioso presente que já recebera: aquêles rapazes de um país que não era o dela chamaram-na de "mãe". Êles eram os seus George Washington Schumanns em tôda a parte. E a canção que êles mais frequentemente pediam era "Rosário", uma canção divinamente amorosa. Pois que todos êles amavam.

Conta por conta vou rezando,
Até encontrar a cruz pendente!
E as lembranças torturando...
Triunfo vão, se estás ausente,
Se estás perdido!
Por fim o esfôrço me conduz
A beijar essa cruz, querido,
A beijar a cruz.

V

Terminada a guerra, a sra. Schumann-Heink continuou a cantar. O povo americano fêz dela uma deusa familiar. E um novo meio de expressão se apresentava à sua voz: o rádio. Em muitas ocasiões importantes ela cantou em programas de âmbito nacional. Tornou-se a *"encerradora* oficial das comemorações da Vigília de Natal e do Dia do Armistício". Cantava e falava para os seus ouvintes em tom chistoso, tagarelando sentimentalmente sôbre muitos assuntos leves. E todos os ouvintes lhe pertenciam. "Mais de uma prima-dona tem sido mãe de grande família", escreveu um jornalista da terceira década do século. "Mas ela foi mais que isso. Ela é uma mãe para ouvintes, para vilas e cidades; foi mãe da Fôrça Expedicionária Americana, e agora o é da Legião Americana".

"Mãe Schumann-Heink" era comunicativa não só emocionalmente, mas fisicamente. Cada quilo de cativância nela tinha seu correspondente quilo de carne. E a América se afeiçoou de coração a essa mulher adorável e forte, "desde a sua cabeça carinhosa até os seus sapatos de homem". Quando ela cantava o "Star-Spangled Banner", o hino nacional americano, com seu curioso sotaque estrangeiro, os ianques tiravam os chapéus e choravam. Era por *isso* que a humanidade lutara e morrera naqueles cinco mil anos: pelo direito de todos os homens cantarem o hino da liberdade, embora muitos dêles fôssem criados em circunstâncias que lhes permitiam só imperfeitamente compreender-lhe a letra. Esplêndido negócio! O povo americano ensinava à sra. Schumann-Heink o segrêdo da democracia. E a cantora ensinava ao povo americano o segrêdo da arte. E ambos êsses segredos revelavam-se como nascidos de idêntica fonte. Pois que o homem comum a praticar ações comuns pode ser um grande artista da alma. Assim como o grande artista que tem de cantar ou de pintar para a eternidade deve atingir a alma do homem comum. O espírito do bom artista pouco difere do espírito do bom cidadão. Ambos devem estar prontos a morrer por sua idéia.

A sra. Schumann-Heink dizia a tôdas as jovens estudantes de canto, como se fôsse Péricles a falar para os alunos de oratória:

— Só desperto a sensibilidade dos ouvintes quando eu mesma sinto. Nenhuma desgraça que nos sucede na vida se perde, porque vem a ser para o nosso bem. No seu estudo o cantor pode rir, chorar e tremer de mêdo; mas ao aparecer ante o público, ante "o monstro de muitas cabeças", seu autodomínio deve ser completo. Estuda na incerteza, porém se expressa com segurança. Tudo que êle ideou, tôdas as emoções nêle excitadas e por êle analisadas nunca se perderão. O cantor deve possuir um domínio tão perfeito, que seja capaz de acordar à meia-noite, saltar da cama e eletrizar o público com sua voz".

Um artista é um soldado da aventura, mas igualmente um soldado do dever. Deus lhe deu gênio para ser usado como um uniforme no serviço dos seus semelhantes.

Os anos pesavam sôbre Schumann-Heink; mas ela, que dera à luz oito filhos, seria capaz de suportar oitenta anos, se fôsse preciso. Aos sessenta e cinco arriscou uma "viagem de despedida" de vinte mil milhas. E depois de fazer os seus adeuses cantados num tremendo esfôrço, continuou a cantar como se nada tivesse acontecido. Aos setenta, disse aos amigos:

— Cheguei afinal à mocidade!

Antes que o mundo pudesse protestar contra o desafio que ela fazia às próprias leis da natureza, Ernestine iniciou uma excursão de canto popular, viajando de ônibus por todo o continente. Se era um declínio da sua carreira de intérprete de grandes óperas, era uma elevação da sua vida de grande atividade. No seu inglês estropiado, ela perguntou àsperamente aos seus críticos se não era verdade que havia uma depressão mundial. Os ingressos aos seus concertos tinham minguado com a queda da Bôlsa. Ela precisava de dinheiro. Assim, decidira excursionar com *Roxy e seu bando*; e o próprio Diabo não a impediria de dar quatro espetáculos por dia. Sim, ela continuaria a cantar aquelas canções comoventes enquanto lhe sobrasse alento nos seus rijos pulmões. Continuaria a cantar até perder a voz. "Quero morrer cantando; não no palco, não de modo a causar tumulto, mas serenamente com uma canção nos lábios". Uma rude canção de beberrões, talvez. Pois não era filha do seu pai soldado, mesmo aos setenta anos?

Quebrou ambos os tornozelos, calçou sapatos fortemente atados, e prosseguiu. Seu canto ameaçava perdurar mais do que a própria vida. Nenhuma outra cantora de ópera conservara a voz por tanto tempo. Sua voz ligara duas gerações, atravessando os anos desde a alegria da última década do século dezenove até a melancolia da quarta década dêste século. Parecia ter aprendido o segrêdo de algum acorde perdido que continuasse a ressoar eternamente fora da sala de concêrto do tempo.

O diretor de uma grande emprêsa cinematográfica, à procura em 1935 de uma substituta para Marie Dressler, contratou essa "estrêla" de setenta e cinco anos para filmagens. E ela pôs mãos à obra com tamanho entusiasmo como se contasse ter uma existência sem-fim. E o povo dos Estados-Unidos confiava, desconfiando, ouvir aquela linda voz de contralto até que o próprio tempo fôsse esquecido.

Mas um dia ela sofreu uma hemorragia da garganta. Levaram-na para um hospital de Hollywood. A amada "Heink" estava pronta para estrear no Palácio da Ópera do Valhalla.

---

o "spaniel" acostumou-se à presença do intruso. Um ardoroso, enérgico, volúvel e amável rapaz. Suas visitas foram como um tônico para sua amada inválida. Sob o calor do alento que êle lhe dava, ela realmente deixou o leito e desceu os degráus que levavam à bibliotéca. E um dia — milagre dos milagres! — ela deu um pequeno giro com êle pela rua, Flush a segui-los roçando-lhes os calcanhares. O cachorro estava deveras começando a gostar do rapaz. A tirania de Flush, afinal de contas, não era tão inexorável como a de Mr. Barrett.

Era uma sorte que Mr. Barrett não tivesse conhecimento das visitas de Browning à sua filha. E' verdade que uma ou duas vêzes Browning propusera apresentar-se a êle.

— Estou certo de que, quando falar com êle, saberei refutar as objeções que faz à nossa amizade.

Elizabeth, porém, conhecia seu pai.

— Isso é tão fácil como você varrer um têrço das estrêlas do céu com um pestanejar!

Obrigados assim a guardarem segrêdo para com o pai dela, êles foram ràpidamente impelidos da simpatia à amizade e da amizade ao amor. O que êles não se atreviam a dizer-se em voz alta, escreviam um ao outro assim que êle regressava das duas visitas. "Se ao menos eu lhe pudesse dizer", confessava êle numa das suas cartas, "*dizer-lhe!* o que seria para mim uma suprema felicidade em qualquer ocasião, embora distante". E ela retorquia: "Se ao menos eu fôsse diferente em alguns aspectos e livre em outros... aceitaria a grande dádiva da sua felicidade... Não *eu aceito*, note bem!... Eu *aceitaria!*"

Porque ela ainda hesitava. "Se eu fôsse diferente... e livre..." Mais sã de corpo, mais forte de espírito. Julgava estar por demais prêsa pelas garras da enfermidade para ainda gozar da ventura da vida de casada.

Encontramo-nos tarde, tarde demais
Para uma união, oh amigo e nada mais!
A garra da morte já a meus pés se aferra,
E se caminho me curvo para a terra.

E mesmo que ela fôsse fìsicamente forte para aceitar o amor dele, não **se sentia mentalmente** livre para assim proceder. Ela desobedecera uma vez a seu pai e o fizera perder um filho. Não ousava desobedecer-lhe de novo e fazê-lo perder uma filha.

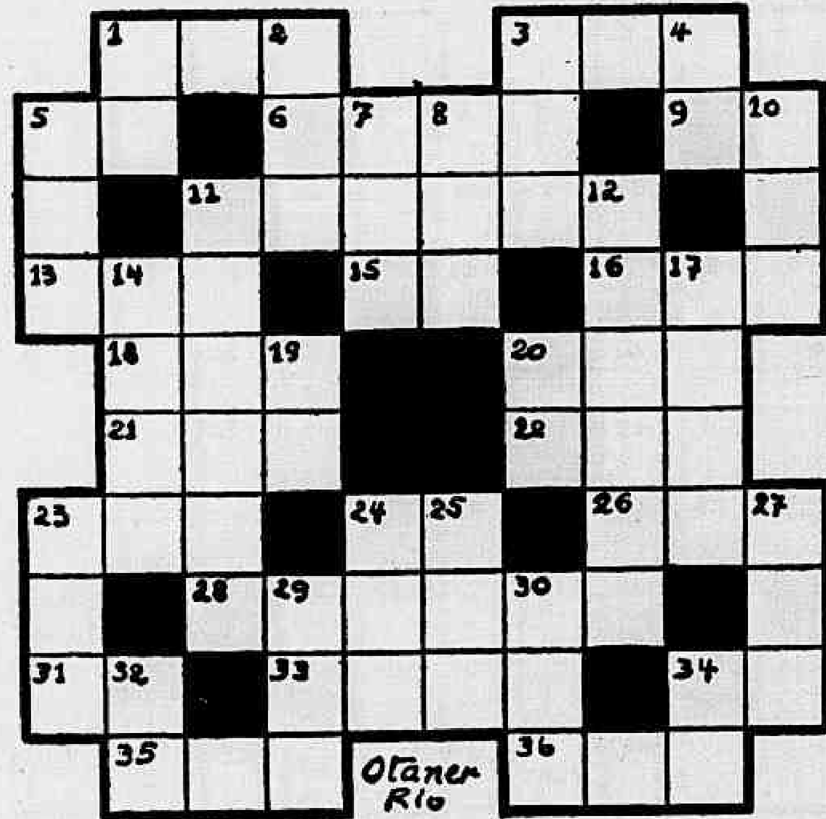
Mas Browning prosseguiu ardorosamente em sua côrte; e afinal Elizabeth, "dizendo que nunca consentiria, consentiu". Ela insistiu, contudo, que o seu casamento fôsse secreto. Se contasse ao pai sua intenção, "êle desejaria ver-me morta a seus pés; pensará isso, dirá isso, e persistirá no seu desejo".

(Cont. no próximo número)

PALAVRAS CRUSADAS

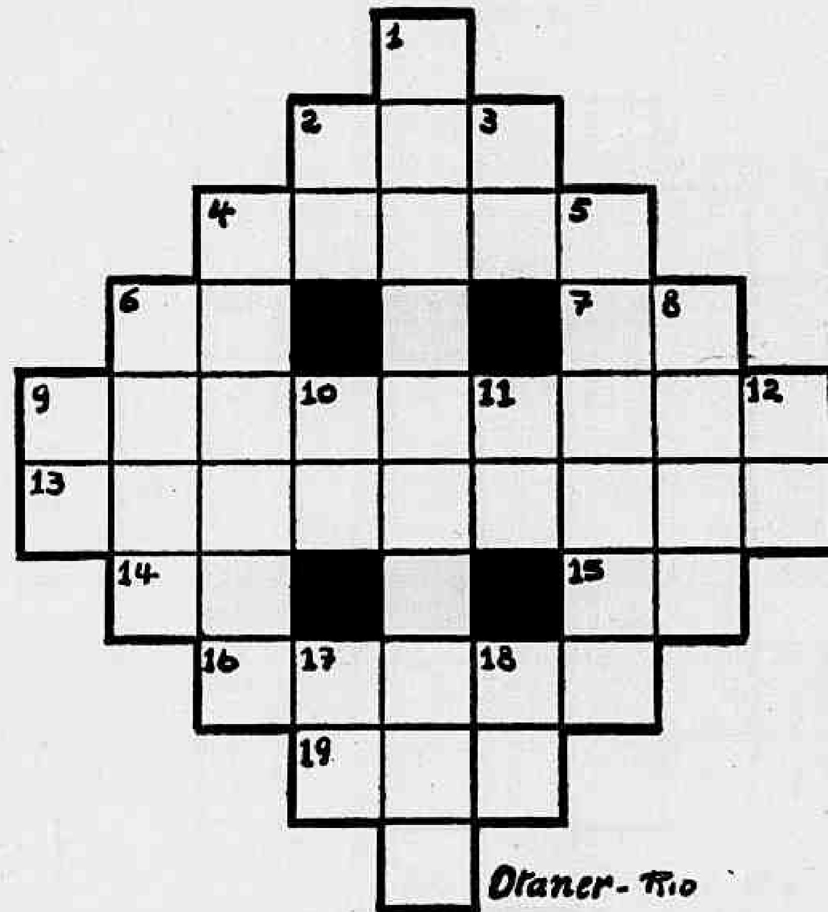
Problema n. 28 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Senhor — 3. Pedra — 5. Aragem — 6. Remar para traz — 9. Isolado — 11. Cair — 13 Ação — 15. Feminino da terminação «ão» — 16. Dona de casa — 18. Mau cheiro — 20. Canoa usada pelos índios feita de uma casca inteiriça de árvore — 21. A casa — 22. Possuir — 23. Oceano — 24. Instrumento agrícola — 26. Óxido de cálcio — 28. Separa — 31. Pária de Abraão — 33. Planta da família das Borragináceas — 34. Perversa — 35. Fileira — 36. Atilho.



VERTICAIS: — 1. Aspeto — 2. Vazio — 3. Cólera — 4. Artigo plural — 5. Pinha — 7. Intimo — 8. Rebordo de chapéu — 10. Reza — 11. Bulira — 12. — Violino — 14 — Chicote — 17. Mamífero sul-americano da família dos roedores — 19. Estupor — 20. Nome que antigamente tinha o «do» da escala musical — 23. Adjetivo possessivo — 24. Casal — 25. Sapo das regiões do Amazonas — 27. Apologia — 29. Verruma — 30. Semelhante — 32. Batráquio — 34. Pedra de moinho.

Problema n. 28 — PARA VETERANOS



HORIZONTAIS: — 2. Espécie de bandolim usado no Iran — 4. Óxido de zinco impuro, que adere às chaminés dos fornos em que se calcinam certos minerais — 6. 13ª letra do alfabeto grego — 7. Bebida chinesa — 9. Conluios de várias pessoas para enganar alguém — 13. Amoldara — 14. Nome da divindade entre os primitivos semitas — 15. Serpente sagrada do culto dameano — 16. Boa Sorte — 19. Passado.

VERTICAIS: — 1. A nobreza — 2. Bantu — 3. Medida japonêsa de extensão — 4. Refeitório — 5. Embrulhada — 6. Quiabo — Mãe-dágua — 9. Língua africana do grupo eburneo-liberiano — 10. Prefixo grego que traz a idéia de reforço, repetição — 11. Parte do navio onde se amuram as velas — 12. Ilha do Brasil, no braço do rio Parnaíba — 17. Moeda chinesa de cobre ou estanho — 18. Nojo.

Soluções dos Problemas do número anterior:

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Amaro — Abóbora — Cabular — Afilara — Balaram — Ira — Caama.

VERTICAIS: — Abafa — Mobília — Abularam — Rolaram — Orara — Acaba — Aramá — Cá — Ar.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Xácara — Iara — Nt — Ni — Sr — Desjejum — Ut — As — Só — Os — Oc — Na — Ri — Vi — Ur — Ta — Acafelar — Cá — Az — Rã — Unau — Teoria.

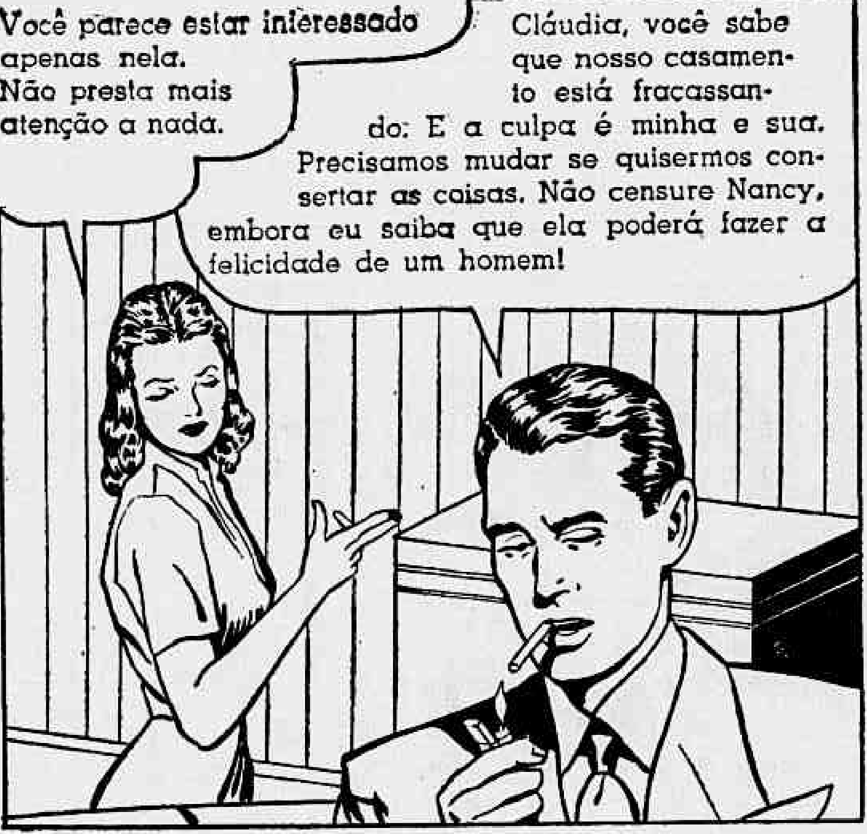
VERTICAIS: — Aí — Canja — Aries — Ra — Andú — Armo — Tetnica — Suscitar — Sã — Or — Vaca — Ufano — Rezar — Arão — Ué — Ui!

PERDERÁ CLAUDIA O SEU AMOR E O SEU EMPRÊGO?



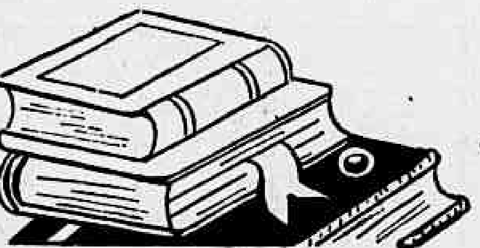






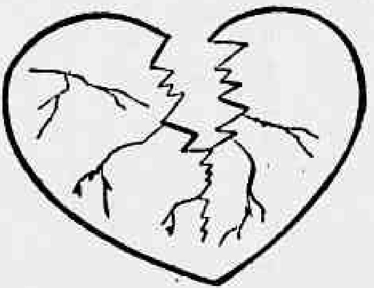


Ted só voltou muito tarde, naquela noite. A festa que ofereci, só resultou em infelicidade para mim. Êle passou a gastar seu tempo na biblioteca. Quando estávamos a sós, era como se fôssemos dois estranhos. Nosso casamento fracassava e eu não sabia o que fazer.

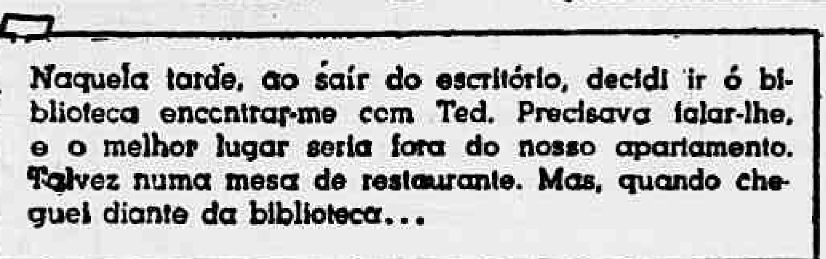


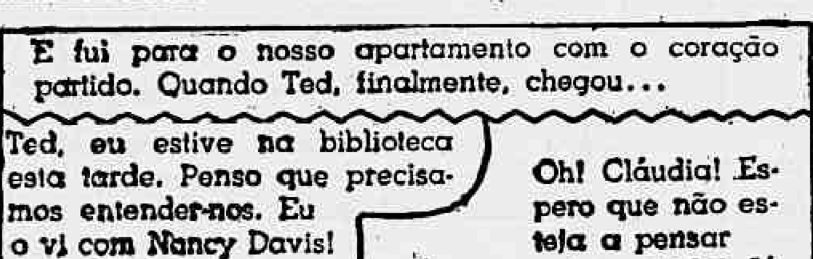


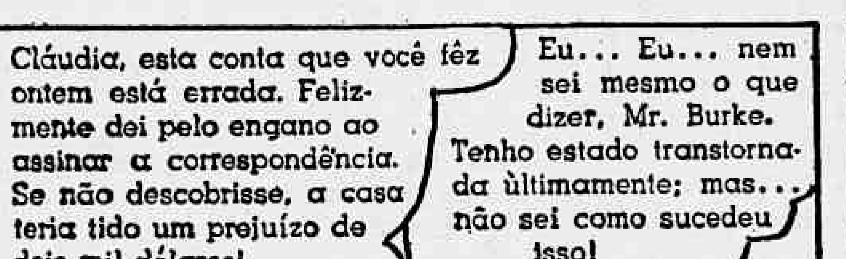
No dia seguinte, eu cometi no escritório enganos sem conta. Estava com o coração despedaçado. Que queria dizer Ted, ao declarar que havíamos mudado? Que fizera eu de mal? Como salvar meu casamento? Eu queria falar-lhe, mas, naquela noite êle não voltara para casa! E passei tôda a noite em claro!

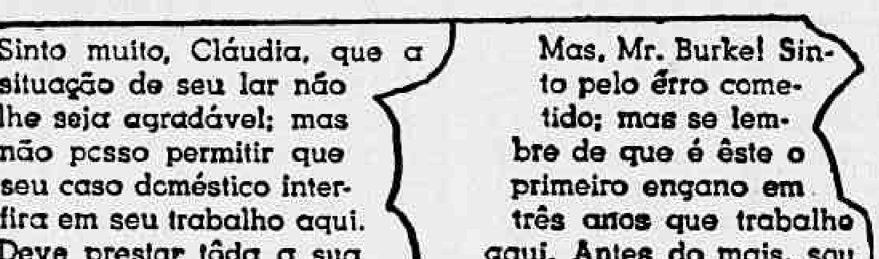







SURPRESAS DE UM CASAMENTO

Tudo isto aconteceu

PARA NÃO PAGAR IMPOSTOS



HÁ alguns meses passados, verificou-se na Inglaterra o maior movimento de noivos que apressavam osamente o dia do enlace matrimonial. seria? Prenúncios de Guerra? Algum urso pago a bom dinheiro? Desejos de ribuir para que a pátria pudesse reoensar-se dos "deficits" de gente desacida na catástrofe que enlutara o mundo durante cêrca de seis anos? Não. Não era nada disso. O caso era puramente fiscal. Sim, fiscal. Desde que um cidadão se casasse antes do fim do exercício financeiro da Grã-Bretanha, os novos cônjuges obtêm, com a licença do casamento que abrange todo o ano transcorrido, o direito de pedir que uma parte do impôsto de celibatário que pagaram, lhes seja devolvida! A quanto montam essas devoluções? A umas trinta libras esterlinas. Coisa pouca, como vemos; mas, a verdade é que os senhores noivos não querem perder a oportunidade de experimentar a sensação de pegar com suas mãos as notas que já estavam engrossando o erário público. E foi intensa e extensa, cobrindo todo o território nacional a fila dos que se amarravam para sempre diante do altar ou do Juiz de Registro Civil, não apenas pelo desejo de ter um "home", um "sweet home", às vêzes tão "bitter" que os casais desanimam da vida e têm saudades dos tempos de solteiro, mesmo pagando impostos para o benefício nacional. Mas isso é outro assunto. O sistema de fisco na Inglaterra, com essa faculdade aos solteiros isto é, de verem retornar ao bôlso algumas libras, depois de "amarradinhos", é uma coisa até poética. E vai dando certo.

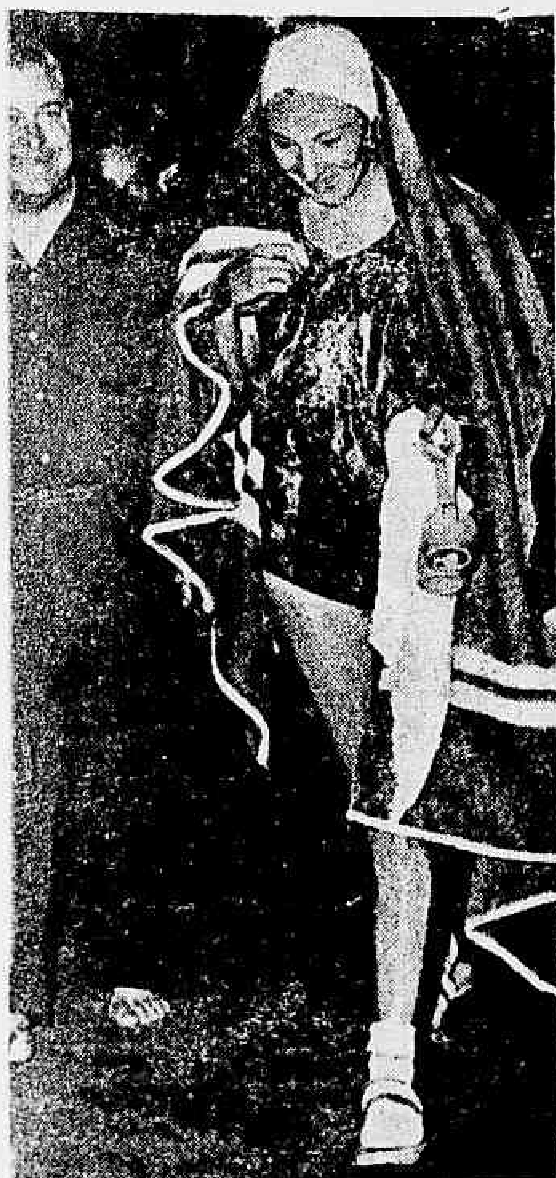
VACAS SAGRADAS

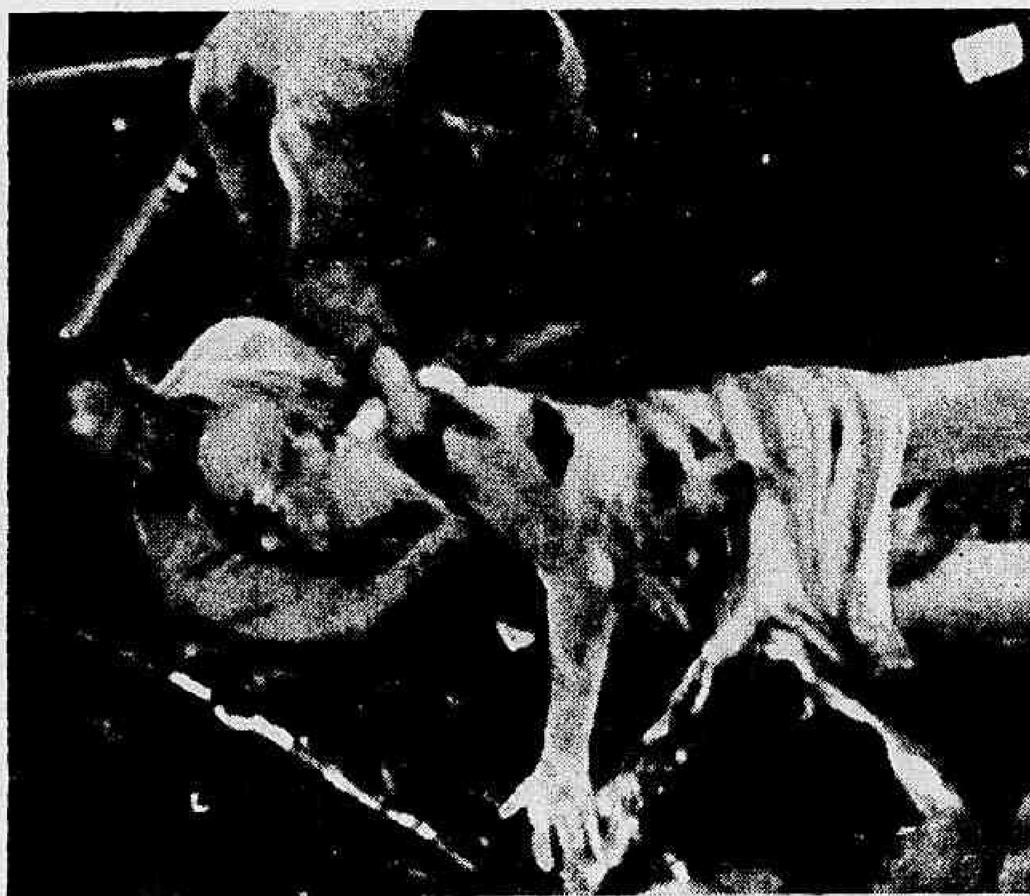


vaca é um animal sagrado entre muitos povos do Oriente. No Brasil, há leis que protegem as vacas, ou no estado gestação, ou quando nascem. E' uma tão de economia politica, das mais s e importantes num pais como êste, necessitado de "carne de vaca", mesmo seja de boi. Mas, como a ciência e os ens que se dedicam à mesma não desam, descobriu-se agora uma outra qualidade das vacas, desta vez, representa perigo imediato para a vida das mesmas. O professor japonês Usaku Tanaka, do hospital Municipal de Fukui, na ilha de Honshu, declarou ter descoberto novo processo eficaz e rápido para acabar com a careca no crânio dos homens, tanto lá do Japão como do resto do mundo. Em que consiste o remédio? E' curioso o meio: transplantação do cérebro da vaca, para a caixa craniana do careca. Diz o cirurgião que já conseguiu treze curas assombrosas. Treze homens completamente calvos, tipo bola de bilhar, depois de receberem a massa cinzenta das vacas, começaram a sentir qualquer coisa na cabeça, assim como uma comichão. Foram ao espelho, um tanto preocupados; mas não era nada de alarmante, e sim os bulbos capilares que surgiam na pavimentação lisa de suas pistas reluzentes, florescendo como babuge nos planaltos do sertão nordestino depois das chuvas de janeiro. E as cabeleiras voltaram. O sucesso é estupefaciente. O médico que descobriu o processo vacum afirma que o êxito dessa operação se deve a certos hormônios indispensáveis ao crescimento do cabelo no corpo humano. Mas é bom deixar passar alguns anos. A natureza das vacas é muito caprichosa...



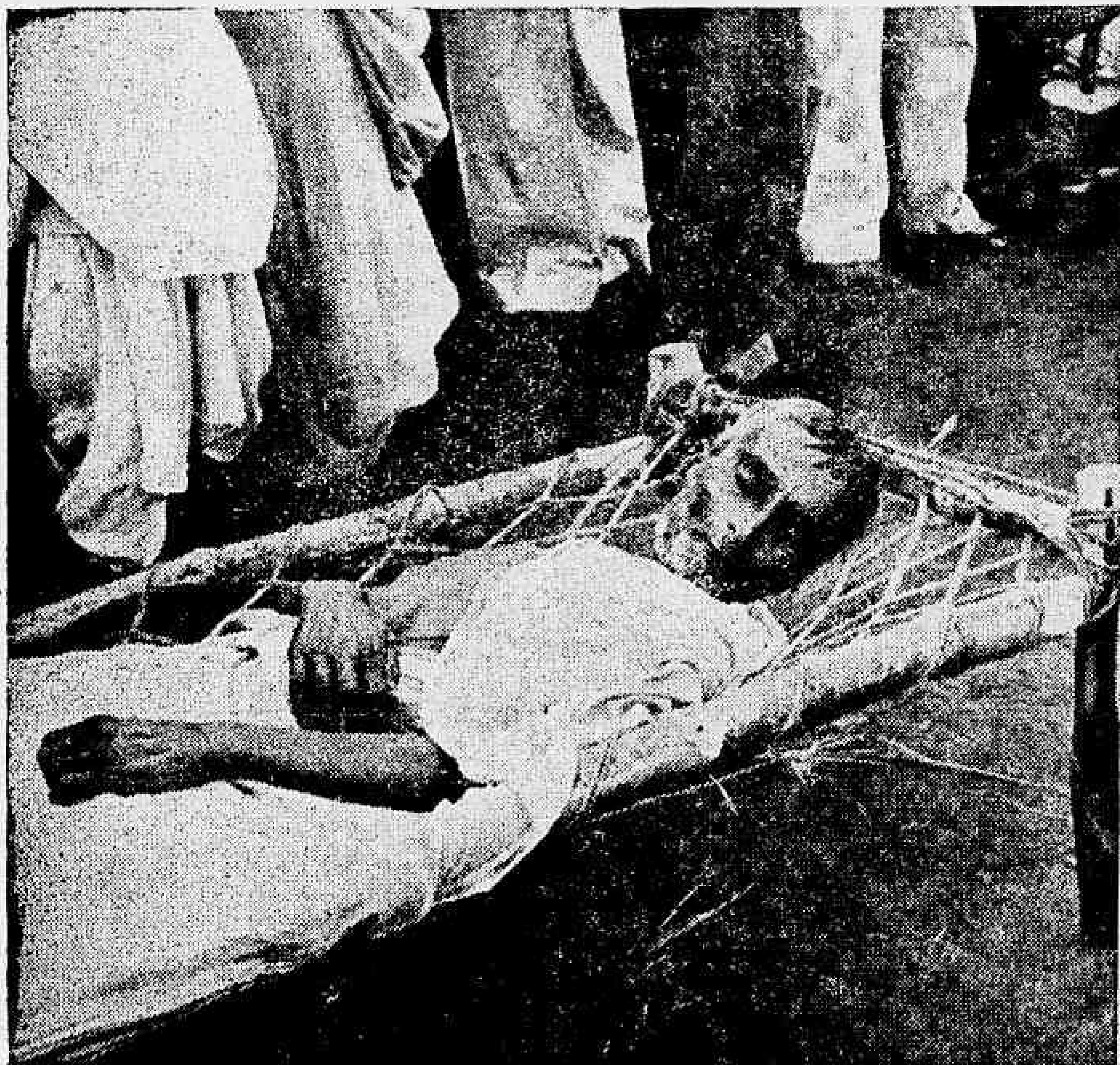
ÊSTE GUAPO RAPAZ armado até aos dentes, é primo do famoso bandido Giuliano que tanta trabalho deu à polícia e às autoridades italianas, terminando fuzilado num encontro entre as forças que o perseguiam e o seu bando. Gaspare Pisciota é primo de Giuliano e esta foto foi tomada pouco antes da morte do bandoleiro. Pisciola é o último membro da «gang» ainda vivo. Esteve internado na Alemanha e, segundo dizem, é afetado do pulmão por uma tuberculse que lhe vai minando a vida. Embora deseje viver em paz, já ameaçou vingar a morte do primo, e isso não deixa de sobressaltar aquela região italiana.







A TRAVESSIA DA MANCHA sempre constitui uma fascinação entre muitas pessoas que se dedicam ao esporte da natação. Em 1926, a 6 de agosto, uma norte-americana de nome Gertrude Ederle conseguia ir ao cabo Gris Nez, até ao outro lado do canal, batendo o recorde em 14 horas e 30. A travessia se revestiu de lances dramáticos e a vencedora fez jús ao prêmio que seu pai lhe prometera: um automovel. Agora a 18 do mês passado, outra americana, Florence Chadwick, superou a conterrânea, fazendo a travessia em 13 horas e 21 minutos. O caso mais comovente, porém, foi o daquela outra concorrente, Shirley Mey France, que teve de ser retirada do mar, porque já estava a ponto de desfalecer. Aqui vemos Florence ao dirigir-se para a prova, e a outra, — Shirley — chorando sua má sorte...



A MORTE EM CALCUTÁ, a grande cidade indiana, tem feito enormes devastações. A 16 de agosto último, houve alí um terremoto violentíssimo que arrasou seis cidades. Há pouco tempo, irrompeu em vasta zona do país uma terrível epidemia de cólera-morbo, registrando-se a espantosa sôma de duzentas mortes por dia. Nestas fotos vemos o



que foi a tragédia da peste entre os indianos de Calcutá. Sòmente depois do mês de abril é que diminuiu o surto epidêmico. Os parentes das vítimas compravam lenha e faziam grandes fogueiras para a incineração dos corpos de seus entes queridos, segundo a tradição religiosa da Índia.





QUEREMOS A RECEITA

NÃO há povo sôbre a face da terra que não tenha sofrido e continue a sofrer o agravamento do custo da vida neste último após-guerra. Uns mais, outros menos, a verdade é que todos padecemos sob o pêso de uma vida que está cada vez mais a agravar-se. Entretanto, segundo anunciam órgãos de nossa imprensa, o índice do custo da vida na União Sul-Africana vem baixando consecutivamente desde julho recém-findo. O govêrno daquela gente acaba de publicar uma estatística sensacional, através de cujas cifras verificamos que o custo da vida ali vai descendo gradual, mas firmemente. Se se mantiver o ritmo iniciado a começar de julho próximo passado, a União Sul-Africana pode orgulhar-se de ter contribuído para uma das mais belas lições de economia política ao mundo. Até agora todos sabemos que é muito fácil aumentar o preço das coisas, fazendo subir vertiginosamente o nível da vida. E as autoridades constituídas argumentam que isso é uma fatalidade histórica, o resultado da inflação, da exploração do após-guerra, da sabedoria dos que sabem comerciar. E citam muitos autores consagrados pela crítica e pelas lições da história. Mas o povo, que de filosofia e de economia política sabe tanto quanto uma vaca da arte de Beethoven, não quer saber de



erudição e explicações filosóficas. O que quer é viver mais folgadamente, comprando as utilidades por menores preços, com sacrifícios mais reduzidos. Por isso a população da África do Sul está muito contente e faz fôrça para que novas baixas se pronunciem. Nós, aqui do Brasil, fazemos um apêlo aos dirigentes da União Sul-Africana: emprestem-nos a receita dêsse milagre. Guardaremos sigilo, se isso nos fôr recomendado...

MILITARIZAÇÃO DAS VACAS

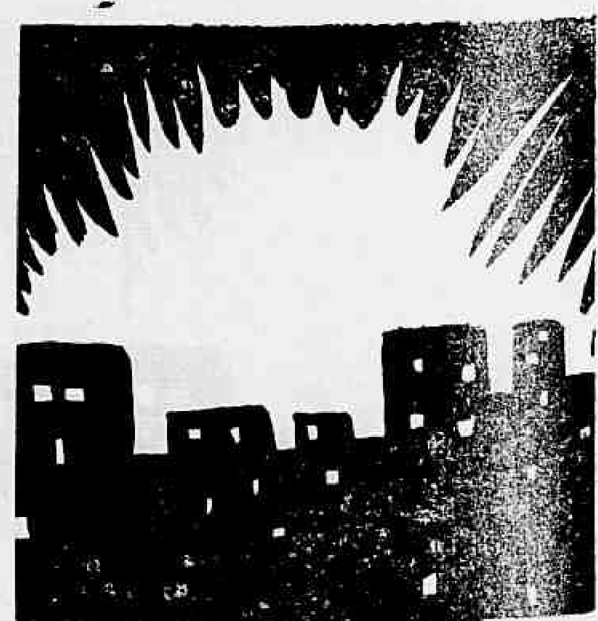
QUEIXAM-SE alguns de nossos fazendeiros do Estado do Rio e de Minas, de que já não se pode mais ter amor às coisas da terra, em face da terrível dificuldade da mão-de-obra. Um empregado para tomar conta do gado leiteiro, manter zelado, bem higiênico e limpo o estábulo, tratar das vacas, dar-lhes forragem, limpá-las dos carrapatos, etc., custa um dinheirão e, quando se encontra, não corresponde à expectativa. O fazendeiro passa dias trágicos, preocupado constantemente com o "auxiliar", pois que, sòzinho não poderá dar conta das obrigações. Os filhos, os sobrinhos, os cunhados, os primos, tôda uma família que bem poderia ser "uma mão na roda", só deseja é ir para as capitais. O mato é para bicho, para tabaréu inculto. Nada como o Rio, S. Paulo, Belo Horizonte... Pois creiam os senhores fazendeiros e proprietários que vivem nessa agonia dos demônios, que um fazendeiro e criador lá de Fenville, Michigan, Estados Unidos, resolveu o problema. Êle é possuidor de algumas dezenas de vacas leiteiras. Como a crise de mão-de-obra, de operário, de "auxiliar" também se faz sentir naquelas alturas da América do Norte, o nosso amigo que se chama A. Miller teve uma idéia genial. Recorreu ao sistema militar. Suas vacas, de agora por diante teriam que obe-



decer aos mandos e ordens por intermédio de uma corneta. À tardinha, quando o sol já se despede prometendo voltar no dia seguinte, se não chover, Mr. Miller toca a ordem de "recolher". As vacas deixam o pasto e tomam seus lugares no estábulo. Pela manhã, ao alvorecer, Mr. Miller executa outro toque, o de formar para tirar leite, e elas deixam o estábulo e formam em fila como soldados em revista. Aí está! E que não aumentem o preço das cornetas...

LUZ ESTRANHA

A psicose da guerra, os ameaços de conflagração, os preparativos para a terceira que, segundo dizem, já começou na Coréia, estão levando as populações civis a verdadeiros estados de alarma. Todo mundo anda sobressaltado. Um ruído menos conhecido, uma luz nos céus, um tremor de terra, tudo o que cheirar a luta entre os povos desavindos, provoca sérios distúrbios mentais e espirituais entre os povos dêste mundo sofredor, mas muito gozado. Agora mesmo sucedeu uma que está causando apreensões e histórias de disse-que-disse, entre as populações dos Estados Unidos e Canadá, lá pelas regiões do nordeste. Estavam todos entregues aos seus trabalhos, ou já descansando das apertura do dia que já se fôra, quando os céus se iluminaram espantosamente e um clarão estranho e inexplicável se expandiu num ponto do horizonte. Parecia uma explosão colossal produzindo luzes azuis e verdes, terminando com um encarnado muito rubro. Que seria? A noite estava muito bela; mas aquela aparição em lugares mais ou menos suspeitos, não dava tranquilidade aos milhões de canadenses e norte-americanos que moram, vivem e trabalham por ali. Imediatamente os telefones começaram a funcionar aflitivamente. Foram consultados os astrô-



nomos e meteorologistas sôbre o fenômeno. Quem sabe não seria Marte dirigindo poderoso holofote para a Terra, escolhendo um bom alvo para seu bombardeio experimental? Mas os cientistas disseram que se tratava de um meteoro gigantesco que se incendiara ao pôr-se em contacto com a atmosfera terrestre. Entretanto, uma outra autoridade declarou que não havia sido isso. E sim outra coisa. Mas... que coisa?

OS PROVENTOS DO TURISMO



DIZEM que, durante o período de janeiro a agôsto dêste ano, nada menos de 260 mil pessoas visitaram a Suécia. Em igual período do ano passado, entraram naquele país 216 mil turistas, notando-se, pois, notável aumento no ano corrente. Entre as visitas houve: cêrca de 40 mil inglêses, 35 mil americanos, 14 mil alemães, 13 mil holandeses, 11 mil e tantos franceses 7 mil e muitos suiços, 3 mil belgas, etc., etc. A Suécia oferece grandes atrativos aos povos de outros paises. Estocolmo, é, por si só, um ponto de curiosidade, mesmo para europeus e europeus que são vizinhos do velho reinado do falecido Gus. Entretanto, não é apenas para ver as maravilhas naturais e artificiais da Suécia, os seus centros de cultura e estudos, como uma de suas universidades, a mais antiga de tôda a Escandinávia, que vão tantos turistas àquele país. O turista é um cidadão que aprecia o conforto a baixo preço, as facilidades aos que viajam, a cortesia das populações, a urbanidade das policias, a facilidade de acomodações, a rapidez dos transportes. E a Suécia, é neste aspecto, um pais sem par no mundo. Mantido por um povo que goza da reputação de ser dos mais civilizados do mundo, o país de Ingrid Bergman encanta e cativa aos que o procuram para passar alguns dias. Hotéis bons e a baixo preço, facilidades e atenção especiais aos turistas, tudo isso concorre para o êxito de tal indústria dos povos adiantados. Tomando-se como base média de que cada uma das 260 mil pessoas que foram à Suécia, gastaram ali mil cruzeiros, teremos um afluxo de 260 mil contos para a circulação nacional. E durante o ano? Que lição para nós! Só atraimos agricultores emigrantes que ficam nos apartamentos de Copacabana, tomando banho de sol e achando isto aqui insuportável.

FERAS HUMANAS



E comum ouvirmos esta classificação sôbre um individuo: aquêle homem é uma fera humana. Isso quer dizer que a pessoa é dotada de mau caráter, capaz de comer um vivo. A expressão é, porém, mal posta. Um individuo que tem instintos de fera, não pode ser chamado de "fera humana". Ficará muito melhor, "homem-fera, "mulher-fera", etc. Isso nos ocorre em face do que sucedeu, não faz muito, com o tenente Cicero Correia de Melo, na fazenda Caranhas, alto do rio Mauá, em Boa-Vista. Quando o militar foi ao seu quarto, teve sua curiosidade atraida para algo que havia em baixo da cama, em seu quarto de dormir. Que era? Nada mais, nada menos, leitor, que uma grande onça pintada! Não se perturbando com a visita indesejável e perigosa, o tenente Cicero tratou de cercar a fera e garantir a casa e os demais moradores da fazenda. Chamou os cães e entregou a primeira parte da luta. Os fiéis amigos do homem é que, mais uma vez, demonstraram ser "amigos da onça", deram o alarma e acuaram a fera. O tenente percebeu que ela estava muito tímida e até calma, como se não houvesse nada de mais contra sua preciosa vida. Um laço bem pôsto e um revólver certeiro deram cabo da pintada. Juntou gente, ferveram os comentários. Todos se admiraram da calma da bicha. Entrara pela janela e estava fazendo o quimo, ou a sesta, pois no bucho estavam os retraços de tamanduás, tatus e filhotes de veado. Um banquete. Ora, se nós compararmos uma pessoa sanguinária com uma fera, não estamos falando erradamente? Fera humana foi essa onça, que, de boa-fé confiou na proverbial hospitalidade sertaneja...

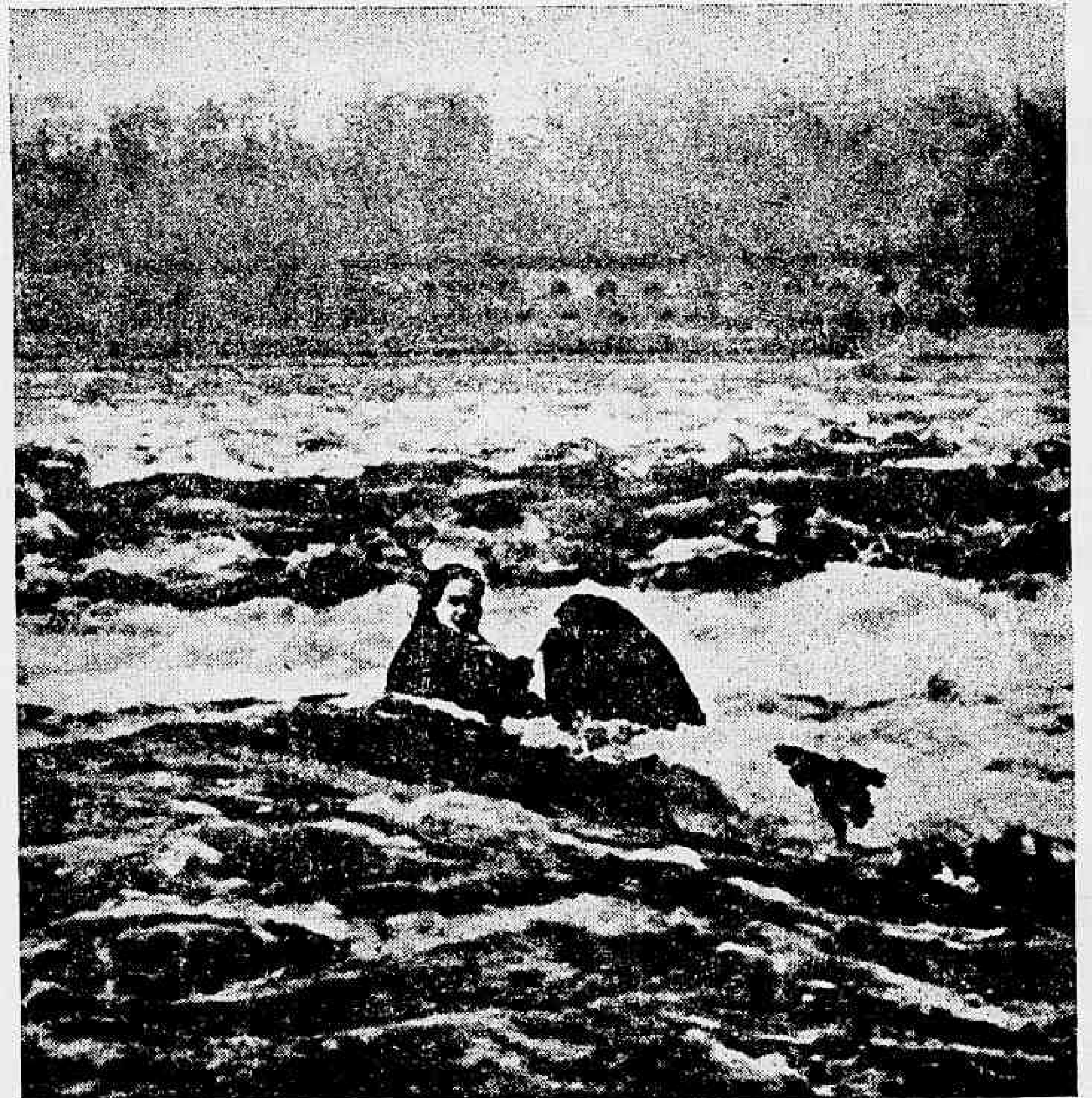
UMA QUEIXA CURIOSA



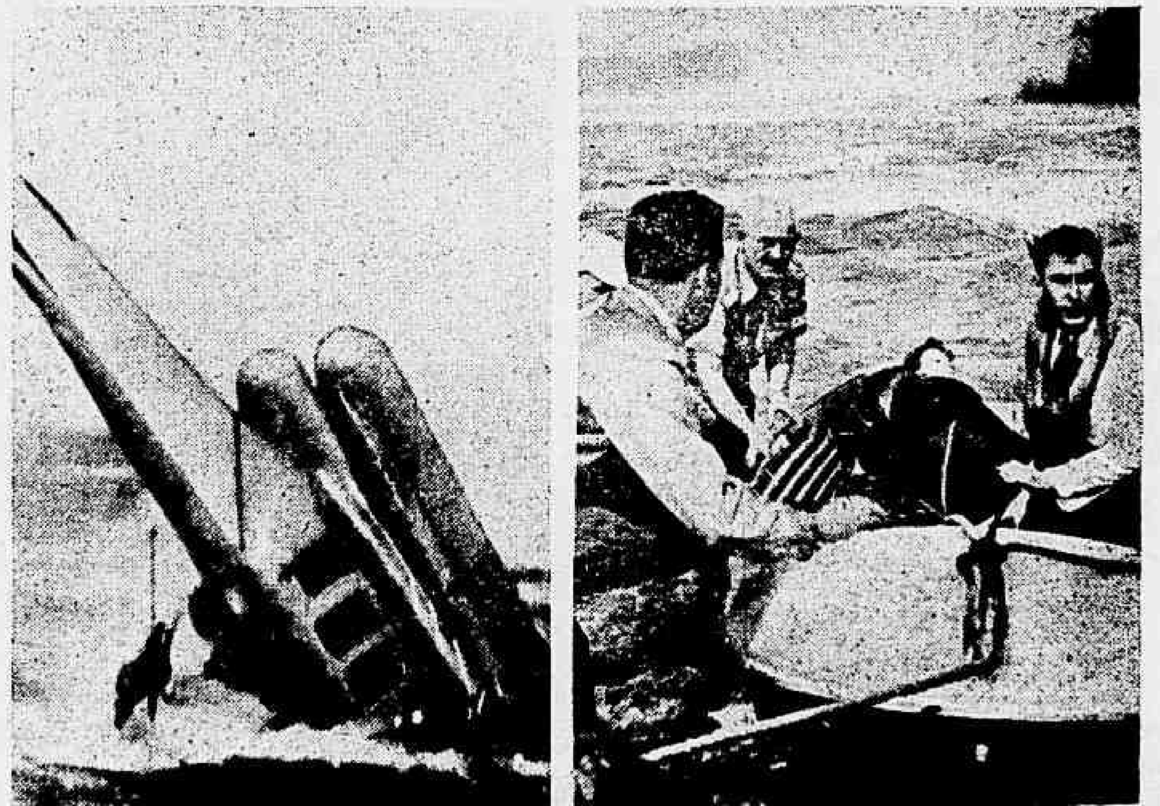
PUBLICOU a imprensa do Rio, uma questão judicial das mais estranhas. Há na cidade de Joaquim Távora, Estado do Paraná, uma firma com a razão social de Ruiz & Perez, que explora o comércio de exibição de filmes. O seu preço é de Cr$ 3,00 por pessoa. E', como vemos, preço bastante módico, embora, naturalmente, possamos imaginar que filmes são exibidos na tela. Vendo que o negócio ainda podia dar para outra casa de exibição, o sr. Januário Cordasco inaugurou uma outra sala de exibição e fixou o preço em Cr$ 1,00. Como é fácil de imaginar, os srs. Ruiz & Perez não gostaram da concorrência. Mas, como lhes era impossivel forçar o colega a elevar o custo das entradas, tiveram que recorrer ao Juizo local. Entraram com a petição de queixa-crime, fundamentando-a em que o sr. Cordasco está fazendo concorrência desleal, cobrando preço muito mais baixo do que êles. O juiz de direito julgou procedente a queixa para condenar o querelado sr. Januário Cordasco em Cr$ 5.000,00, além das custas do processo... Não se conformando com esta decisão, o multado recorreu à instância superior, isto é, ao Tribunal de Justiça do Estado do Paraná, que, tomando conhecimento do caso, reformou a decisão inicial e declarou: "Êste processo até se afigura ridículo. Em época como a atual, em que a intervenção do poder público, para coibir a majoração da coletividade, não parece razoável punir-se exatamente, quem adota no seu ramo de comércio, a politica de redução de preços, embora com espirito de concorrência". Ruiz & Perez bateram às portas do Supremo Tribunal Federal, que decidiu não tomar conhecimento do caso. Quando, no Rio, surgirá um Cordasco?



A MAIS ESPANTOSA AVENTURA sucedeu com a jovem senhora Jeanette Bugay, de 25 anos, espôsa de um chofer de praça e mãe de 3 crianças. Acidentalmente caiu sôbre as águas do Niagara, e ia ser arrastada para a catadupa infernal, quando se agrrou com todas as forças numa pedra que estava em seu caminho. Seis horas an-



gustiosas passou ali. Socorrida por um helicoptero, foi êste também acidentado quando era ela guidada para seu bordo e também caiu às águas. Outro aparelho a salvou, bem como aos dois tripulantes do primeiro helicoptero, como mostramos nas gravuras destas cousas que acontecem no mundo...



NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Eles quiseram assassinar Truman 3/5
O reduto dos artistas (Sabino Canalini) 10/15
Três mulheres famosas (Abdias Rodrigues) 16/21
S. Ex. o vereador Pimpinela (Vinicius Lima) 26/33

LITERATURA

Outra presença (Loiva Leiria Borba). 24
Tomou outro rumo (Teresa de Almeida) 34/35
A vida de Elizabeth B. Browning (Henry - Dana Lee Thomas). 36
Semana Literária (Edmundo Lys). 40/41

ATUALIDADES

A ilha dos fazedores de ídolos 22/23
As «palomas» da Avenida de Mayo. 58

HUMORISMO

A pomba da paz (Teo)...... 8
Rabisca (Nicodemus) 25

SEÇÕES PERMANENTES

Personagem da Semana.... 6
Semana em Revista 6
Puxe pelo cérebro 7
A saúde do bebê (Dr. Saboia Ribeiro) 46
Música (Roberto Lyra Filho). 49
Palavras cruzadas 52
Correio da Revista 52
Tudo isto aconteceu........ 55/57

MODAS

Três modelos 37
A Moda em Hollywood...... 38
Na praia 39
Novos modelos 42
Week-End na Cozinha 44/45

FOLHETIM

Surpresas de um matrimônio

ILUSTRAÇÃO

A. Pacheco

BONECOS

Rafael

FOTOS

Sabino Canalini — Walter Morgado — Vinicius Lima — Keystone — Celestino Silveira — Avulsas.

★

NA CAPA:

Lucile Barkley

(Foto Universal-Int.)

As "Palomas" da Avenida de Mayo



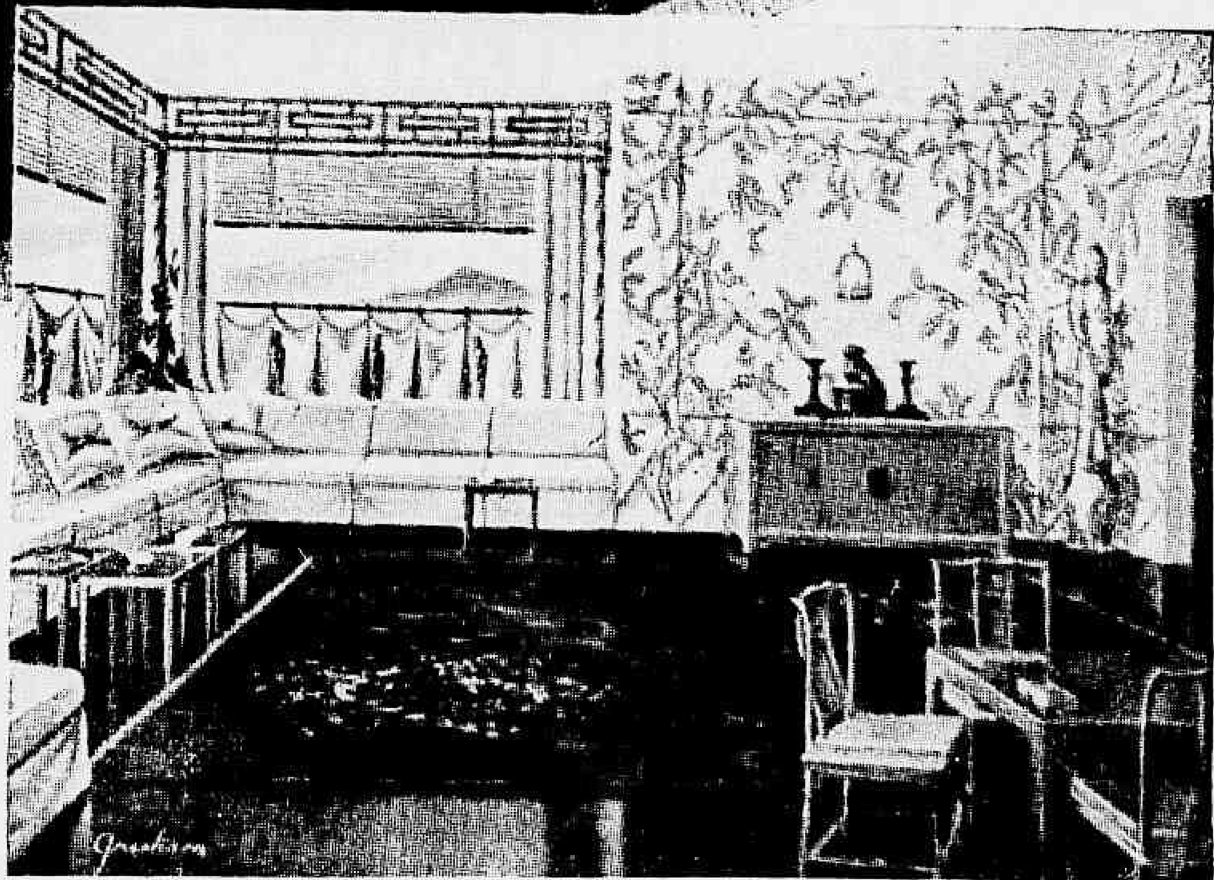
OS pombos mansos da Praça de São Marcos tornaram-se um símbolo de poesia e ternura. Mas não é só em Veneza que êles existem para embelezar a moldura da terra e dar aos turistas um halo de generosidade obrigatória: aqui mesmo, no Rio, pombos são alimentados pelo velhote simpático, de cabelos grisalhos e colarinho alto engomado — na Avenida Rio Branco esquina da Almirante Barroso. Um dia o velhote adoeceu, mas as avesitas continuaram sendo alimentadas pelo jornaleiro da esquina, que tôdas as manhãs recebe daquele piedoso cidadão, a reserva de "mistura" para seus bons amigos. E diz-se que nessa obrigação espontânea, o referido cavalheiro dispende mensalmente quantia superior a mil cruzeiros.

Em Buenos Aires, o ponto clássico das "palomas" está situado na Praça de Mayo, a dois passos da Casa Rosada, em que se instalam as dependências oficiais da Presidência. Milhares de pombos arrulham de manhã ao cair da tarde, acariciados pelas crianças, pelos velhos, pelos visitantes da capital platina, que ali vão tomar seu banho de sol e desfrutar o convívio saudável das aves, sentido o aroma dos jardins que as envolvem. Nas horas de maior movimento, pelas redondezas se instalam vendedores ambulantes de milho, alpiste e painço, servidos em cartuchos de papel, ao preço módico de dez centavos. Divertem-se as crianças com a presença de seus amiguinhos alados, pombos e pombas por mais mansos, bicando a ração matinal das mãosinhas macias que para êles se estendem, acariciantes e inofensivas.

Êsses dois aspectos foram batidos pela reportagem da REVISTA DA SEMANA quando em visita recente a Buenos Aires, onde recolheu amplo material documentário. Já a partir do próximo número êsse material será publicado em nossas páginas.

Respostas ao teste

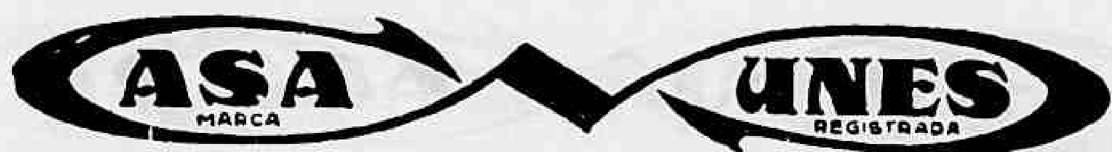
1—Feudalismo
2—George Bernard Shaw
3—Anne Stuart
4—Talismã miraculoso
5—Indivíduo muito parecido com outro
6—Mineral
7—Incombustível
8—Vestido de branco
9—Bering
10—Cordeiro de Deus
11—Suiça
12—Senegâmbia
13—Mediterrâneo e Vermelho
14—Pirineus
15—Cheia de pedras
16—Estância (14.215 hab.)
17—Édipo
18—Animatógrafo
19—Deusa da Discórdia
20—3º Sargento.



TAPÊTES e PASSADEIRAS
de forração, lisos e com flores

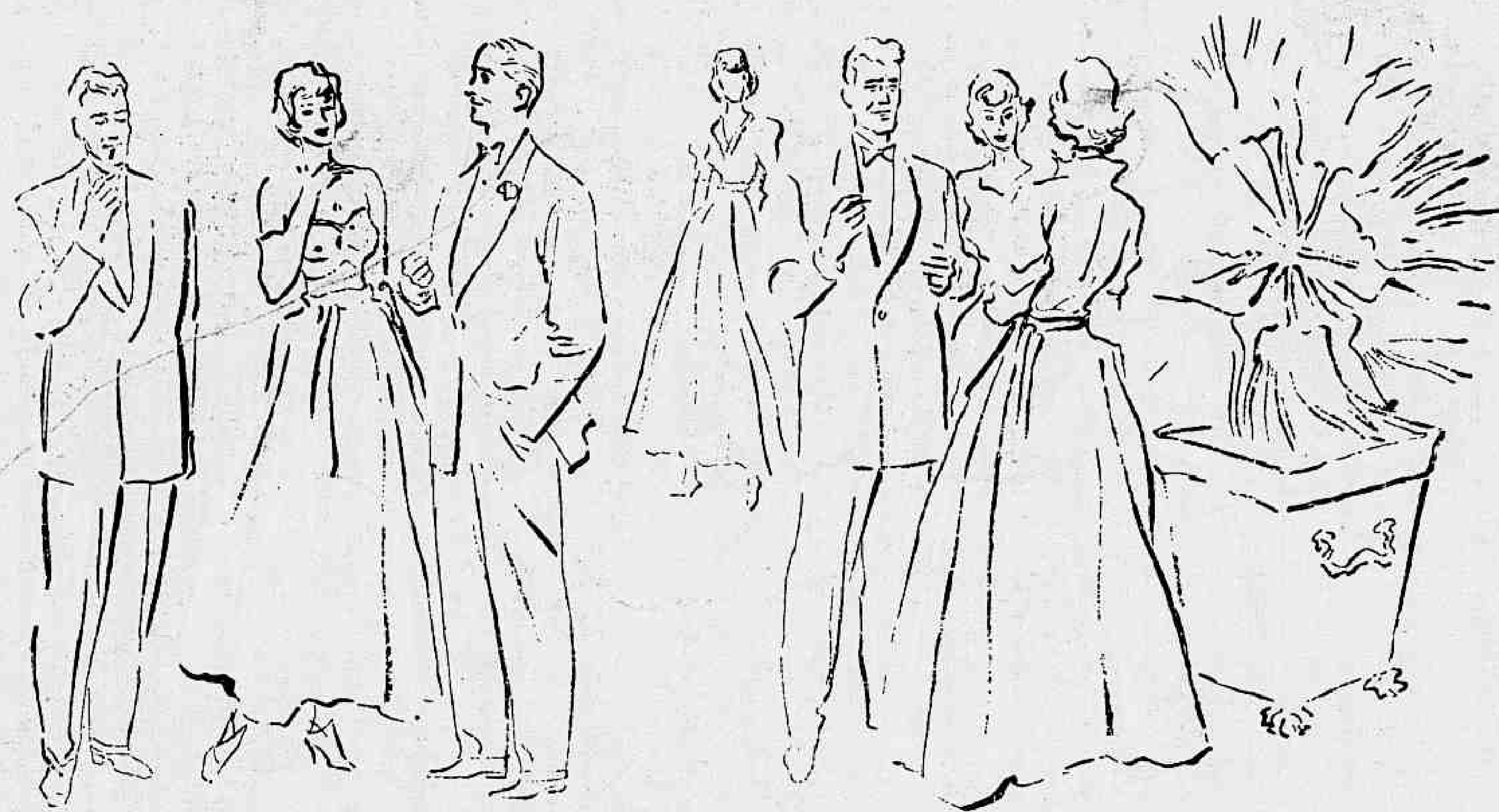
GRUPOS ESTOFADOS

— especialidade de nossas oficinas —
prontos para entrega imediata



65 — Rua da CARIOCA 67 — RIO

Escolha Unânime de uma Sociedade Exigente



Hollywood tem hoje mais fumantes do que nunca – conta, na verdade, com mais fumantes do que todas as marcas da mesma categoria combinadas... o que vem provar, mais uma vez, que Hollywood é o cigarro eleito das pessoas de bom gosto. Esta inequívoca preferência é o resultado de qualidades intrínsecas, pois Hollywood é o cigarro em que a excelência dos fumos nada fica a dever à perfeição da mistura. Como era de esperar, os fumantes exigentes, que sabem escolher, fizeram de Hollywood mais que um cigarro... uma tradição da sociedade brasileira!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ